

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS (PUC-GO)
MESTRADO EM HISTÓRIA - CULTURA E PODER

SILVIA ADRIANE TAVARES MOURA

**NAS PALMAS DA CAPOEIRA: RESISTÊNCIA CULTURAL PELA
CHAPADA DOS NEGROS EM ARRAIAS/TO (1984 a 2012)**

**GOIÂNIA - GO
2012**

SÍLVIA ADRIANE TAVARES MOURA

**NAS PALMAS DA CAPOEIRA: RESISTÊNCIA CULTURAL PELA
CHAPADA DOS NEGROS EM ARRAIAS/TO (1984 a 2012)**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), no Programa Mestrado em História, área de concentração, Cultura e Poder, linha de pesquisa: Identidade, Tradições e Territorialidades.

Professora: Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante.

**GOIÂNIA – GO
2012**

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

Moura, Silvia Adriane Tavares.
M929p Nas palmas da capoeira : Resistência Cultural pela Chapada dos Negros em Arraias/TO (1984 a 2012) [manuscrito] / Silvia Adriane Tavares Moura. – 2012.
171 f. ; il. ; grafs. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de História, 2012.

“Orientador: Prof. Dr. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante”.

1. Cultura afro-brasileira. 2. Identidade cultural. 3. Capoeira.
I. Título.

CDU: 316.72(043)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM HISTÓRIA DEFENDIDA EM
19 (DEZENOVE) DE MARÇO DE 2013 (DOIS MIL E TREZE) E

Apurada PELA BANCA EXAMINADORA.

1) Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante / (Presidente) PUC
Goiás

[Signature]

2) Dra. Raquel Alves de Carvalho / (Membro) UFT

[Signature]

3) Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto / (Membro) PUC Goiás

[Signature]

AGRADECIMENTOS

Citar nomes é arriscar, pois, sempre vamos deixar de mencionar alguém que nunca gostaríamos de ter esquecido.

Agradeço primeiramente a Deus que faz do ser humano um ser ativo de sabedoria, por guiar meus estudos pelos melhores caminhos e por me dar forças para persistir nessa tarefa árdua, porém, muito enriquecedora;

A minha mãe Dulcinéa Alves Bueno Carneiro (*in memoriam*) que tanto lutou e contribuiu para minha formação humana e acadêmica;

Ao meu esposo Rege, e meus filhos: Átila Régis, Giordana Régia, Victória Gabriella e Atos Gabriel que acreditam em minha força de vontade e me estimulam diariamente, sobretudo quando compreendem tamanha responsabilidade que consiste o ato de escrever;

Agradeço sobremaneira a minha família materna Alves Bueno e a paterna, Bispo Oliveira, Luiz Tavares Almeida, dentre os quais, sobrinhos, primos, tios, que além de serem meu sangue são também referência de responsabilidade, solidariedade e afeto. Vocês são meu suporte principal;

Ao meu cunhado José de Jesus por ser a base da nossa família e aos meus irmãos, por compartilharem comigo desse sonho, experimentando os momentos de idas e vindas, assumindo muitas vezes meu papel, cuidando de nós e dos meus como se fossem seus;

A família do meu esposo, em especial, a minha sogra, meus cunhados e sobrinhos, por me acolherem, me ampararem e tornar-me uma pessoa completamente amada;

Aos amigos, amigas e meus auxiliares, sem vocês tudo seria entediante; Aos colegas educadores e funcionários municipais, por compartilharem comigo das experiências educativas, sobretudo, profissionais da Creche Irmã Lucília (CMEI), do CMEB Lívia Lorene Bueno Maia (Escadinha do Saber) e da Zona Rural;

As ex-coordenadoras municipais: Zeneide, Marlene, Gyanne, Andréa Regina, Ildelena e a Ex-secretária Municipal de Educação, Alessandra Ramalho, por acreditar que algo de extraordinário sempre pode acontecer;

A Prefeitura Municipal de Arraias por acrescentar em minha formação profissional e pessoal;

Aos servidores da Educação Estadual das Unidades Escolares os quais influenciaram minha vida profissional e pessoal, são amigos de fé e parceiros de nossos projetos;

Aos meus colegas da Graduação em Pedagogia, em especial a Emilda da Paixão (*In Memórian*). Só nós sabemos como foi compartilhar os quatro anos na Universidade do Tocantins;

A professora Maria Auxiliadora Seabra Rezende (Dorinha), por acreditar na amplitude do trabalho do educador, capaz de atuar também em espaços socioeducativos e por investir no trabalho da Associação. Cada conquista nossa pode considerar que é sua;

As colegas de trabalho da minha mãe, professora Dulcinéa, hoje professoras aposentadas da Escola Estadual Brigadeiro Felipe e Silva Dourado, por me mostrarem os primeiros passos para a descoberta da minha função como educadora. Foi lá que tudo começou, aprendendo com minha mãe a ensinar cantando, com muito amor;

As Diretoras Regionais de Ensino da DRE/Arraias, que atuaram a partir do ano de 1993, começando pela professora Samaritana Sena e Silva, que teve uma visão a frente do seu tempo e permitiu que pela primeira vez no Estado do Tocantins, alunos do grupo de capoeira tivessem acesso ao acompanhamento escolar e extraescolar específicos. A partir de então, meus sinceros agradecimentos, pela atitude parceira e a facilidade em dialogar, mérito que devo as demais diretoras regionais que a sucederam: Dona Diran Batista Cordeiro Moura, Elaine Nunes Cardoso e a Liz Adriana Santos Martins;

A diretora Josefa Cordeiro de Oliveira, do Colégio Estadual Prof.^a Joana Batista Cordeiro, pela primeira oportunidade em lecionar no segundo grau, Ensino Médio Básico e Magistério; a Maria Tereza Granja Aguiar Azevedo, Diretora da E.E. Silva Dourado, por acreditar em meu trabalho na primeira fase como alfabetizadora de crianças, jovens e adultos;

A Rosana Aquino, servidora do Estado na Universidade Federal do Tocantins, pela motivação constante no meu ingresso na docência no Ensino Superior. De igual modo agradeço aos atuais professores da UFT, que me cercam de ânimo em continuar pesquisando;

Aos meus professores e colegas do ensino fundamental e magistério. Ao professor de História do Ensino Fundamental, Antônio Gentil (*In memoriam*) pelo meu primeiro contato com a História do Brasil, com a História Antiga e a Medieval;

Aos professores do curso de Pedagogia da UNITINS (1992-1996), por compartilhar seus saberes, especialmente a Magda Suely Pereira Costa, Márcia Cristina Fernandes Abreu, referências em Pedagogia e a Marcos Edilson Araújo Clemente, Historiador que de certa forma ampliou fronteiras do meu conhecimento e contribuiu para minha escolha em aprofundá-lo sobre o valor das fontes e a escrita da História;

A minha orientadora, Professora Doutora Maria Espírito Santo Cavalcante Rosa, que teve grande contributo para atingir o sucesso deste trabalho; Aos professores da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, do Mestrado em História, que ministraram e dedicaram suas aulas em demasia para essa conquista; a Camila, secretária eficiente da PUC e aos demais que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste.

Assim sendo, encerro meus agradecimentos dizendo que cada um sabe onde e quando pode contribuir com minha formação. Mas há também os que contribuíram e não se dão conta disso. A todos, meu reconhecimento e agradecimentos especiais.

DEDICATÓRIA

Ao Ponto de Cultura Associação Cultural Chapada dos Negros, na pessoa do Mestre Fumaça, que por intermédio da Capoeira, mudou a minha história na grande roda chamada vida.

Aos alunos e alunas do grupo de capoeira ACCN, por compartilharem comigo corpo a corpo desse aprendizado, especialmente a: Mestrando Testa, Graduados; Tranquilo, Alex, César, Zico e Danilo (Taguatinga/TO), Foca, Ligú, Coral, Pé-de-pato, Caipira, Pisca-pisca, Jacaré (Novo Alegre/TO) Papa-terra, Feião, Companheiro e Vaqueiro (Monte Alegre/GO), Sucuri (Campos Belos/GO), Contra- mestre Urso Polar, Graduados: Boca, Craúna, Coral, Mandinga, Chaminé, Folião, Pantera, Neblina Gigante, Folha, Tânia, Favela e demais ingressados em (Arraias/TO).

Aos ex-alunos que deixaram suas marcas no grupo; às mulheres, esposas ou companheiras dos nossos alunos multiplicadores, por entenderem o propósito e a dedicação pelo trabalho.

Às famílias dos alunos da ACCN pela confiança em nós depositada.

Aos Grupos de Capoeira do Estado do Tocantins, Distrito Federal, Goiás e Bahia, que sempre nos conclamam a participar dos seus eventos e ao mesmo tempo nos abrilhantam participando dos nossos com seus conhecimentos, experiências, apontamentos e sugestões.

Aos meninos (as) do grupo Terreiro - Palmas por serem uma extensão da nossa família nas voltas ao mundo da capoeira.

Aos jornalistas e escritores Rosalvo Leomeu (arraiano) e Mano Lima (capoeirista DF), pelas matérias em jornais, revistas e pelos conhecimentos da capoeira transmitidos por seus livros e matérias de jornal.

Aos representantes e alunos das Comunidades Negras Rurais Lagoa da Pedra e Kalunga Mimoso pela valorização e sustentação ao trabalho.

Aos Mestres: Barto (DF), Gilvan (DF), Tambor (TO), Geleia (TO), Pança (GO), Jean (TO), Onça Negra (GO), Besouro (TO), kall (DF), Mestre Pombo de Ouro (DF), Mestre Toco (TO), Mestre Zé Maria (BA), Mestre Lobão (SP), Mestre Carlinhos (BA) e Mestre Sabul (GO).

Capoeiristicamente dedico.

SANKOFA: “(...) volte às suas raízes e construa sobre elas para o desenvolvimento, o progresso e a prosperidade de sua comunidade em todos os aspectos da realização humana.” (LUZ, 1996, p.63).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|------|
| DEDICATÓRIA | 17 |
| LISTA DE ILUSTRAÇÕES..... | viii |
| LISTA DE GRÁFICO..... | x |
| LISTA DE TABELA..... | xiii |
| LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS..... | xvi |
| RESUMO..... | xii |
| ABSTRACT..... | xiii |
| SUMÁRIO..... | 10 |
| INTRODUÇÃO..... | 15 |
| CAPÍTULO 1..... | 23 |
| 1.1 Capoeira e Movimento Negro: um olhar sobre suas realidades no Brasil...23 | |
| 1.2 No período da escravidão | 24 |
| 1.3 Caminhos da marginalidade | 29 |
| 1.4 Do terreiro às academias | 33 |
| Imagem 1 – Rugendas. 1835. | 34 |
| 1.5 Percussores e mantenedores da capoeira como cultura de negros..... | 36 |
| 1.6 Movimento Negro e capoeira: olhares e expectativas | 43 |
| | 43 |
| 1.7 A Lei 10.639/2003: a capoeira e a educação para as relações étnico-raciais | 47 |
| | 47 |
| 1.8 Capoeira: lugar de memória e transformação de uma luta marginal a Patrimônio Cultural do Brasil..... | 56 |
| CAPÍTULO 2..... | 60 |
| 2.1 Arraias, entre o passado e o presente..... | 60 |
| 2.2 Sob as ruínas da chapada: herança histórica, memória e a identidade étnica e cultural..... | 60 |
| Imagem 3 - Ruínas da Chapada dos Negros. | 64 |
| 2.3 Resistência à escravidão: as comunidades negras rurais Lagoa da Pedra e Kalunga Mimoso..... | 65 |
| Imagem 4 - Aulas de capoeira na Comunidade..... | 69 |
| Quilombola Kalunga Mimoso. Acervo da ACCN, 2012..... | 69 |
| Imagem 5 - Aulas de Capoeira na Comunidade | 69 |
| Quilombola Lagoa da Pedra. Acervo da ACCN, 2012..... | 69 |
| 2.4 A emancipação do Município de Arraias..... | 69 |
| Gráfico 1: População Total da cidade de Arraias/TO..... | 72 |

| | |
|---|-----|
| e População Negra Equivalente..... | 72 |
| Imagem 6 - Mapa do Estado do Tocantins | 77 |
| e da cidade de Arraias/TO. Roberto Reges, | 77 |
| 2012. | 77 |
| 2.5 Arraias, da Criação do Estado do Tocantins aos dias de hoje..... | 77 |
| CAPÍTULO 3 | 89 |
| 3.1 Resistência Cultural pela Capoeira em Arraias/TO: a trajetória histórica da Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN)..... | 89 |
| 3.2 ACCN: A expressão da negritude em movimentos de capoeira..... | 90 |
| 3.3 Trajetória de um Mestre | 93 |
| Imagem 10 - Mestre Fumaça. | 94 |
| Tabela 1: (Dados dos Projetos) | 107 |
| 3.4 Entre memórias e identidades: as contribuições da capoeira para a Comunidade Arraiana - depoimentos de seus sujeitos..... | 119 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 140 |
| APÊNDICES..... | 148 |
| Apêndice A – Jornal do Tocantins/História Viva/junho 2003..... | 148 |
| Apêndice B – Arraias o Marco da Coluna Prestes - Revista Ponto nº 10/2008..... | 149 |
| Apêndice C – Arraias viva nas palmas da capoeira - Boletim Educação e Participação Julho/agosto-2008..... | 150 |
| Apêndice D – Reportagem SEDUC-TO, 26/02/2008-arquivo ACCN..... | 151 |
| Apêndice E – Catálogo do Prêmio da Igualdade Racial – SEPPIR/CRIAR Brasil/2010 | 152 |
| Apêndice F – Revista Almanaque Cultural do Tocantins/2004..... | 153 |
| Apêndice G – Arraias comemora 253 anos –Jornal Sudeste agosto 1993 acervo ACCN..... | 154 |
| Apêndice H – Capoeira Busca Formar Valores- Jornal do Tocantins - Reportagem de Rosalvo Leomeu/ junho/2003 arquivo ACCN..... | 155 |
| Apêndice I – Jornal do Tocantins- Arte e vida- Arraianos e simpatizantes querem preservar a história,junho 2004..... | 156 |
| Apêndice J – A Associação Cultural da Chapada dos Negros de Arraias é um dos grupos de resistência negra do Estado do Tocantins-Jornal do Tocantins/1998..... | 157 |
| Apêndice L – Carta de recomendação da ACCN escrita pelo Professor Historiador Doutor Marcos Edilson Araújo Clemente em 02-02-2005..... | 158 |

| | |
|---|------------|
| <u>Apêndice M – Declaração de Funcionamento da ACCN pela Promotoria de Justiça de Arraias em 23/12/2004.....</u> | <u>161</u> |
| <u>Apêndice N – Declaração emitida por instituição parceira da ACCN - Polícia Militar do Estado do Tocantins em 04/10/2007.....</u> | <u>162</u> |
| <u>Apêndice O - Feriado Municipal - Dia 20 de Novembro</u> | <u>163</u> |
| <u>ANEXOS.....</u> | <u>164</u> |
| <u>Anexo III – Autorização para uso de imagens e narrativas</u> | <u>166</u> |

LISTA DE GRÁFICO

| | |
|--|-------------|
| <u>DEDICATÓRIA</u> | <u>17</u> |
| <u>LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....</u> | <u>viii</u> |
| <u>LISTA DE GRÁFICO.....</u> | <u>x</u> |
| <u>LISTA DE TABELA.....</u> | <u>xiii</u> |
| <u>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....</u> | <u>xvi</u> |
| <u>RESUMO.....</u> | <u>xii</u> |
| <u>ABSTRACT.....</u> | <u>xiii</u> |
| <u>SUMÁRIO.....</u> | <u>10</u> |
| <u>INTRODUÇÃO.....</u> | <u>15</u> |
| <u>CAPÍTULO 1.....</u> | <u>23</u> |

| | |
|--|-----|
| 1.1 Capoeira e Movimento Negro: um olhar sobre suas realidades no Brasil... | 23 |
| 1.2 No período da escravidão | 24 |
| 1.3 Caminhos da marginalidade | 29 |
| 1.4 Do terreiro às academias | 33 |
| Imagem 1 – Rugendas, 1835. | 34 |
| 1.5 Percussores e mantenedores da capoeira como cultura de negros..... | 36 |
| 1.6 Movimento Negro e capoeira: olhares e expectativas | 43 |
| | 43 |
| 1.7 A Lei 10.639/2003: a capoeira e a educação para as relações étnico-raciais | 47 |
| | 47 |
| 1.8 Capoeira: lugar de memória e transformação de uma luta marginal a Patrimônio Cultural do Brasil..... | 56 |
| CAPÍTULO 2..... | 60 |
| 2.1 Arraias, entre o passado e o presente..... | 60 |
| 2.2 Sob as ruínas da chapada: herança histórica, memória e a identidade étnica e cultural..... | 60 |
| Imagem 3 - Ruínas da Chapada dos Negros. | 64 |
| 2.3 Resistência à escravidão: as comunidades negras rurais Lagoa da Pedra e Kalunga Mimoso..... | 65 |
| Imagem 4 - Aulas de capoeira na Comunidade..... | 69 |
| Quilombola Kalunga Mimoso. Acervo da ACCN, 2012..... | 69 |
| Imagem 5 - Aulas de Capoeira na Comunidade | 69 |
| Quilombola Lagoa da Pedra. Acervo da ACCN, 2012..... | 69 |
| 2.4 A emancipação do Município de Arraias..... | 69 |
| Gráfico 1: População Total da cidade de Arraias/TO..... | 72 |
| e População Negra Equivalente..... | 72 |
| Imagem 6 - Mapa do Estado do Tocantins | 77 |
| e da cidade de Arraias/TO. Roberto Reges, | 77 |
| 2012. | 77 |
| 2.5 Arraias, da Criação do Estado do Tocantins aos dias de hoje..... | 77 |
| CAPÍTULO 3 | 89 |
| 3.1 Resistência Cultural pela Capoeira em Arraias/TO: a trajetória histórica da Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN)..... | 89 |
| 3.2 ACCN: A expressão da negritude em movimentos de capoeira..... | 90 |
| 3.3 Trajetória de um Mestre | 93 |
| Imagem 10 - Mestre Fumaça. | 94 |
| Tabela 1: (Dados dos Projetos) | 107 |
| 3.4 Entre memórias e identidades: as contribuições da capoeira para a Comunidade Arraiana - depoimentos de seus sujeitos..... | 119 |

| | |
|---|-----|
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 140 |
| APÊNDICES..... | 148 |
| Apêndice A – Jornal do Tocantins/História Viva/junho 2003..... | 148 |
| Apêndice B – Arraias o Marco da Coluna Prestes - Revista Ponto nº 10/2008..... | 149 |
| Apêndice C – Arraias viva nas palmas da capoeira - Boletim Educação e Participação Julho/agosto-2008..... | 150 |
| Apêndice D – Reportagem SEDUC-TO, 26/02/2008-arquivo ACCN..... | 151 |
| Apêndice E – Catálogo do Prêmio da Igualdade Racial – SEPPIR/CRIAR Brasil/2010..... | 152 |
| Apêndice F – Revista Almanaque Cultural do Tocantins/2004..... | 153 |
| Apêndice G – Arraias comemora 253 anos –Jornal Sudeste agosto 1993 acervo ACCN..... | 154 |
| Apêndice H – Capoeira Busca Formar Valores- Jornal do Tocantins - Reportagem de Rosalvo Leomeu/ junho/2003 arquivo ACCN..... | 155 |
| Apêndice I – Jornal do Tocantins- Arte e vida- Arraianos e simpatizantes querem preservar a história,junho 2004..... | 156 |
| Apêndice J – A Associação Cultural da Chapada dos Negros de Arraias é um dos grupos de resistência negra do Estado do Tocantins-Jornal do Tocantins/1998..... | 157 |
| Apêndice L – Carta de recomendação da ACCN escrita pelo Professor Historiador Doutor Marcos Edilson Araújo Clemente em 02-02-2005..... | 158 |
| Apêndice M – Declaração de Funcionamento da ACCN pela Promotoria de Justiça de Arraias em 23/12/2004..... | 161 |
| Apêndice N – Declaração emitida por instituição parceira da ACCN - Polícia Militar do Estado do Tocantins em 04/10/2007..... | 162 |
| Apêndice O - Feriado Municipal - Dia 20 de Novembro | 163 |
| ANEXOS..... | 164 |
| Anexo III – Autorização para uso de imagens e narrativas | 166 |

LISTA DE TABELA

| | |
|--|-------------|
| <u>DEDICATÓRIA</u> | <u>17</u> |
| <u>LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....</u> | <u>viii</u> |
| <u>LISTA DE GRÁFICO.....</u> | <u>x</u> |
| <u>LISTA DE TABELA.....</u> | <u>xiii</u> |
| <u>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....</u> | <u>xvi</u> |
| <u>RESUMO.....</u> | <u>xii</u> |
| <u>ABSTRACT.....</u> | <u>xiii</u> |
| <u>SUMÁRIO.....</u> | <u>10</u> |
| <u>INTRODUÇÃO.....</u> | <u>15</u> |
| <u>CAPÍTULO 1.....</u> | <u>23</u> |
| <u>1.1 Capoeira e Movimento Negro: um olhar sobre suas realidades no Brasil...23</u> | |

| | | |
|-------------|--|-----|
| 1.2 | No período da escravidão | 24 |
| 1.3 | Caminhos da marginalidade | 29 |
| 1.4 | Do terreiro às academias | 33 |
| Imagem 1 – | Rugendas. 1835. | 34 |
| 1.5 | Percussores e mantenedores da capoeira como cultura de negros..... | 36 |
| 1.6 | Movimento Negro e capoeira: olhares e expectativas | 43 |
| 1.7 | A Lei 10.639/2003: a capoeira e a educação para as relações étnico-raciais | 47 |
| 1.8 | Capoeira: lugar de memória e transformação de uma luta marginal a Patrimônio Cultural do Brasil..... | 56 |
| CAPÍTULO 2 | | 60 |
| 2.1 | Arraias, entre o passado e o presente..... | 60 |
| 2.2 | Sob as ruínas da chapada: herança histórica, memória e a identidade étnica e cultural..... | 60 |
| Imagem 3 - | Ruínas da Chapada dos Negros. | 64 |
| 2.3 | Resistência à escravidão: as comunidades negras rurais Lagoa da Pedra e Kalunga Mimoso..... | 65 |
| Imagem 4 - | Aulas de capoeira na Comunidade..... | 69 |
| Quilombola | Kalunga Mimoso. Acervo da ACCN, 2012..... | 69 |
| Imagem 5 - | Aulas de Capoeira na Comunidade | 69 |
| Quilombola | Lagoa da Pedra. Acervo da ACCN, 2012..... | 69 |
| 2.4 | A emancipação do Município de Arraias..... | 69 |
| Gráfico 1: | População Total da cidade de Arraias/TO..... | 72 |
| e População | Negra Equivalente..... | 72 |
| Imagem 6 - | Mapa do Estado do Tocantins | 77 |
| e da cidade | de Arraias/TO. Roberto Reges, | 77 |
| 2012. | | 77 |
| 2.5 | Arraias, da Criação do Estado do Tocantins aos dias de hoje..... | 77 |
| CAPÍTULO 3 | | 89 |
| 3.1 | Resistência Cultural pela Capoeira em Arraias/TO: a trajetória histórica da Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN)..... | 89 |
| 3.2 | ACCN: A expressão da negritude em movimentos de capoeira..... | 90 |
| 3.3 | Trajetoira de um Mestre | 93 |
| Imagem 10 - | Mestre Fumaça. | 94 |
| Tabela 1: | (Dados dos Projetos) | 107 |
| 3.4 | Entre memórias e identidades: as contribuições da capoeira para a Comunidade Arraiana - depoimentos de seus sujeitos..... | 119 |
| REFERÊNCIAS | BIBLIOGRÁFICAS..... | 140 |

| | |
|--|------------|
| <u>APÊNDICES.....</u> | <u>148</u> |
| <u>Apêndice A – Jornal do Tocantins/História Viva/junho 2003.....</u> | <u>148</u> |
| <u>Apêndice B – Arraias o Marco da Coluna Prestes - Revista Ponto nº 10/2008.....</u> | <u>149</u> |
| <u>Apêndice C – Arraias viva nas palmas da capoeira - Boletim Educação e Participação Julho/agosto-2008.....</u> | <u>150</u> |
| <u>Apêndice D – Reportagem SEDUC-TO, 26/02/2008-arquivo ACCN.....</u> | <u>151</u> |
| <u>Apêndice E – Catálogo do Prêmio da Igualdade Racial – SEPPIR/CRIAR Brasil/2010</u> | <u>152</u> |
| <u>Apêndice F – Revista Almanaque Cultural do Tocantins/2004.....</u> | <u>153</u> |
| <u>Apêndice G – Arraias comemora 253 anos –Jornal Sudeste agosto 1993 acervo ACCN.....</u> | <u>154</u> |
| <u>Apêndice H – Capoeira Busca Formar Valores- Jornal do Tocantins - Reportagem de Rosalvo Leomeu/ junho/2003 arquivo ACCN.....</u> | <u>155</u> |
| <u>Apêndice I – Jornal do Tocantins- Arte e vida- Arraianos e simpatizantes querem preservar a história,junho 2004.....</u> | <u>156</u> |
| <u>Apêndice J – A Associação Cultural da Chapada dos Negros de Arraias é um dos grupos de resistência negra do Estado do Tocantins-Jornal do Tocantins/1998.....</u> | <u>157</u> |
| <u>Apêndice L – Carta de recomendação da ACCN escrita pelo Professor Historiador Doutor Marcos Edilson Araújo Clemente em 02-02-2005.....</u> | <u>158</u> |
| <u>Apêndice M – Declaração de Funcionamento da ACCN pela Promotoria de Justiça de Arraias em 23/12/2004.....</u> | <u>161</u> |
| <u>Apêndice N – Declaração emitida por instituição parceira da ACCN - Polícia Militar do Estado do Tocantins em 04/10/2007.....</u> | <u>162</u> |
| <u>Apêndice O - Feriado Municipal - Dia 20 de Novembro</u> | <u>163</u> |
| <u>ANEXOS.....</u> | <u>164</u> |
| <u>Anexo III – Autorização para uso de imagens e narrativas</u> | <u>166</u> |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------------|--|
| ACCN | Associação Cultural Chapada dos Negros |
| PUC | Pontifícia Universidade Católica de Goiás |
| ICOMOS | Conselho Internacional de Monumentos e Sítios |
| MINC | Ministério da Cultura |
| PNLD | Plano Nacional para o Livro Didático |
| PCNs | Parâmetros Curriculares Nacionais |

| | |
|---------|--|
| MNUCDR | Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial |
| UNESCO | Nações Unidas para a Educação e a Ciência |
| ONG | Organização Não-Governamental |
| IPHAN | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| CF | Constituição Federal |
| UNITINS | Universidade do Estado do Tocantins |
| IBEPEX | Instituto Brasileiro de Pós-graduação e Extensão |
| EADCON | Centro de Educação Continuada a Distância |
| APA | Alternativas para Pequena Agricultura no Tocantins |
| TEM | Teatro Experimental do Negro |
| UFT | Universidade Federal do Tocantins |
| DRE | Diretoria Regional de Ensino |
| SEMED | Secretaria Municipal de Educação |
| CMDCA | Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente |

RESUMO

A pesquisa tem por objetivo (re) construir historicamente parte da trajetória do grupo de capoeira existente na cidade de Arraias Tocantins, intitulado Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN), à luz de conceitos que fundamentam essa modalidade esportiva e cultural, especialmente quanto ao que se refere à memória, identidade e educação para as relações étnico raciais, que se constituem a partir da sua existência no município. Nessa direção, foi possível conhecer, interpretar e compreender a história da capoeira em Arraias, retratando-a quanto a sua colaboração para a continuidade da memória individual, coletiva, institucional e para a consciência histórica e cultural da comunidade. A prática da capoeira em Arraias/TO, no decorrer dos anos de 1984 a 2012, vem contribuindo para a construção da identidade negra, da resistência cultural, daqueles que integram as experiências difundidas pela Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN) por intermédio da apropriação de saberes e fazeres da comunidade. Busquei nesta caminhada, analisar diversas formas de praticar a capoeira, seus princípios e valores, acionados pelo grupo de modo singular, para a construção do sentimento de pertencimento e condutas pautados pelos referenciais simbólicos e culturais afro-brasileiros. Utilizei como instrumento metodológico e interpretativo as narrativas dos sujeitos da pesquisa, tendo como pressuposto básico, suas histórias de vida, interlocutores da construção da pesquisa. Pelos mestres e praticantes da capoeira, pude perceber que, apesar dos obstáculos impostos pela escravidão no Brasil, em especial a ocorrida na cidade de Arraias -TO, os africanos e seus descendentes encontraram meios para se organizarem e manifestarem suas práticas culturais influenciando profundamente a sociedade arraiana. Por isso, ao entoar o canto nas palmas da capoeira resistem à força histórica de sua luta.

Palavras-Chave: Resistência Cultural. Capoeira. Identidade Afro-brasileira.

ABSTRACT

The research aims to (re) build historically part of the trajectory of the capoeira group existing in the city of Tocantins Stingrays, entitled Cultural Association Chapada dos Negros (ACCN), to concepts that underlie this sport and culture, especially as to which refers to memory, identity and education for racial ethnic relations, which are from its existence in the city. In this direction, it was possible to know, interpret and understand the history of capoeira Stingrays, portraying it as their collaboration for the continuity of individual memory, collective, institutional and historical consciousness and cultural community. The practice of capoeira Stingrays / TO, during the years 1984 to 2012, has contributed to the construction of black identity, cultural resistance, those that integrate the experiences disseminated by the Cultural Association Chapada dos Negros (ACCN) through the appropriation knowledge and practices of the community. I sought this path, consider various ways to practice capoeira, its principles and values, triggered by the group in a unique way to build a sense of belonging and behavior guided by cultural and symbolic references african-Brazilian. I used as a methodological tool and interpretive narratives of the subjects, with the basic presupposition, their life stories, the construction of the research partners. By teachers and practitioners of capoeira, I realized that, despite the obstacles imposed by slavery in Brazil, especially the one that occurred in the city of TO-Rays, Africans and their descendants have found ways to organize and express their cultural practices deeply influencing society Arraiana. So, to sing the song in the palms of capoeira resist the historical strength of their struggle.

Keywords: Cultural Resistance. Capoeira. Afro-Brazilian identity.

SUMÁRIO

| | |
|--|------|
| DEDICATÓRIA | 17 |
| LISTA DE ILUSTRAÇÕES..... | viii |
| LISTA DE GRÁFICO..... | x |
| LISTA DE TABELA..... | xiii |
| LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS..... | xvi |
| RESUMO..... | xii |
| ABSTRACT..... | xiii |
| SUMÁRIO..... | 10 |
| INTRODUÇÃO..... | 15 |
| CAPÍTULO 1..... | 23 |
| 1.1 Capoeira e Movimento Negro: um olhar sobre suas realidades no Brasil... 23 | 23 |
| 1.2 No período da escravidão | 24 |
| 1.3 Caminhos da marginalidade | 29 |
| 1.4 Do terreiro às academias | 33 |
| Imagem 1 – Rugendas. 1835. | 34 |
| 1.5 Percussores e mantenedores da capoeira como cultura de negros..... | 36 |
| 1.6 Movimento Negro e capoeira: olhares e expectativas | 43 |
| | 43 |
| 1.7 A Lei 10.639/2003: a capoeira e a educação para as relações étnico-raciais | 47 |
| | 47 |
| 1.8 Capoeira: lugar de memória e transformação de uma luta marginal a | 56 |
| Patrimônio Cultural do Brasil..... | 56 |
| CAPÍTULO 2..... | 60 |
| 2.1 Arraias, entre o passado e o presente..... | 60 |
| 2.2 Sob as ruínas da chapada: herança histórica, memória e a identidade | 60 |
| étnica e cultural..... | 60 |
| Imagem 3 - Ruínas da Chapada dos Negros. | 64 |
| 2.3 Resistência à escravidão: as comunidades negras rurais Lagoa da Pedra e | 65 |
| Kalunga Mimoso..... | 65 |
| Imagem 4 - Aulas de capoeira na Comunidade..... | 69 |
| Quilombola Kalunga Mimoso. Acervo da ACCN, 2012..... | 69 |
| Imagem 5 - Aulas de Capoeira na Comunidade | 69 |
| Quilombola Lagoa da Pedra. Acervo da ACCN, 2012..... | 69 |
| 2.4 A emancipação do Município de Arraias..... | 69 |

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1: População Total da cidade de Arraias/TO..... | 72 |
| e População Negra Equivalente..... | 72 |
| Imagem 6 - Mapa do Estado do Tocantins | 77 |
| e da cidade de Arraias/TO. Roberto Reges, | 77 |
| 2012. | 77 |
| 2.5 Arraias, da Criação do Estado do Tocantins aos dias de hoje..... | 77 |
| CAPÍTULO 3 | 89 |
| 3.1 Resistência Cultural pela Capoeira em Arraias/TO: a trajetória histórica da Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN)..... | 89 |
| 3.2 ACCN: A expressão da negritude em movimentos de capoeira..... | 90 |
| 3.3 Trajetória de um Mestre | 93 |
| Imagem 10 - Mestre Fumaça. | 94 |
| Tabela 1: (Dados dos Projetos) | 107 |
| 3.4 Entre memórias e identidades: as contribuições da capoeira para a Comunidade Arraiana - depoimentos de seus sujeitos..... | 119 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 140 |
| APÊNDICES..... | 148 |
| Apêndice A – Jornal do Tocantins/História Viva/junho 2003..... | 148 |
| Apêndice B – Arraias o Marco da Coluna Prestes - Revista Ponto nº 10/2008..... | 149 |
| Apêndice C – Arraias viva nas palmas da capoeira - Boletim Educação e Participação Julho/agosto-2008..... | 150 |
| Apêndice D – Reportagem SEDUC-TO, 26/02/2008-arquivo ACCN..... | 151 |
| Apêndice E – Catálogo do Prêmio da Igualdade Racial – SEPPIR/CRIAR Brasil/2010 | 152 |
| Apêndice F – Revista Almanaque Cultural do Tocantins/2004..... | 153 |
| Apêndice G – Arraias comemora 253 anos –Jornal Sudeste agosto 1993 acervo ACCN..... | 154 |
| Apêndice H – Capoeira Busca Formar Valores- Jornal do Tocantins - Reportagem de Rosalvo Leomeu/ junho/2003 arquivo ACCN..... | 155 |
| Apêndice I – Jornal do Tocantins- Arte e vida- Arraianos e simpatizantes querem preservar a história,junho 2004..... | 156 |
| Apêndice J – A Associação Cultural da Chapada dos Negros de Arraias é um dos grupos de resistência negra do Estado do Tocantins-Jornal do Tocantins/1998..... | 157 |
| Apêndice L – Carta de recomendação da ACCN escrita pelo Professor Historiador Doutor Marcos Edilson Araújo Clemente em 02-02-2005..... | 158 |

| | |
|---|------------|
| <u>Apêndice M – Declaração de Funcionamento da ACCN pela Promotoria de Justiça de Arraias em 23/12/2004.....</u> | <u>161</u> |
| <u>Apêndice N – Declaração emitida por instituição parceira da ACCN - Polícia Militar do Estado do Tocantins em 04/10/2007.....</u> | <u>162</u> |
| <u>Apêndice O - Feriado Municipal - Dia 20 de Novembro</u> | <u>163</u> |
| <u>ANEXOS.....</u> | <u>164</u> |
| <u>Anexo III – Autorização para uso de imagens e narrativas</u> | <u>166</u> |

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo discutir a história da capoeira no município de Arraias - TO, como resistência e possibilidade de efetivar a emancipação de seus sujeitos mediante a suas práticas educativas presente nas palmas da capoeira.

A presente pesquisa: **“Nas palmas da capoeira: Resistência Cultural na Chapada dos Negros - um estudo de caso em Arraias/TO (1984 a 2012) nasce** assentada em minha história pessoal de vida, associada à experiência profissional frente ao Ponto de Cultura Associação Cultural Chapada dos Negros. Nesse período, tive a oportunidade de reencontrar e conhecer, no cenário da capoeira, histórias e vidas de homens, mulheres, jovens e crianças mobilizados e articulados na resistência e memória de sua ancestralidade.

Ancestralidade entoada nas ladainhas – que precederão a introdução dos capítulos – no canto, voz que juntas cantam a liberdade. A liberdade de expressão, a liberdade cultural, tantas liberdades outras nunca vividas. Falar da capoeira é necessariamente meu grito, minha voz, toda minha vida e família. Costumo dizer, antes de encontrar com a capoeira a capoeira me encontrou. Somos a mesma unidade.

Nesse sentido, acredito que como Freire (1987) ao lecionar em Pedagogia do Oprimido, na parte que discuti o homem como ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, em seu permanente movimento de busca de SER MAIS, nos ilumina a dizer, *nenhuma “ordem” opressora suportaria que todos os oprimidos todos passassem a dizer: “Por quê?”* (Freire, 1987, p.43). Esse pensar freireano nos alerta que:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrarão preparados para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 1987, p. 17).

Ter a capoeira como objeto-sujeito da pesquisa imprime esse movimento de refletir e discutir suas marcas de resistência.

Filha de uma professora e de um produtor rural, nasci na escola e fui plantada em minha terra. Minhas raízes são profundas e trazem em suas marcas a luta do homem e da mulher pela garantia de sobrevivência: dar aos filhos condições mínimas de dignidade humana. Numa cidade turística, pelos seus incontáveis mananciais e belas paisagens que limitam o Estado do Tocantins com Bahia, vizinha de Arraias por nome Aurora do Tocantins, onde vive a minha família paterna. Minhas origens maternas estão fincadas na região das caatingas, conhecida como Boa Vista localizada próxima ao distrito da Canabrava, ao Povoado Jacaré e ao quilombo Lagoa da Pedra, município de Arraias. Essa divisão familiar em diferentes territórios, me faz sentir num *entre-lugar*, um pouco daqui, um tanto de lá, sem contudo perder o sentimento de afeto e responsabilidade pelas duas regiões que fundamentam a minha existência.

Toda a formação que recebi de minha família já sinalizava possibilidades de continuar a luta apreendida e ensinada no lar. A capoeira, como trincheira de militância, tem sido objeto de meu interesse desde o início de minha carreira profissional na escola pública, uma vez que trabalho diretamente com crianças e adolescentes da educação básica, como alfabetizadora e atualmente, na condição de educadora de capoeira, em específico, coordenando o Ponto de Cultura Associação Cultural Chapada dos Negros.

É bem verdade, que a presente pesquisa foi iniciada desde o momento em que ingressei no curso de Curso de Pedagogia (UNITINS, 1996), passando pelas pós-graduações em Psicopedagogia, IBEPEX (2000), Gestão Escolar, EADCON (2002) e Políticas Públicas de Gestão Cultural, UNB (2006), onde estudamos temas como: Preconceito Racial nas Escolas; A contribuição da Prática da Capoeira para o desenvolvimento das Inteligências Múltiplas de alunos/as do Ensino Fundamental e A Prática da Capoeira, Manifestação e Produção da Cultura Popular Brasileira: Vivências Socioeducativas em Arraias Tocantins. Após análises foi sugerida a aplicação da capoeira como conteúdo e metodologia de ensino e aprendizagem pela sua abrangência para a educação integral dos indivíduos tanto nos espaços públicos quanto privados.

Oriunda desses tantos *entre-lugares*, fui conduzida a escolha da profissão que hoje exerço como educadora e como multiplicadora da capoeira. Destarte, com a finalidade de perfazer estes caminhos já há algum tempo sinalizados pela minha

própria história de vida, é que me proponho a refletir e registrar sobre minha realidade que se constrói na interação com o outro.

Por essas e outras razões, senti a motivação em buscar na Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), a oportunidade de ampliar conhecimentos quanto ao que se refere à História e a historiografia, encontrando no mestrado em História, com ênfase em Cultura e Poder, o espaço e a capacitação necessários para a realização dessa pesquisa.

Os estudos da História e da Cultura expandiram vertentes e ampliaram leques para esta pesquisa, possibilitando-me a capacidade de fazer inferências sobre o objeto às áreas que abrangem os estudos culturais. Ao articular abordagens interdisciplinares, a História Cultural permite ao pesquisador olhar para as tradições da cultura popular e interpretações culturais da experiência histórica e humana. Assim sendo, tornou-se possível relacionar o objeto de estudo, que é a prática da capoeira pela Associação Cultural Chapada dos Negros - ACCN, às reflexões teóricas e metodológicas que orientam os estudos e debates em conjunto com intelectuais e alunos.

Além do que foi mencionado, tivemos e compreendemos de que, as sucessivas e significativas mudanças pelas quais passou a escrita da História, estremeceu certezas e passamos a questionar a própria noção de um tempo fixo, para defender a existência de temporalidades múltiplas. A inquietante questão da objetividade, durante tanto tempo cara ao historiador, vem sendo relativizada, pois assim como o historiador é fruto de seu tempo, também o é o discurso histórico por ele produzido. Fontes orais também foram sendo consideradas como verídicas tanto quanto fontes escritas. Entendemos que ambas devem ser analisadas criticamente, critério indispensável, àqueles que concebem a prática historiográfica como científica. Essas modificações ligadas à oportunidade desencadearam uma maneira de escrever sobre nós mesmos, numa situação ambivalente, com um procedimento de autotransformação, consequência da relação entre prática e teoria.

Michel de Certeau (1982, p.31), destaca o papel do historiador e a importância das fontes no processo de produção de conhecimentos históricos. Enquanto sujeito da pesquisa, o historiador transforma objetos em fontes históricas, reorganiza instrumentos a partir de novas demandas sociais e faz a história ou refaz uma nova história. Por outro lado, as fontes selecionadas influenciarão diretamente o conhecimento que se produz. Nas palavras do autor:

Colecionar foi durante longo tempo fabrica objetos: copiar ou imprimir, reunir, classificar. E como os objetos por ele multiplicados, o colecionador torna-se um ator num encadeamento de uma história a ser feita (ou refeita) segundo novas pertinências intelectuais e sociais. Dessa forma, a coleção, ao produzir uma subversão dos instrumentos de trabalho, redistribui as coisas, redefine as unidades do saber, instaura um lugar de recomeço ao construir uma “gigantesca máquina” que tornará possível outra história. (CERTEAU, 1982, p.31).

Neste sentido, como tentativa de responder às exigências institucionais, fazer história, produzir fontes e levantar problematizações, procuramos fazer da vida profissional, pessoal e intelectual, um texto acadêmico como arte autoformadora da nossa existência. Desse modo, escrevemos a atuação do grupo de Capoeira, intitulado Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN)¹, na cidade histórica de Arraias, situada na região sudeste do Estado do Tocantins, à luz de conceitos que fundamentam essa modalidade e vivencia cultural, especialmente quanto ao que se refere a memória, a diáspora africana, a construção da identidade étnico-racial que se constitui a partir da presença da capoeira no município.

Conhecer, interpretar e compreender a História da Capoeira em Arraias, retratando a sua existência e o modo como ela colabora para a continuidade da memória individual e coletiva, para a formação da identidade e consciência histórica, étnica e cultural constitui-se como objetivo do presente trabalho.

A (re) construção histórica subjacente a este, é concebida não como algo pré-determinado, mas fruto dos condicionantes sociais de diferentes contextos e épocas. Para melhor contextualizar o foco da pesquisa, apresentamos uma abordagem cronológica que abrange os anos de 1984 a 2012, período em que marca a implantação da capoeira em Arraias e que paulatinamente se solidifica pela atuação do grupo no cotidiano de uma pequena cidade, artefato que ainda retrata a existência de vivências escravistas no/do período colonial.

A análise da história e da cultura afro-brasileiras a partir da capoeira na cidade histórica Arraias/TO, está relacionada ao interesse em compreender os fatores que influenciaram o povo a “negar” suas raízes culturais. Essa pesquisa fará uma reflexão sobre a atuação do grupo de Capoeira intitulado Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN), à luz de conceitos que fundamentam essa modalidade esportiva, cultural, e política.

Vale ressaltar que a pesquisa foi financiada com esforços próprios, mas não

¹ A partir deste parágrafo, a Associação Cultural Chapada dos Negros será citada pela sigla ACCN.

podemos deixar de nos referir aos apoios logísticos advindos das parcerias com a Secretaria do Estado da Educação do Tocantins, com a Prefeitura Municipal de Arraias/TO, com docentes da Universidade Federal do Tocantins e principalmente com o Ponto de Cultura Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN).

Buscando na memória, nosso primeiro olhar para a capoeira foi há aproximadamente 20 anos. Na escola, ainda não se discutia a temática afro-brasileira, a não ser na ocasião do dia 13 de maio, e mostravam a imagem de negros sofridos e acorrentados, ou relacionados à exemplificação do folclore brasileiro.

Nas pesquisas informais, durante as apresentações do grupo, passamos a perceber as lacunas e interrogações deixadas para traz nessa cidade de 272 anos, portanto com suas características sociais e muitos resquícios do período colonial em que havia escravatura. Conscientemente ou não, os afro-arraianos foram e de certa forma são conduzidos a uma situação coletiva de negação de raízes afro-brasileiras. É como se fosse preferível ou mais viável, esquecer-se da descendência africana do que enfrentar e resistir por meio de lutas corporais e simbólicas pela salvaguarda do grande legado deixado por nossos ancestrais e manifestados na cultura da cidade, fugir ou esconder-se do estado de servidão a que são submetidos.

Contraopondo-se à barbárie e ao estado de servidão a que fomos rechaçados secularmente, foi formado um grupo em que pessoas iniciaram os estudos e a prática da capoeira com a preocupação de superar a violência simbólica e acabar com a baixa-estima e o autoflagelo de ser e pertencer a raça negra. Passaram a se apropriar e ter contato com novos conhecimentos a cerca da história africana, afro-brasileira e da capoeira enquanto resistência, até então negada ou mitificada pelos livros didáticos, pela escola e ainda mais pelo próprio cotidiano da cidade.

Desse modo o estudo tornou-se inadiável, tendo em vista a limitação das pesquisas acadêmicas voltadas para a análise da presença da capoeira como elemento de resgate da história e da cultura do povo do sudeste do Tocantins.

Buscamos também, retratar a própria história, explanar e difundir a identidade de um povo, desvendando os mecanismos de resistência cultural impostos pela classe dominante.

O objeto da pesquisa nasceu na Chapada dos Negros, em Arraias, sudeste do Tocantins, hoje caminha para o reconhecimento como um Sítio Arqueológico pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Essa chapada serviu

de palco de um antigo garimpo onde trabalhavam milhares de negros escravos. A partir da atuação da Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN) é possível compreender a importância da Capoeira para a formação da identidade e alteridade dos afrodescendentes, remanescentes, da região onde se localiza o antigo garimpo que originou o município de Arraias, Estado do Tocantins.

A maioria da população desprovida de bens buscou ao longo do tempo superar suas limitações, utilizando-se como alternativa de sua bravura e sabedoria para obter meios de sobrevivência. E, portanto, a presença histórica dos remanescentes de quilombos e do sertanejo, que são representados pela figura do quilombola e da quilombola, do vaqueiro e da vaqueira, do sertanejo e da sertaneja, dos moradores e moradoras que sítiam as regiões das caatingas e dos sertões, povo não somente forte, como também criativo, experiente e corajoso, que destaca-se pela sua capacidade de transformar as adversidades em possibilidades efetivas na produção de meios de resistência e sobrevivência.

Este povo, sobrevivente do processo de colonização, encontra-se até os dias de hoje, quer seja na memória, nos laços de família ou nas vivências em tempo presente, como sustentáculo para a vida social, cultural e econômica da cidade de Arraias, apesar das inovações do mundo contemporâneo.

Desse modo, a história e a valorização da cultura afro-brasileira na região de Arraias/TO e a presença da capoeira como elemento de construção da identidade do arraiano e da arraiana, são dignas de serem estudadas pela historiografia regional. É preciso sistematizar esse legado com a presença de trabalhos de pesquisa histórica que incorporem uma metodologia científica na análise da história da cultura afro-brasileira a partir da capoeira na cidade de Arraias. Todos os esforços com vistas a contribuir para que as gerações presentes e futuras tenham mais acesso às informações, tanto sobre o negro quanto sobre a história do município de Arraias.

Para isso, utilizou-se como procedimento metodológico para o estudo de caso, a análise documental, a História Oral, a observação, o uso de imagem fotográfica, filmagem, entrevistas abertas, semiestruturadas e não estruturadas, registros de dados em arquivo específico, depoimentos e transcrição de entrevistas, que tiveram como público Mestres de Capoeira, Contramestres, alunos e alunas graduadas pelo grupo, ex-alunos, pais, parceiros, intelectuais e membros da comunidade.

Ainda busca-se com este trabalho retribuir à capoeira, ao menos em parte, o que ela possibilitou à nossa vida e a de muitas pessoas, como símbolo de resistência, através da atuação dos mestres e professores de capoeira de todo o país, que persistiram ao ponto de torná-la reconhecida como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Representa ainda um grande desafio, quando a proposta é registrar a história uma instituição, na qual literalmente sou integrante e simultaneamente, preciso como pesquisadora, me distanciar da realidade para ver a organização sob outro ângulo, usando termos e conceitos mais objetivos, exigidos pelo conhecimento científico e paulatinamente vou me aproximando da realidade como sujeito social, fazendo me valer do direito de relatar a experiência de modo também, subjetivo.

À luz de outras obras, correntes filosóficas, pensamentos de intelectuais e intérpretes e sujeitos do campo de pesquisa, procuramos no decorrer da pesquisa, apresentar ao leitor (a), referências que ilustram a biografia da ACCN, manifestada na luta pela defesa, difusão e articulação da capoeira tanto com seus ritos e ritmos quanto com as características que a definem como forma de manifestação da cultura popular.

A presente dissertação foi por mim organizada em três capítulos. Procurei entender também qual o sentido que a capoeira imprime em seus sujeitos. Interpreto, por fim, o conjunto de informes, depoimentos e narrativas sob o referencial da educação libertadora.

No primeiro capítulo, denominado Um Olhar sobre a Capoeira no Brasil, apresento breve histórico da capoeira, como fruto da diáspora africana no Brasil, suas particularidades, diferenciações e percursos.

O segundo capítulo, acoberta este título: Arraias entre o passado e o presente. Busco contextualizar Arraias/TO, lugar da capoeira, em seus aspectos históricos, territoriais e suas tradições culturais.

No terceiro capítulo enfeixa este título: Resistência Cultural pela Capoeira em Arraias/TO: Uma (re) construção Histórica da Associação Cultural Chapada dos Negros. Objetiva traduzir o cotidiano do grupo de capoeira ACCN e suas principais contribuições na comunidade arraiana. Configura-se como um processo de conhecimento de si, do outro e do cotidiano revelado pelas iniciativas do grupo.

E procuro em breves considerações finais para o momento, escritas com esperança e profundidade, compartilhar as minhas reflexões e indagações como contribuição a outros trabalhos que sucederem deste.

Convido aos camaradas e as camaradas a baterem suas palmas, entoarem seu canto, a olhar o que me foi possível ver, a fibra de homens, mulheres, crianças e jovens no desafio de manter viva sua cultura expressa aqui nesse momento pela capoeira as marcas de sua resistência e enraizamento.

O enraizamento leciona Simone Weil (2001), é uma das necessidades do ser humano. Ter raiz, ela é que nos enfatiza, é participar real e ativamente de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Enraizado é o sujeito que tem laços que permitem olhar tanto para trás como para frente. Ter projeto, por sua vez, é ir transformando estes pressentimentos de futuro em um horizonte pelo qual se trabalha, se luta. Não há, pois, como ter projeto sem ter raízes, porque são as raízes que nos permitem enxergar o horizonte.

CAPÍTULO 1

1.1 Capoeira e Movimento Negro: um olhar sobre suas realidades no Brasil

“Eu vim de longe, vim de um navio negreiro, conhecido como tumbeiro que aqui desembarcou. Amontoado, sem comida esfarrapado, vim aqui pra ser escravo, apanhar sem merecer.” (*Ladainha da capoeira angola, domínio público*).

A epígrafe acima nos ajuda a sentir os caminhos que nossa ancestralidade percorreu no processo de expropriação cultural. A capoeira vinca as marcas da nossa resistência ao longo da história de colonização cultural que fomos lançados. Nessa andarilhagem² apresentaremos nesse capítulo breve contextualização do Movimento Negro e da história da capoeira no Brasil, a fim de ampliarmos nosso olhar e compreendermos os caminhos que percorreu até sua chegada ao Município de Arraias/TO.

A capoeira símbolo de resistência e identidade negra difundida pelos negros na diáspora africana no Brasil será retratada em três períodos: escravidão, marginalidade, criação e ensino nas primeiras academias. E ainda, mencionar os precursores e mantenedores da capoeira como cultura de negros e sua transformação de uma luta marginal à Patrimônio Cultural do Brasil.

A resistência aqui entendida sob o alicerce freireano, como possibilidade de mudar o mundo, compreendê-lo dinâmico, recusando o discurso de que a mudança irá acontecer espontaneamente (2000, p.40). Pois para o educador:

As resistências- *a orgânica e/ou a cultural* – são *manhas* necessárias à sobrevivência física dos oprimidos. O sincretismo religioso afro-brasileiro expressa a resistência ou a manha com que a cultura africana escrava se defendia do poder hegemônico do colonizador branco (...). Não é na resignação, mas a rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos. (FREIRE, 2000, p.31).

Assim, a concepção de resistência em Freire se aproxima mais da proposta do trabalho, ao reconhecer na capoeira todo o movimento contra hegemônico ao resistir à opressão assumindo seu papel de luta.

² O termo Andarilhagem encontramos em Paulo Freire, pois Somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um “estar aqui” e um continuo “partir”, “ir para”. (BRANDÃO, 2008, p.40- Dicionário Paulo Freire)

Desde o navio negreiro homens e mulheres foram ceifados da palavra, de dizerem sua palavra, de gritar seu pranto de sua terra mãe arrancados. O corpo foi o instrumento utilizado na resistência de enraizar em sua luta a consciência de sujeitos oprimidos. Nessa direção o corpo como instrumento de resistência sociocultural tem possibilitado a emancipação da escravização³, que através da dança, da religiosidade, da luta, o corpo representa o combate na construção da identidade negra.

Diante das adversidades e dificuldades instaladas pelo regime escravocrata⁴ a capoeira e outras manifestações da cultura popular constituíram-se numa possibilidade, para a população escravizada, manter suas tradições, crenças e a dignidade trazidas além mar.

A escolha didática no processo metodológico aqui assumido é de minha responsabilidade ao emprestar meus olhos que interpretam a partir de minha posição histórica para compreender a construção da identidade negra no Brasil em três momentos: o período da escravidão, da marginalização e o momento em que a capoeira sai do terreiro para a academia.

Ressalto que esses três momentos são importantes processos para compreender o movimento de luta, resistência da capoeira e dos capoeiristas que a sustentavam em suas práticas.

Não dispensamos outras formas de interpretação, mas assumimos nesse momento nosso posicionamento histórico e político de dizermos nossa palavra.

1.2 No período da escravidão

No primeiro período, já no século XVI em um Brasil escravocrata, a capoeira se disfarçou em dança para contornar a proibição de sua prática por parte dos feitores e senhores de engenho, mais tarde no império, esta era apresentada nas senzalas em festa religiosas das irmandades criadas a partir do catolicismo. Segundo Abreu (2007):

³ Por escravização entendemos o processo onde o africano e mesmo o negro nascido no Brasil na época da colônia e do Império foram obrigados a aceitarem todas as formas de humilhação para sobreviverem. ALVAREZ, Gabriel O; SANTOS, Luiz. **Tradições Negras, Políticas Brancas: Previdência Social e População Afro-brasileira**. Brasília: Ministério da Previdência Social – MPS, 2006.

⁴

Por volta de 1719, os escravos fugitivos que buscavam proteção nos quilombos criaram uma luta para se defender dos brancos, a capoeira. A maioria dos golpes assemelha-se à defesa e ataque de animais tais como: a marrada do touro, o coice do cavalo, a fígada do rabo de arraia entre outros. Outros tantos golpes, guardam relação com instrumentos de trabalho cuja ação é semelhante aos movimentos do corpo dos capoeiristas: o martelo batendo, a foice roçando o mato. Os senhores de engenho que observavam a manifestação dos escravos, quando em dias de folga, chamavam-na de “brincadeira dos angolas”, ou vadiação dos angolas, por serem os negros “bantos” procedentes de Angola os que mais se davam à prática daquela atividade. (ABREU, 2007, p.3).

Segundo Silva (2003) a capoeira foi criada pelo negro escravo, como instrumento de sua luta pela libertação, ela mais do que um jogo nasceu como uma arte marcial, uma luta, um instrumento de combate e resistência.

Como não possuíam armas suficientes para fazer frente à opressão de feitores e capitães do mato, os escravos utilizavam os movimentos da futura luta como recursos instintivos e naturais de preservação da vida, por intermédio do próprio corpo. Foram quando surgiram os “floreios” manhosos, ágeis, espertos e traiçoeiramente defensivos. (SILVA, 2003, p.4).

Abreu (2007) dialoga com Rego (1968) e afirma que a Capoeira no meio das matas era praticada como luta mortal. Já nas fazendas, era praticada como “brinquedo inofensivo”, pois ela estava sendo feita sob os olhares dos Senhores de Engenho. Naquele momento se transformou em dança. Para disfarçarem a luta utilizavam a ginga, base de qualquer “capoeira”; pois é dela que saem todos os golpes. Esse disfarce foi fundamental para a sobrevivência dos escravos, pois a Capoeira é, principalmente, na sua origem, uma luta de resistência que reafirmou nos quilombos como forma de defender as fronteiras das terras ocupadas.

Em raros momentos de folga, nos quintais das senzalas e das casas-grandes, os escravos costumavam se reunir e, formando círculos, jogavam a capoeira ao som do pandeiro, do berimbau, do atabaque e do agogô, entoando cantigas e ladainhas que expressavam sua maneira de ser, de existir, mescladas de saudade da terra natal, a Mãe África. A dança, representada pelos movimentos do corpo, servia como disfarce para esconder o caráter de luta, dando-lhe uma expressão de jogo, de um entretenimento inofensivo.

Não se sabe ao certo a origem da Capoeira, alguns pesquisadores acreditam ter vindo da África. Outros afirmam ter sido criada no Brasil pelos escravos com alguns ritos, movimentos de lutas e danças que eles praticavam

grupos tribais além-mar. Nas leituras realizadas em Abreu (2007) eles afirmam que ela é brasileira.

O que se sabe é que na África existia "O Jogo de Zebra", ou N'Golo, uma dança que era praticada com bastante violência. Esse jogo fazia parte de um ritual de passagem da infância para a vida adulta, onde os negros lutavam em um pequeno recinto e os vencedores poderiam desposar as meninas da tribo, que ficavam "mocinhas", sem o pagamento do dote tradicional. (ABREU, 2007, p.7).

Abreu (2007) aponta que o um dos principais motivos de não existirem provas documentais para se resolver a polêmica se a capoeira é africana ou brasileira é o fato de Rui Barbosa, então ministro da fazenda do governo de Deodoro da Fonseca, ter mandado queimar todos os documentos que se referiam à escravidão no Brasil. Ato que praticou dizendo ser necessário apagar da memória da nação o fato do país ter sido escravocrata. No entanto, sabemos que houve outras razões.

O nome "*capoeira*", segundo Abreu (2007), deu-se em função do seguinte:

Os Escravos ao fugirem para as matas tinham nos seus enalços esses famigerados Capitães do Mato, enviados pelos senhores; os escravos em fuga reagiam e os atacavam, nas clareiras de mato ralo, cujo nome é capoeira - propunha, também, que o vocábulo vinha do tupi *caa-apuam-era*, dando-lhes, com os pés, mãos e cabeças surras ou até mesmo matando-os. Porém os que sobreviviam voltavam para os seus patrões indignados. Estes perguntavam: "Cadê os negros?" E a resposta era: "Eles nos pegaram na capoeira". Referindo-se ao local onde foram vencidos. (ABREU, 2007, p. 08).

Segundo Gomes (2006) quando aborda esse tema ela busca Munanga (2006) quando afirma que a versão mais conhecida da origem do termo "*capoeira*" é a que se refere a sua origem "*capueira*" que significa mata, vegetação rala, roça abandonada. Falava-se muito do negro que fugiu e meteu-se na capoeira, ou seja, no mato. A capoeira nesse caso estaria ligada ao mundo rural, dos negros fugitivos e dos quilombos.

O autor ainda nos fala que com características de dança e com seu aspecto lúdico, essa manifestação muitas vezes deixava transparecer o seu poder de luta na velocidade dos movimentos e a destreza com a qual esses eram executados colocavam em risco a integridade física dos próprios escravos, bem como a moral dos seus opressores. Um escravo machucado traria prejuízo ao seu dono e um

escravizado agredido ou morto seria uma ofensa aos grandes senhores, assim, a prática da capoeira foi proibida.

No Brasil colonial, a presença da Capoeira já se encontrava de tal forma sedimentada na sociedade que os capoeiras passaram a se caracterizar enquanto grupo social. Repremidos pelas circunstâncias faziam usos variados da habilidade que a arte lhes conferia. Com o emprego de diversos instrumentos de ataque e defesa, passaram a prestar serviços aos membros das classes dominantes, que deles se serviam para a execução de crimes que garantiam a continuidade no poder.

Pires (2004, p.38) pondera que durante a primeira metade do século XIX, a capoeira foi configurada como uma experiência essencialmente escrava. Entretanto, a partir de 1850, altera-se a composição étnica e social de seus praticantes, integram-se os alguns alforriados e negros de ganhos, bem como aqueles brancos que conviviam bem essa população. Dentre esses últimos havia alguns membros da elite e também inúmeros estrangeiros, predominantemente portugueses. Tal ampliação introduz mudanças na prática da capoeira como a disseminação do uso da navalha, característico dos fadistas lusitanos.

Adorno (1999, p.23) comenta que durante o segundo reinado, algumas matas de capoeira tiveram intensa atuação política, inclusive atuando junto aos partidos da época, como capangas eleitorais, que também eram chamados de capadócios e relações político-partidárias. A aproximação com a política monárquica lhes acarretará uma implacável perseguição por parte dos republicanos sendo que estes, ao assumirem o poder, incluíram a prática da capoeira como um crime previsto pelo Código Penal de 1890.

Já em 1872 levantavam-se as primeiras vozes pedindo a criminalização da capoeira. Reconhecendo os esforços da polícia para reprimir a "audácia" dos capoeiristas, "terror da população pacífica", o chefe de polícia do Rio de Janeiro reclama, em seu relato anual, da dificuldade de se reprimir a capoeira posto que esta "não é um crime de acordo com o Código Criminal". O autor relata que seis anos depois, a perseguição aos capoeiras se intensifica. Se até aqui, os capoeiras eram perseguidos, principalmente, porque ofereciam algum tipo de ameaça física aos "pacíficos cidadãos", seja quando "cometiam ferimentos" ou "provocavam desordens"; agora o argumento primordial passa a ser outro. Referindo-se à capoeira como uma "doença moral" que prolifera na "grande e civilizada cidade".

Segundo Adorno (1999, p.30) houve uma organização da sociedade na época para acabar com a capoeira e motiva um chefe de polícia da Corte ressaltar a necessidade de se formalizar a criminalização da capoeira, sugerindo a deportação dos estrangeiros e o envio dos brasileiros para colônias penais. Nesse período muda o motivo central da argumentação policial: o discurso da repressão passa a coadunar-se com os pressupostos evolucionistas vigentes da época. Esses conceitos, pautados numa abordagem biológica do social, pressupunham a inferioridade racial do negro. Assim, o temor do "contágio moral" da "barbárie negra" orientava a ação das autoridades.

No entanto, a Capoeira, ao mesmo tempo em que sofre uma intensificação da perseguição policial, começara também a ser descrita por alguns literatos cariocas, não apenas pelo que "tem de mau e bárbaro", mas também como uma "excelente ginástica", a ser adotada inclusive nas escolas e quartéis, surgindo aqui uma nova representação social para essa prática, vista agora como "herança da mestiçagem no conflito das raças" e, portanto, "nacional".

No Brasil colonial, a presença da Capoeira já se encontrava de tal forma sedimentada na sociedade que os capoeiras passaram a se caracterizar enquanto um grupo social. Premidos pelas circunstâncias, faziam usos variados da habilidade que a arte lhes conferia. Com o emprego de diversos instrumentos de ataque e defesa, passaram a prestar serviços aos membros das classes dominantes, que deles se serviam para a execução de crimes que garantiam a continuidade no poder.

Segundo Adorno (1999, p.31) no período imperial muitos escritores empolgaram-se com a Capoeira e seus adeptos. Joaquim Manuel de Macedo, em Memórias de um sargento de milícias; Aluizio de Azevedo, em O cortiço, retrataram em seus romances cenas do período em que capoeiras pontificavam, nas suas lutas.

Desde o Império (1822-1889) a presença da Capoeira na vida brasileira foi acentuada. Consta que possuía D. Pedro I um capoeirista como guarda-costas, servindo-lhe de proteção em suas andanças noturnas. E não eram poucos os nobres que dominavam recursos da Capoeira. Os negros encarregados dos serviços domésticos muitas vezes ensinavam aos sinhozinhos alguns de seus segredos. Cada vez mais a luta era praticada, rompendo todas as barreiras. (ADORNO, 1999, p. 31).

Segundo Rego (1968, p.27), desde 1821, decretos oficiais de punição foram emitidos com alusões explícitas aos capoeiristas, como: "escravos capoeiras"

(1822); “*capoeiras e malfeitores*” (1831), no qual há uma nota explicativa esclarecendo que “capoeiras” era a designação dada aos negros que viviam no mato e assaltavam passageiros; “*capoeiras suspeitos de andar armados*”, (1834). Em 1878, Rego (1968), informa que o então chefe de polícia do Rio de Janeiro, imbuído dos pressupostos evolucionistas de sua época, considerava a capoeira como uma doença moral que proliferava na cidade. Esta percepção encontrou conformidade com o ideal de higienização da sociedade, defendido pela política republicana nos primeiros anos de atuação.

1.3 Caminhos da marginalidade

No segundo momento “*marginalidade*”, após a abolição. Em raros momentos de folga, nos terreiros das senzalas e das casas-grandes, os escravos costumavam se reunir e, formando círculos, jogavam a capoeira ao som do pandeiro, do berimbau, do atabaque e do agogô, entoando cantigas e ladainhas que expressavam sua maneira de ser, de existir, mescladas de saudade da terra natal, a Mãe África. A dança, representada pelos movimentos do corpo, servia como disfarce para esconder o caráter de luta, dando-lhe uma expressão de jogo, de um entretenimento inofensivo.

Abreu (2007, p.12) aponta que um dos principais motivos de não existirem provas documentais para se resolver a polêmica se a Capoeira é africana ou brasileira é o fato de Rui Barbosa, então ministro da fazenda do governo de Deodoro da Fonseca, ter mandado queimar todos os documentos que se referiam à escravidão no Brasil. Ato que praticou dizendo ser necessário apagar da memória da nação o fato do país ter sido escravocrata.

O autor também descreve sobre a capoeira dizendo “a velocidade dos movimentos e a destreza com a qual esses eram executados colocavam em risco a integridade física e moral dos próprios escravos e opressores”. Um escravo machucado traria prejuízo ao seu dono e um escravizado agredido ou morto seria uma ofensa aos grandes senhores, assim, a prática da capoeira foi proibida.

Adorno (1999, p.32) explica que antes da abolição levantavam-se as primeiras vozes pedindo a criminalização da capoeira. Reconhecendo os esforços da polícia para reprimir a “audácia” dos capoeiristas, “terror da população pacífica”,

o chefe de polícia do Rio de Janeiro reclama, em seu relato anual, da dificuldade de se reprimir a capoeira posto que esta "não é um crime de acordo com o Código Criminal". O autor diz que seis anos depois, a perseguição em relação aos capoeiras se intensifica. Se até aqui, os capoeiras eram perseguidos, principalmente, porque ofereciam algum tipo de ameaça física aos "pacíficos cidadãos", seja quando "cometiam ferimentos" ou "provocavam desordens" agora o argumento primordial passa a ser outro.

Referindo-se à capoeira como uma "doença moral" que prolifera na "grande e civilizada cidade", o chefe de polícia da Corte ressalta a necessidade de se formalizar a criminalização da capoeira, sugerindo a deportação dos estrangeiros e o envio dos brasileiros para colônias penais.

Nesse período muda o motivo central da argumentação policial: o discurso da repressão passa a coadunar-se com os pressupostos evolucionistas vigentes àquela época que pressupunham a inferioridade racial do negro e do índio. Assim, o temor do "contágio moral" da "barbárie negra" orientava a ação das autoridades. Alguns estudiosos, dentre eles (Marques, 1996)⁵ chegaram a afirmar que em 1888, ex-escravos capoeiristas não teriam encontrado lugar na sociedade e caíram na marginalidade, levando consigo a capoeira, que foi proibida por lei.

Percebe-se que a sociedade capoeirista foi capaz de sobreviver a longos anos de feroz perseguição. A capoeira não era só um estilo de dança e de música, era também um espaço de sociabilidade escrava, de reconstrução de laços de companheirismo, e até familiares, rompidos com a escravização e o envio ao Brasil. A capoeira é mais um capítulo da história, da tentativa de recriação de uma sociabilidade escrava, partindo do comum exílio e das condições igualmente degradantes da grande maioria mantida no cativeiro, a que chamamos de diáspora africana no Brasil. Ela foi inventada como divertimento, mas na realidade funcionava como faca de dois gumes.

Vieira (2004, p.21) também nos informa que os capoeiras das Maltas⁶ introduziram o uso de armas, notadamente a navalha, esta trazida pelos portugueses, conhecidos como lisboetas, portugueses que em sua terra natal tinham as mais variadas funções como açougueiros, barbeiros e artesões. Segundo esse

⁵ MARQUES, Gabriel. Da Senzala à Unidade Racial: Uma abordagem da realidade racial no Brasil. Ed. Planeta, 1996.

⁶ Maltas sociedades secretas, com as mesmas características: rituais, orações, sinais e saudações secretas, que mesclavam práticas da maçonaria com misteriosos estilos africanos. Vieira (2004, p.36).

autor é sempre necessário mencionar que o entendimento do papel da capoeira na cidade é fortemente dependente da compreensão da experiência escrava urbana.

A capoeira escrava era um símbolo da cultura africana ostentada orgulhosamente pelos escravos, nas ruas do Rio de Janeiro. Os negros eram presos em pleno dia por assobiarem como capoeira, usarem um casquete com fitas amarelas e encarnadas – símbolos dos capoeiras – e por carregarem instrumentos musicais utilizados nos seus encontros. (VIEIRA, 2004, p.34).

Vieira (2004, p.26) argumenta que identifica a divisão de cores dentro da capoeira, o uso de símbolos como os apelidos e outras características que definem um lugar específico ocupado pela capoeira no centro da comunidade escrava e negro-africana do Rio de Janeiro. Por outro lado Adorno (1999), afirma que a capoeira dessa época tinha por escola as praças, ruas e corredores. Formavam bandos perigosos, que se dava a conhecer entre si pelas características dos chapéus, lenços, roupas, fitas e tantas convenções quanto era possível imaginar. Segundo esse autor no século XIX, os três principais centros históricos da capoeira eram as cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

De acordo com Vieira (2004, p.29) a questão dos capoeiras nunca foi resolvida no período joanino, nem em toda a primeira metade do século XIX. Os capoeiras continuavam ameaçando a população e a vida da charmosa cidade burguesa do Rio de Janeiro. Até o final do século XX, a capoeira nunca foi bem vista pela sociedade. As pessoas que a praticavam eram consideradas de má índole. Os primeiros registros policiais contra os capoeiristas surgem em 1789 com a prisão de um pardo capoeirista, registrado no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro. A força, a agilidade e a malícia dos negros praticantes assustavam os senhores do engenho e das localidades urbanas da época, por isso os capoeiristas sempre eram perseguidos pela polícia e fortemente reprimidos.

De acordo com Adorno (1999, p.39), os capoeiristas foram perseguidos por todo o século XIX. Se por um lado a sua ação provocava verdadeiro pânico numa parcela da população - especialmente nas elites - que apoiavam a repressão policial, muita gente desconfiava dessa ação. Apesar de serem tidos como marginais e desordeiros são os capoeiristas que ajudam a controlar a Revolta dos Mercenários, no Rio de Janeiro, em 1828 e também tiveram papel heroico na Guerra do Paraguai quando estiveram na frente de batalha. Quem voltasse da guerra ganhava o direito à

alforria, numa mostra de luta pela sobrevivência dos capoeiristas, que em alguns momentos lutavam ao lado do poder e em outros eram perseguidos pelo poder.

Apesar das manifestações em defesa do Brasil, em 1890, o governo republicano do Marechal Deodoro da Fonseca edita um decreto, criminalizando a capoeira. Policiais tornam-se figuras destacadas na sociedade pela perseguição contra os capoeiristas. A criminalização da capoeira não foi consensual, mas significou a vitória política de uma determinada facção da classe dirigente nacional.

De acordo com Pires (2004, p.40) em 11 de outubro de 1890, foi promulgada a Lei nº. 487, de autoria de Sampaio Ferraz, proibia a prática da capoeira e previa punição de 2 a 6 meses de trabalho forçado na ilha de Fernando de Noronha. Também as autoridades criaram Decretos que condenavam essa cultura; veja

DOS VADIOS E CAPOEIRAS

Artigo 402: *Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordem, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal.*

Pena - prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo Único: *é considerado circunstância agravante pertencer a capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes e cabeças se imporá a pena em dobro.*

Artigo 403: *No caso de reincidência será aplicada à capoeira, no grau máximo a pena do artigo 400, pena de um a três anos em colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou em fronteiras do território nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presídios militares existentes.*

Parágrafo Único: *Se for estrangeiro será deportado depois d cumprir a pena.*

Artigo 404: *Se nesses exercícios de “capoeiragem” perpetrar homicídios, praticar lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, e perturbar a ordem, a tranqüilidade e a segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.*

(PIRES, 2004, p.40).

Segundo Adorno (1999, p.39) como não eram apenas os negros e mestiços que praticavam a Capoeira, a lei acabou atingindo importantes pessoas da nobreza, alguns filhos de nobres senhores são detidos e assim surgem as primeiras manifestações contra a criminalização, porém a perseguição policial intensa faz com que a capoeira quase desapareça do país, sendo mantida com mais força na região nordeste, principalmente em Salvador.

Supõe-se que, em relação à força policial, diante da rivalidade entre os grupos da capoeira é histórica. Tendo em vista que a capoeira como já tratamos

acima, era concebida como uma ação marginal a ser repreendida pela instituições do estado. O que representou historicamente a negação do estado (cultura branca colonizadora) a cultura afro-brasileira.

1.4 Do terreiro às academias

Apesar de tantas versões sobre a origem da capoeira no Brasil, uma coisa é certa: na primeira metade do século XIX essa luta estava irremediavelmente ligada à condição escrava, e a recriação dos africanos escravizados ao chegar em terras . Analisamos a documentação histórica referente a esse período. Soares (2006) observa que:

Todas as nações africanas escravizadas no Brasil tiveram representantes presos como capoeiras, nas mais diversas proporções nesse período. Esses dados, segundo o autor, reforçam a ideia da capoeira ser uma invenção escrava, isto é, ter sido criada no Brasil, nas condições específicas da escravidão urbana, por escravos (SOARES, apud MUNANGA; GOMES, 2006, p. 156-157).

A trajetória histórica da capoeira é marcada por contradições e falta de consenso entre os que dela se ocupam em estudar. Isso pode ser entendido pelo fato de reconstruir sua história e mantê-la através da memória por meio da oralidade e dos ritos. Quando vamos buscar documentos para saber sobre esse tema, certificamos que há escassos registros documentais, os que encontramos datam do começo do século XIX.

Um quadro de Johan Moritz Rugendas intitulado "Jogar Capoeira ou Danse de la Guerre", de 1835, é considerado o primeiro registro preciso sobre a capoeira. Neste quadro dois negros se situam em posição de luta enquanto um outro, sentado, toca um atabaque que segura com as pernas. Outros negros, homens e mulheres assistem à luta (ou jogo) que se realiza.



Imagem 1 – Rugendas. 1835.
<http://www.bolsadearte.com>. (Outubro/2012).

A historiadora e antropóloga Leticia Vidor de Sousa Reis (2000), também confirma que a capoeira parece remontar aos quilombos da época colonial, quando os escravos fugitivos utilizavam-se do próprio corpo como uma arma. Contudo, informa que, por não existirem investigações históricas da capoeira entre os séculos XVI e XVIII, não é possível reconstruir o processo que levou ao seu deslocamento do campo para a cidade.

Os primeiros registros oficiais da ação dos capoeiristas ocorreram no Rio de Janeiro, em fins do século XVIII, e dizem respeito a registro de ocorrências policiais envolvendo escravos em brigas e desordens pela cidade. Em publicações sobre o desenvolvimento histórico da capoeira, Dias (2006) foi constatado que a capoeiragem não se restringia ao mundo do crime, mas também estava presente no mundo da festa, da brincadeira, na marujada e até mesmo na polícia.

Os autores referindo-se à capoeira carioca e baiana respectivamente refutam a ideia de que os capoeiras limitavam-se ao estado de vadios e desocupados como escreviam os jornalistas da época. Contudo, também ressaltam que o fato de possuírem ofício não significava que não eram desordeiros, pois, como pode ser visto em suas pesquisas, a maioria deles vivia no mundo das ruas, batia tambor, fazia barulho, e algumas vezes até matavam; em síntese, transgredia os padrões e as regras da ordem pública.

Na década de 30, com a política governista juntamente com intelectuais como Gilberto Freyre que protagonizavam uma nova identidade nacional brasileira,

não se poderia mostrar nada sobre os negros ex-escravizados que demonstrassem violência, pois em seu livro “Casa Grande & Senzala (1983), na referida obra, o autor caracterizou uma vasta família patriarcal dos latifúndios escravagistas dos séculos XVI e XVII como um caldeirão de mistura inter-racial que harmonizou diferenças entre escravos negros e senhores de engenhos brancos, diluiu conflitos, criando, assim povo brasileiro. Representou uma inflexão definitiva no discurso racista dominante e esse pressuposto da ideologia nacional estava amplamente comprometido com o discurso do branqueamento⁷, inclusive em sua funcionalidade e aplicação nas políticas de educação, instituindo o mito da democracia racial.

Nesse contexto, as condições de capoeiristas e malandros então associadas à vadiagem, criminalidade, prostituição e outros, são deslocadas e recebem a notabilidade de esperteza e ludicidade do povo brasileiro.

A capoeira no decorrer do tempo passou a ser vista como método educativo. Todavia, antes o que era proibido passou a ser “legal” após a década de 30, quando Getúlio Vargas tomou o poder, derrubando Washington Luís, permitindo a prática “vigiada” da capoeira em recintos fechados e com alvará da polícia e ainda era parte integrante e obrigatória de todas as festas populares.

Em 1934, um fato relevante marcou a história da capoeira no Brasil, o presidente Getúlio Vargas descriminalizou a capoeira e decretou que era um "esporte autenticamente brasileiro". Mas ela continuou sendo vista como coisa de marginais. Getúlio Vargas, em ato presidencial, retira a capoeira e outras manifestações como o candomblé, do Código Penal Brasileiro.

De acordo com Silva (1993), a origem da capoeira em academias, oficialmente, deu-se em Salvador, Bahia, com Mestre Bimba - Manuel dos Reis Machado:

Em 1932 fundou a primeira academia especializada, no Engenho Velho de Brotas, bairro pobre onde nasceu. Nessa época, ensinava também em residências, na “Roça do Lobo”. Em 1937, Mestre Bimba recebeu um convite do então interventor da Bahia, General Juracy Magalhães, para organizar uma roda de uma variação da Capoeira (chamada "Regional") para o Presidente Getúlio Vargas, que visitava Salvador. Desde então, a Capoeira ganhou reputação como arte marcial no mundo inteiro, assim como por sua função social e educativa. Cinco anos depois era Bimba registrada como professor de Educação Física, e, em 1939, ensinava a

⁷ Branqueamento é o resultado no Brasil, da mestiçagem, porque nela a seleção natural faz prevalecer, após algumas gerações, comprometida pela imigração europeia e o fim do tráfico negreiro. (MUNANGA. Kabenguellé. Redescutindo a mestiçagem no Brasil: iden-ti-da-de Nacional versus Identidade Negra. Petrópolis:vozes,1999.

“regional” no quartel do CPOR. Instalou a sua segunda academia em 1942. (MARQUES, 2006, p.26-27).

E assim, Sérgio Buarque de Holanda comenta:

(...) Contudo, este ato mostra-se como um recurso político para aumentar o controle governamental sobre esses cultos, na medida em que se determina que sejam realizados fora da rua, em recinto fechado e somente com alvará de instalação. (HOLANDA, 1995, p. 74).

1.5 Percussores e mantenedores da capoeira como cultura de negros

Para que a capoeira continuasse existindo e sendo transmitida de geração em geração, foi necessário o empenho, a dedicação, a inteligência, a coragem, a sabedoria, o conhecimento, a esperteza, a mandinga, a disciplina, a inovação, a organização, a convivência, o molejo e o gingado dos velhos mestres, que lutaram incessantemente e ofertaram suas vidas para dedicar a sua crença, suas técnicas sua arte. Tantos outros atributos poderiam compor o rol dos significados de suas posturas e tomadas de decisões para a nação brasileira e porque não dizer para a humanidade. Reconhecimento digno, muitas vezes tardio, àqueles que souberam liderar, promover e agrega pessoas ao seu movimento. Nisso consiste a sobrevivência da memória e da lembrança dos nossos ancestrais.

Grandes mestres que criaram passos e mantiveram a capoeira, essa arte tradicional que se mantém na atualidade em vários espaços. Muitas foram às pessoas que contribuíram para a construção e valorização da capoeira para que a mesma pudesse chegar ao patamar que ocupa hoje. Vamos nos ater a elencar a importância dos mestres mais antigos, pedindo licença aos Mestres que continuaram a exercê-la com afinco e expandiram a capoeira por esse mundo afora.

Percussores e mantenedores da capoeira como cultura negra, podemos destacar o Mestre Besouro de Mangangá na Bahia, Manduca da Praia no Rio de Janeiro, Nascimento Grande em Recife, Zumbi dos Palmares, na Serra da Barriga em quilombo de Palmares, Alagoas e os dois maiores ícones da capoeira no Brasil e no mundo o Mestre Pastinha, criador da capoeira Angola e o Mestre Bimba, Criador da Capoeira Regional.

A história dos grandes capoeiras vive até nossos dias, na imaginação popular e cantigas que narram suas façanhas, no toque do Berimbau, na batida do

atabaque, pandeiro, agogô, reco-reco, nas palmas, no coro e nas letras das ladinhas, que transmitem o grito e traduzem o legado dessa dança e luta genuinamente brasileira à caminho da libertação.

Em Santo Amaro, Besouro Mangangá ou Besouro Cordão de Ouro, sobrevive como um dos maiores capoeiristas da Bahia, um dos mais admirados e citado em canções nas rodas de capoeira. Nascido em 1897, era filho de João Grosso e Maria Haifa, chamava-se Manoel Henrique. Aprendeu Capoeira com o escravo chamado Tio Alípio. Ganhou o apelido de Besouro (inseto de picada venenosa) devido à crença popular que dizia que quando ele arrumava alguma enrascada e o número de inimigos era grande além do que ele poderia suportar não sendo possível vencê-los ele se transformava em besouro e saía voando.

Sua escola de Capoeira ficava em Santo Amaro, onde fez discípulos como Cobrinha Verde que também era seu primo. Era exímio capoeira e faquista perigoso. Tinha o "corpo fechado" e não gostava de polícia. Em 1924, empregou-se de vaqueiro na fazenda de um senhor conhecido pelo nome de Dr. Zeca. Este fazendeiro tinha um filho de nome Memeu que era muito genioso. Ele teve uma discussão com Besouro, seu pai temendo por sua vida, mandou Besouro se empregar em uma usina onde tinha um amigo administrador. Mandou então uma carta para ele, pelo próprio Besouro que não sabia ler. Esta carta pedia que dessem fim nele por lá mesmo.

Besouro foi brutalmente traído e assassinado aos 27 anos de idade. Cercado por uns 40 homens os quais lhe atiraram, as balas nada lhe fizeram, mas um homem o feriu pelas costas com uma faca de tucum (madeira com resistência de ferro, alguns diziam que esta tinha poderes mágicos).

Hoje sua história se transformou em filme e os grupos de capoeira, revivem em suas academias lembranças de uma lenda viva, que é entoada também em rodas de capoeira como exemplo o que expressa a letra e música do Mestre Boa Voz:

Mandei caiá meu sobrado, mandei, mandei, mandei,
Mandei, caiá de amarelo, caiei, caiei, caiei.
Amarelo, que lembra dourado, dourado é meu berimbau
Dourado de cordão de ouro, besouro, besouro, besouro.
Pra quem nunca ouviu falar, e pra aqueles que dizem: é lenda
Pois saibam que besouro preto
Viveu, viveu. Morreu.
Lá pras bandas de Maracangalhas, sem temer inimigo nenhum

Não valeu seu corpo fechado, pras facas de aticum!
 Mas mesmo depois de morto
 Entre umas e outras cantigas
 Besouro vai sempre viver enquanto existir mandinga.

(MESTRE BOA VOZ, vol.02).

Mestre Pastinha (1889-1981) é venerado por todos os capoeiristas que se prezam. Vicente Ferreira Pastinha nasceu em Salvador, a 05 de abril de 1889. Aprendeu capoeira com o "Velho Africano", mestre Benedito. Além de capoeirista, Pastinha era também pintor, chegando a dar aulas de pintura á óleo carvoeiro, mestre de obras e condutor de bois, trabalhou com a Capoeira de Angola que segundo ele, seria uma vertente mais pura e original. Em 1941, mestre Pastinha fundou o "centro esportivo de capoeira angola", graças ao mestre Amorzinho que lhe ofereceu a academia e insistiu para que ele a dirigisse. Para Pastinha a capoeira "de angola" se diferencia da capoeira regional por "não ter método", "ser sagrada" e "maliciosa". Pastinha não aceitava a mistura feita por mestre Bimba, que incorporou à capoeira movimentos de outras lutas. Na capoeira angola, como explica Pastinha, o capoeirista lança mão de inúmeros artifícios para enganar e distrair o adversário. Finge que se retira e volta-se rapidamente. Pula para um lado e para outro. Gira para todos os lados e se contorce numa "ginga" maliciosa e desconcertante.

Mestre Pastinha defendia a continuidade da ancestralidade africana da capoeira, que por sua vez recebeu o nome de Capoeira Angola, uma nova filosofia para a prática da capoeira, baseada numa estética de jogo mais simbólica e subjetiva, que continha certo misticismo, lealdade com os companheiros de jogo e obediência absoluta às regras que o presidem.

De acordo com Silva (2003, p.7) Vicente Ferreira Pastinha, o baiano Mestre Pastinha, foi um dos maiores nomes da capoeira no final do século XIX e início do século XX. Fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola, na Bahia, mantendo os fundamentos da capoeira e até implantando alguns de sua própria criação. Mestre Pastinha foi o mais célebre representante da Capoeira de Angola (posteriormente assim chamada), dedicando toda sua vida para valorizar essa manifestação genuinamente afro-brasileira.

Mestre pastinha uns dos difusores da Capoeira Angola define-a como "mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu principio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeira".

Em Salvador o Mestre Pastinha abre sua primeira academia de capoeira angola em 1941. Em 1972 inicia-se um trabalho dos capoeiristas do Rio de Janeiro para enquadrar a capoeira como esporte nacional. A partir daí aumentam o número de academias em todas as regiões do Brasil praticando a capoeira regional, que instaurou a hierarquia dos cordões na formação dos alunos.

A partir dos anos de 1980, a capoeira angola é redescoberta graças a união dos angoleiros por preservar a tradição. A partir de então, velhos mestres esquecidos como os mestres João Grande e João Pequeno, discípulos do mestre Pastinha, passaram a ter valor e além de firmar a atividade no território nacional ganharam também reconhecimento no exterior.

Apesar de ser uma das grandes celebridades da vida popular da Bahia, chegando a ir até o continente africano, ter merecido o título de Doutor Honoris Causa por intelectuais na Universidade Federal da Bahia, Mestre Pastinha, Mesmo com essas e outras homenagens que recebeu durante sua vida produtiva, ao final de sua vida, foi praticamente esquecido. Morreu aos 92 anos, em 14 de outubro de 1981, pobre e cego em um cortiço de Salvador (BA). Em seu enterro, foi homenageado com toques de Berimbau.

Retratar a memória de Manoel Dos Reis Machado: O Mestre Bimba, patrono da capoeira regional, é sempre uma atitude de enraizamento, admiração e respeito.

Mestre Bimba nasceu no dia 23 de novembro de 1899 no bairro de Engenho Velho, freguesia de Brotas, cidade de Salvador, Bahia, Manoel dos Reis Machado. Teve como pai Luís Cândido Machado, caboclo de Feira de Santana. Sua mãe, Maria Martinha do Bonfim, era uma crioula de Cachoeira. Logo ao nascer, o garoto ganhou um nome que se tornaria símbolo e sinônimo da Capoeira. Isso graças a uma frase dita à hora do parto: - olha a bimbinha dele! Esta exclamação definiu o resultado de uma aposta entre a mãe da criança - que imaginava uma menina - e a parteira, que previra um menino. Ninguém seria capaz de pensar, naquele momento, que Bimba passaria a ser um nome destinado a acompanhar o futuro capoeira em sua entrada na história do jogo. (MACHADO, Luiz Carlos. **O Popular**, Jun/2002 - anexo I).

O aprendizado de lutas se iniciou com o pai, à época famoso lutador de batuque uma antiga forma de luta negra. Aos 12 anos começou a aprender Capoeira com o africano Bentinho, capitão da Cia. de Navegação Baiana. Segundo suas

palavras, o sistema de aulas à época era bastante violento. As rodas eram formadas na Estrada das Boiadas (atual bairro da Liberdade), em Salvador, num ritmo brávio ao som do berimbau. Mestre Bimba costumava recordar um golpe formidável aplicado por Bentinho, que o acertara na cabeça, provocando um desmaio até o dia seguinte.

Seu trabalho como mestre-capoeira iria distinguir-se pela divulgação do jogo em todos os recantos do país; A essa altura, Bimba começou a sentir que a Capoeira Angola, que ele praticava e ensinou por um bom tempo, tinha se modificado, degenerou-se e passou a servir de "prato do dia" para "pseudo-capoeiristas", que utilizavam unicamente para exibições em praças e, por possuir um número reduzido de golpes, deixava muito a desejar em termos de luta. Aproveitou-se então do "Batuque" e da "Angola" e elaborou um sistema próprio de treinamento e transmissão dos conhecimentos e técnicas do jogo: a Capoeira Regional Baiana.

Graças aos seus esforços foi aberta a primeira Academia de Capoeira com autorização oficial. Esta seria a forma adotada por inúmeros mestres para obter e legalizar um espaço, onde a prática do jogo não sofreria o perigo de perseguições. Afinal, era o ano de 1937 e o país vivia sob uma ditadura - período que sempre se destaca pela generalização das arbitrariedades e cometimento de toda sorte de violências pelos detentores do poder. E o que era tolerado em um dia poderia ser reprimido no outro. (SILVA, 2003, p.07).

Em sua vida Bimba foi trapicheiro, doqueiro, carroceiro, carpinteiro. Mas acima de qualquer coisa e por todo o tempo, mestre-capoeira. Um dos maiores nomes deste ofício. Mestre Bimba dedicou-se ao jogo até o final dos seus dias. Em seus últimos anos de vida, deixou a Bahia e veio para Goiás, atraído pela possibilidade de encontrar o reconhecimento a que fazia jus. No ano de 1974, mestre Bimba deixou definitivamente o convívio da família, amigos e discípulos e passou a ocupar lugar de destaque na memória da Capoeira.

Mestre Bimba foi o primeiro a introduzir a Capoeira nas escolas, primeiramente na Faculdade de Medicina e Direito de Salvador/BA e até mesmo no exército, aprimorando a sua conhecida Capoeira com os movimentos do Batuque, uma luta de quedas da qual seu pai era campeão, e criou a Luta Regional Baiana, que acreditava ele, não sairia da região de Salvador, e sabemos é a nossa hoje denominada Capoeira Regional, que vem sendo resgatada pela Escola de Capoeira Filhos de Bimba (1899-1974).

Foi a partir de Mestre Bimba, que a Capoeira passou a receber a denominação de Capoeira Regional, para os discípulos de Bimba e Capoeira Angola, para os demais capoeiristas.

De acordo com Silva (2003, p.7), Mestre Bimba utilizou na criação da Capoeira Regional os seus amplos conhecimentos da Capoeira Angola e do Batuque. O Batuque é uma luta aguerrida, violenta, cujo objetivo é jogar o adversário no chão usando apenas as pernas. "Em 1928 eu criei, completa, a regional" disse Mestre Bimba, esclarecendo que "é o Batuque misturado com Angola, com mais golpes. Uma verdadeira luta, boa para o físico e para a mente".

Mestre Bimba (1900-1974) abriu as portas do mundo ao implementar o seu estilo moderno de capoeira regional e ao ganhar o reconhecimento de Getúlio Vargas. Apesar disso, também morreu pobre em Goiânia. Contudo os esforços desses mestres fizeram com a propagação da capoeira, enquanto arte, e manifestação genuinamente afro-brasileira fosse divulgada e reconhecida pelo governo federal.

Em 1937, Manoel dos Reis Machado, o "mestre Bimba", consegue a autorização para criar sua academia de Luta Regional Baiana, depois conhecida como Capoeira Regional, mas a sua aceitação não se deu de forma consensual entre os capoeiristas. Bimba usufruindo de um ideal mestiço e de defesa da capoeira como legítimo esporte brasileiro, já incorporada por intelectuais brasileiros, consolidou o "embranquecimento simbólico da capoeira", somando à prática, movimentos de artes marciais orientais e ocidentais, como Karatê, Jiu-Jitsu e luta greco-romana, trocando a ritualidade pela agilidade e eficiência. (REIS, 2000).

O esforço e o sacrifício de desses grandes mestres foram decisivos para que a capoeira chegasse ao reconhecimento que acaba de receber. A história, a dimensão social e cultural e de resistência negra da capoeira mescla-se com novos ideais e novos praticantes. Aos poucos, a classe média, intelectuais, militantes, políticos e profissionais liberais começam a praticá-la. A relação entre capoeira-malandragem-marginalidade modifica-se. A capoeira passa por mudanças históricas, políticas e culturais dos anos 60.

A capoeira no contexto da década de 70, anos da ditadura militar tendeu a diluir-se ainda mais, pois volta a ser praticada nas obscuridades, os militares não aceitavam e nem liberavam alvará para criação de novas academias. No entanto, esse não é um movimento homogêneo. Outros mestres de capoeira foram surgindo,

há criação de novas modalidades de capoeira; os estilos angola e regional ganham novos adeptos, novos batismos de capoeira ocorrem. Dentro do universo dos capoeiras encontram-se filosofias e modos diferentes de ver e interpretar a própria capoeira e a sua origem.

Segundo Marques (2006, p.27), mestre Bimba elaborou um regulamento para o benefício do atleta capoeirista que na verdade era um praticante de Educação Física que visava adquirir preparo físico básico e eficiente para a prática de qualquer esporte, como também para tornar o capoeirista melhor em sua performance no prazo mais curto de tempo possível.

Este regulamento resume-se em 09 (nove) itens:

1. Deixe de fumar. É proibido fumar durante os treinos;
2. Deixe de beber. O uso do álcool prejudica o metabolismo muscular;
3. Evite demonstrar aos seus amigos de fora da "roda" de capoeira os seus progressos. Lembre-se de que a surpresa é a melhor aliada numa luta;
4. Evite conversa durante o treino. Você está pagando o tempo que passa na academia; e observando os outros lutadores, aprenderá mais;
5. Procure gingar sempre;
6. Pratique diariamente os exercícios fundamentais;
7. Não tenha medo de se aproximar do oponente. Quanto mais próximo se mantiver, melhor aprenderá;
8. Conserve o corpo relaxado;
9. É melhor apanhar na "roda" que na "rua".

Assim através destas dimensões, o jogador de Capoeira está capacitado a desenvolver todas as suas habilidades físicas, como força, coordenação, resistência e velocidade. Assim como suas habilidades físicas que podem ser melhoradas com a prática da capoeira, assim como seu lado afetivo, cognitivo e motor, assim como conjunto da obra a capoeira é um esporte completo, capaz de mudar e movimentar o seu corpo para atingir um alto grau de satisfação pessoal.

Estas duas posições distintas e ao mesmo tempo singulares, angola e regional, persistem ainda hoje representando a capoeira, demarcando espaços e ações. Ambas tiveram importante papel para a manutenção da capoeira no processo histórico do Brasil.

Bimba inventou uma capoeira/com balão de com rasteira/galopante/ Regional/Pastinha, com seu jogo tão maneiro/porém falso e traiçoeiro/ Angola Tradicional/oi, oi, oi, oi, oi Yes/ eu vi no mercado modelo/ eu vi mestre bimba dar salto mortal/oi, oi, oi, oi, oi Yes/ eu vi Mestre Pastinha/tocar berimbau. (MESTRE GAJÉ, MESTRE VALÚ CZ.

Música: **Bimba Creador da Regional**. Capoeira Mercado Modelo - II. CD-ROM).

A capoeira expressa sua força e sua diversidade na sabedoria dos grandes mestres. Como conclusão da abordagem da capoeira como parte intrínseca do legado oriundo da cultura negra pela prática pelos mestres, vamos recorrer ao pensamento de (SANSONE, 2004, p.7):

É preciso tentar definir a especificidade relativa das culturas e identidades negras em relação a outras formas de identificação étnica e de produção cultural. Precisaremos de uma definição de cultura(s) e identidade(s) negra(s) que seja suficientemente ampla e maleável (...) A cultura negra pode ser definida como a subcultura específica das pessoas de origem africana dentro de um sistema social que enfatize a cor, ou a ascendência a partir da cor, como critério importante de diferenciação ou segregação das pessoas. A existência de uma cultura negra pressupõe a transmissão de padrões ou princípios culturais específicos de uma geração para outra, dentro de certos grupos sociais, os quais podem incluir uma multiplicidade de tipos fenótipos de pessoas de ascendência africana (mestiça). Essa transmissão se dá na família, na qual os pais ensinam aos filhos sobre seu passado, ou através das representações grupais, nas quais as pessoas mais velhas ou as de conhecimento reconhecido sobre o que é tido como cultura negra socializa esse conhecimento com as demais. (SANSONE, 2004, p.7).

É nosso mister trazer à tona, a importância das batalhas travadas pelos líderes negros como símbolo de resistência, que custou a vida de muitos e muitas e se transformaram em parâmetro de organização e movimento social negro.

1.6 Movimento Negro e capoeira: olhares e expectativas

O Movimento Negro Unificado⁸, componente da realidade política brasileira, originado no seio das sociedades organizadas em prol da luta pela cidadania e respeito à vida, contra as desigualdades étnicas e de classes sociais, corrobora para se pensar o processo de democratização do Brasil.

Sua história no Brasil se confunde com a história de luta pela democracia. A presença negra na história é marcante nos períodos de luta pela liberdade

⁸ Movimento Negro no âmbito desta dissertação é compreendida como o conjunto de entidades negras, de diferentes orientações políticas, que tem em comum o compromisso de lutar contra a discriminação racial, o racismo acreditando na centralidade da educação para a construção de uma identidade negra positiva. (RODRIGUES, Tatiane Consentino, 2005.p.251) In: Negro e educação: escola, identidades, cultura e políticas públicas. Organizado por: Iolanda Oliveira ET.al.São Paulo Ação educativa, ANPED,2005.

democrática que permearam os anos de 1945, com a criação do Teatro Experimental do Negro (TEM) criado por Abdias Nascimento, um dos mais enfáticos a denunciar o racismo. Em 07/07/1978 com o nascimento do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), concentrando centenas de intelectuais no questionamento sobre a posição do negro na estrutura social do país. No ano de 1988, as marchas coroaram as lutas contra o racismo, com o centenário da abolição, e mais recentemente em 2001 com a Conferência de Dubai, que estabeleceu políticas públicas de Ações Afirmativas para a população Afro-brasileira.

Desde então, iniciativas organizadas pela população negra lideraram constantes debates em prol do respeito de seu lugar como protagonista na construção deste país marcando profundamente a história política da nação brasileira.

A expressão “negro” para o Movimento Negro passou a exprimir o contrário da visão preconceituosa.

Utilizada para humilhar, agredir e discriminar os descendentes de africanos no Brasil, o MNU reescreveu essa expressão “negro” que passou a ser uma palavra de ordem, de reconhecimento, de dignidade, de desenvolvimento e autoestima. Transformando a desqualificação pela qualificação maior dessa identidade. (GARCIA, 2008, p. 23).

Para esse autor, a sociedade brasileira ao longo de sua história, tem sido cruel, primeiro com os africanos e hoje com seus descendentes. Somam-se mais de um século de subcidadania negra no Pós-abolição e o fato racial é uma invariável crucial para o desenvolvimento sustentável no país.

O ideal de branqueamento implícito no conceito de democracia racial passou a ser questionado com veemência a partir da década de 1970, quando o MNU, retomou a luta antirracista enriquecido pela experiência dos movimentos anteriores e pela confluência de eventos como as lutas pela libertação dos povos africanos, contra o Apartheid na África do Sul e dos negros pelos direitos civis nos EUA. Nesse contexto, o MNU adotou uma estratégia mais politizada de denúncia aberta à discriminação racial e ao racismo na sociedade brasileira.

Essa retomada foi marcada, entre outras questões, pela percepção de que raça constituía-se em um conceito organizador das relações sociais no Brasil, pela denúncia e descrédito da ideologia da democracia racial e pela percepção de que a construção de uma sociedade plurirracial e o resgate da identidade étnica passaria necessariamente pela desfolclorização da cultura

e pelo reconhecimento do legado africano para a construção do Brasil. Tais questões levaram as diferentes gerações de militantes negros a insistirem no papel fundamental da Educação. (PINTO, 2003, p.26).

Repensar o papel que a raça, ocupa na constituição da sociedade brasileira, recai sobre polêmicas intelectuais por vezes contraditórias, sendo raça um conceito em amplo e profundo questionamento. Esse debate fica ainda mais aquecido quando relacionado ao tratamento que é dado ao conceito de classes dentro das análises sociológicas que procuram explicar e justificar as desigualdades sociais. Exemplo disso é o conceito de classes desenvolvido por Marx e difundido pelos marxistas no meio acadêmico, para demonstrar que a sociedade capitalista moderna, a sociedade burguesa, devia sua dinâmica e seu desenvolvimento à exploração dos trabalhadores. Marx com intenção de encontrar a relação de exploração entre o capital e trabalho que fosse tipicamente capitalista, subtraiu de sua análise da relação social do trabalho, todas as formas de coerção não econômicas como gênero, raça, etnia, nacionalidade.

É importante salientar que as propostas atuais (pós-modernas), apontam e justificam a ausência de discussão sobre raça questionando as atribuições de classe como foco principal de geração de desigualdades sociais. Todavia, segundo GUIMARAES (2005, p.259), a negação da existência da raça subsiste, com tratamento discriminatório e com a reprodução da desigualdade social.

Silvério (2002, p.219), afirma que mesmo quando se considera a proeminência da desigualdade econômica na explicação dos profundos problemas sociais do país é desconsiderar que as desigualdades são produto de uma complexa trama entre os planos econômicos, político, cultural e conseqüentemente, mostram uma confluência entre desigualdade econômica e desigualdade racial.

Nesse sentido, podemos compreender que o conceito de classes no Brasil, esconde a dimensão racial, por isso a necessidade de se reafirmar a raça como um conceito sociológico e uma ferramenta analítica para compreensão da realidade social.

(...) aí aparece à necessidade de teorizar as raças como elas são, ou seja, construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas socialmente eficaz para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios. Se as raças não existem num sentido estrito e realista de ciência, ou seja, se não são um fato social no mundo físico, elas existem, contudo de modo pleno, no mundo social, produtos de formas de classificar e de identificar que orientam as ações humanas. (GUIMARÃES, 2002, p.64).

O fundamental de toda essa discussão é poder afirmar que o conceito de raça também foi reintroduzido pelo movimento negro na denúncia da prática do racismo, da discriminação racial, na tentativa de dar visibilidade a uma identidade negra e na desmistificação do credo da democracia racial, negando o caráter cordial das relações sociais no Brasil.

Mas foi o MNU, uma abertura de portas para a superação do racismo ao possuir características marcantes, militância disciplinada, organizada em núcleos e focada na luta contra o racismo, umas das suas tarefas prioritárias. Assim, o MNU se transformou em conceito evocativo de um novo segmento do movimento das massas, tanto no cenário político como no imaginário nacional.

Ampliou-se as frentes em prol do debate e das denúncias, com a criação de inúmeras entidades negras, encontros culturais, organizações partidárias, guetos e marchas, de modo especial, as políticas públicas afirmativas. Essas frentes políticas do Movimento Negro resultaram na criação do mais importante órgão com status de Ministério, a SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) e a Fundação Cultural Palmares junto ao Ministério da Cultura (MINC). Teoricamente, ambas procuram integrar e orientar as diferentes políticas raciais.

Portanto, podemos afirmar que o Movimento Negro tem na cultura um importante elemento de resistência e de formação de núcleos organizados em torno da consciência negra.

Nessa abordagem é emergente pensarmos no movimento negro, seus olhares e expectativas, sempre influenciados pelas entidades e pessoas de maneira diversificada, especialmente quanto ao que se refere a sua relação com a capoeira.

Esse jeito mandingueiro, repleto de negaça, emergiu como valorização da cultura negra e passa a simbolizar o Brasil em qualquer parte do mundo, sua existência e sobrevivência como produto cultural negro perpassam pela unificação da luta do movimento negro e não foi obra do acaso.

Essa interação nos conduz a fazer alguns questionamentos. Onde a capoeira esteve presente? Como o Movimento Negro contribuiu para a disseminação e o fortalecimento da capoeira e vice-versa? Poderemos dizer que o movimento negro se consolidou com a prática da capoeira, também? Nos encontros do Movimento Negro existiram apresentações, debates entre os mestres ou

palestras que tratassem de capoeira? E o que marca ou define a capoeira como componente do movimento negro, já que ela é por si mesma uma comprovação de existência e resistência organizada da diáspora africana no Brasil? Por que determinadas bibliografias que retratam sobre o MNU no Brasil, não falam tão abertamente da capoeira, ou não possuem uma abordagem sob o ponto de vista dos seus mestres?

Essas indagações nasceram no âmbito da construção da pesquisa e certamente nos mostra que temos muito ainda que caminhar rumo a uma transformação tanto ideológica quanto empírica dos nossos olhares e expectativas de si e do outro na dinâmica interna e externa do Movimento Negro. Essas reflexões nos fazem lembrar uma expressão do Mestre Fumaça em uma de suas aulas na escola: “[...] o melhor da capoeira é a história dela”.

1.7 A Lei 10.639/2003: a capoeira e a educação para as relações étnico-raciais

A capoeira, uma forma de ataque e defesa pessoal utilizada pelos negros no período do processo de liberdade pode ser usada como processo educativo?

Vivemos um momento de redefinição e entendimento da identidade no Brasil, e através da capoeira podemos mostrar os diferentes eixos que podem ser trabalhados para educar, reeducar e inserir por meio de suas características que resistiram veementemente desde a escravatura.

Deve-se observar de uma ótica voltada para a relevância de que não são apenas traços de ataque e defesa pessoal, mas fatores educativos. É de suma importância conhecer a historiografia, a afro-descendência através da capoeira que é um instrumento de muita força e resistência, com todo um contexto histórico.

Ensinar história com história, a cada momento essa importância se ressalta. Mesmo após a sanção da Lei Áurea pelo regime imperial, os negros tendo conquistado a liberdade, não pararam de ser perseguidos por policiais e mal vistos aos olhos da sociedade.

Como afirma Cunha Junior (1999, p.64) é preciso possibilitar uma melhor compreensão de participação material, cultural e intelectual dos africanos e afrodescendentes na sociedade brasileira colonial e pós-colonial.:

Aos que acreditam que a escola é lugar de igualdade na diferença, aprendamos com a vivência de uma educadora Venceslina⁹ (2012) que nos compartilhou em entrevista e sua vivencia aponta na direção de uma reestruturação das práticas pedagógicas, ou seja, ter de redimensionar de fato as ações educativas, assentando-se em consistentes fundamentos socio-históricos.

O termo “racismo” só conheci, digo, senti na pele quando fui apresentada pela primeira vez à escola para ser alfabetizada. Até aquele momento, para mim, as pessoas eram iguais, pois possuíam os mesmos direitos e deveres. A escola era o lugar onde eu iria aprender a ler, escrever, contar e por que não realizar o sonho de minha mãe que via na educação um meio de dar uma vida melhor, do que a dela, para mim (longe das dificuldades econômicas, físicas e geográficas do sertão).

É verdade que a escola foi tudo isso e hoje é a razão da minha existência, pois representa o sustento da minha família e a base para a educação de meus filhos. No entanto, até ser o que sou hoje passei por situações difíceis e preconceituosas tanto na escola quanto fora dela, das quais prefiro não descrevê-las aqui. Vários foram os apelidos recebidos na minha infância: “Neguinha Ki chute, Cabelo de Bombril, Abeinha” e outros. A escola, principalmente, daquela época ainda que sem intenção reforçasse o racismo e preconceitos através de pequenas atitudes, como: escolha dos alunos mais bonitos(na visão da sociedade vigente) para apresentações culturais na comunidade.É preciso que nós educadores fiquemos atentos quanto aos tipos de relações que ocorrem no ambiente escolar, pois é nesse ambiente que muitas vezes surgem os apelidos, os estereótipos que depreciam o ser humano e que contribuem para a evasão e abandono escolar. (Venceslina, 10/2012).

Situações como estas são uma boa medida para que saibamos o quanto ainda precisamos avançar e nos comprometer com atitudes de combate ao racismo e ao racismo institucionalizado. A esse respeito Munanga (1996), afirma: “a sociedade produz novas formas de racismo (...)”. Portanto a luta é contra este presente concreto, atual, cotidiano, visível e comensurável.

Para Cavalleiro (2001, p.141), é senso comum acreditar que nas escolas todos estejam usufruindo das mesmas oportunidades. Todavia, a qualidade das relações nesse espaço pode ser geradora de graves desigualdades. Nessa longa estrada, houve avanço no entendimento de como a discriminação e o preconceito racial acontecem na escola. Muita proposta e pouca mudança no quadro social.

Ignorar as discussões sobre desigualdade racial e racismo presentes na escola e fora dela, ainda significa a grande resistência que atinge o processo de incorporação efetiva da população negra na democratização da sociedade brasileira,

⁹ Venceslina Cunha, é Professora da Educação Básica, graduada em Pedagogia, Especialista em Psicopedagogia e em Coordenação Pedagógica: SEDUC-TO,DRE/Arraias.

ou seja, o reconhecimento de suas diferenças e o combate às profundas desigualdades a que os negros e negras são submetidos.

É o que expressa a proposta do MNU ao realizar em 2005, a marcha Zumbi + 10 em Brasília como uma forma de (re) lembrar às autoridades, em especial às educacionais, que já haviam passado dez anos desde o reconhecimento oficial em 20 de novembro de 1995, da existência da discriminação racial e do racismo em que várias promessas fossem cumpridas.

Reconhece-se que algumas medidas adotadas pelo Estado como as que foram efetivadas pelo poder público na área da educação, voltadas para o combate ao preconceito e as discriminações raciais nas escolas como os PCN's, PNLD, o Sistema de Cotas e no memorial: Superando o racismo na escola. Porém, consideram-se essas medidas como paliativas dadas seu caráter restrito e pontual, ante a necessidade de ações estruturais que expressem um compromisso de política educacional para esse fim.

No entanto, uma dentre várias formas de combater a discriminação e o preconceito, assim como seus efeitos é por meio da promoção de igualdades de oportunidades ou ações afirmativas¹⁰.

O objetivo das ações afirmativas é superar as desvantagens e desigualdades que atingem os grupos historicamente discriminados na sociedade brasileira e promover a igualdade entre os diferentes. Isso pode ser feito de maneiras diversas, como por exemplo, bolsas de estudos; cursos de qualificação para membros dos grupos desfavorecidos; reserva de vagas, chamadas cotas nas universidades ou em certas áreas do mercado de trabalho; estímulo à construção de projetos sociais e educacionais voltados para a população que sofre um determinado tipo de exclusão e discriminação; estímulos fiscais a empresas que comprovem políticas internas para a incorporação de negros, mulheres, portadores de necessidades especiais nos cargos de direção e chefia, entre outros. (MUNANGA e GOMES, 2006; p. 185-187).

Sabe-se que, atualmente, o negro tem conseguido maior atuação nos diversos setores que compõem a sociedade. Todavia, percebe-se que é um número ainda insignificante, considerando que a população brasileira é formada na sua maioria por negros. Diante desta realidade, a escola deste século ao adotar a Lei Nº 10.639 de 2003, que prevê a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio pode tornar-se a principal

¹⁰ As ações afirmativas podem ser entendidas como um conjunto de políticas, ações e orientações públicas ou privadas, de caráter compulsório (obrigatório), facultativo (não-obrigatório) ou voluntário que têm como objetivo corrigir as desigualdades historicamente impostas a determinados grupos sociais e/ou étnico/raciais com um histórico de discriminação e exclusão. JACCOUD, 2009

responsável pela mudança de valores e preconceitos impregnados na sociedade acerca da cultura afro-brasileira, pois assim os saberes populares farão parte do currículo oficial da escola. Nesse contexto, percebo a importância da capoeira na escola (vista como manifestação cultural do povo brasileiro) como contribuidora na formação integral do aluno, pois a mesma tem influenciado nas mudanças de comportamento, desenvolvendo o caráter e a personalidade do aluno, além de proporcionar um autoconhecimento e uma análise crítica das suas potencialidades e limites. Assim, acredito na contribuição positiva da capoeira na escola para o reconhecimento, valorização e respeito à nossa cultura e às nossas diferenças.

Como importantíssimo resultado da histórica luta de denúncias e proposições dos muitos grupos e entidades dos movimentos sociais negros brasileiros e o (re) conhecimento das múltiplas faces da cultura brasileira manifestadas por diferentes classes, foi sancionada pelo Presidente da República, Sr. Luiz Inácio Lula da Silva, a lei federal nº 10639/, de 09 de janeiro de 2003, a qual, alterando a lei n. 9394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), inclui no currículo oficial das redes de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira. A referida Lei foi também modificada para atender às necessidades de inclusão da temática indígena com a criação da Lei 11645-08.

A implementação da Lei é a porta de entrada para o conhecimento amplo, geral e irrestrito da cultura e da identidade negra. A inserção da capoeira no conteúdo escolar significa explicar valores, transformar conceitos e incluir procedimentos vinculados à realidade cotidiana da sociedade.

É, também, lembrar a história da África e dos africanos com seus usos e costumes, com suas crenças e com seus ideais. Diante disso, a capoeira como manifestação cultural brasileira, com raízes na cultura africana, precisa ser contemplada na escola como um conteúdo que contribua para a formação da criança, principalmente na disciplina de Educação Física; nesse processo de resgate, valorização e preservação da capoeira, a educação desempenha uma importante função, que é a de promover um ensino de qualidade através de professores capacitados e com condições necessárias para a aprendizagem e desenvolvimento de seus educandos.

A capoeira traduz historicamente o Brasil, transformando-se em fenômeno nacional atrelada às mudanças socioeconômica dos países capitalistas, promovendo modificações de comportamentos ao longo dos últimos 50 anos. E assim, mediante

as transformações sofridas no processo de ensino da capoeira, esta atividade se apresenta como elemento fundamental para a formação integral da criança, desenvolvendo o físico, o caráter, a personalidade e influenciando nas mudanças de comportamento.

A capoeira é uma história de vida e dentro de seu círculo há um espaço enorme de criações onde novas relações são construídas e os sentimentos de afetividade, amor e solidariedade determinam a produção e a socialização do saber. Na dança da capoeira e o aluno, na relação corpo-espaco-ritmo-criatividade, percebe-se a importância e o respeito pelo seu próprio saber e pelo saber dos demais; e, a partir das expressões, dos movimentos, das brincadeiras, dos jogos e dos exercícios físicos, o passado histórico e as referências culturais de cada aluno se fazem presente em uma linguagem silenciosa, expressa através dos movimentos.

Tal perspectiva supõe uma (re) construção histórica, sócio-política e cultural do povo negro, uma reflexão sistemática e crítica de sua realidade e uma educação voltada para a construção de uma sociedade livre de todo e qualquer preconceito.

Sobre isso, Ronaldo Vainfas (1986, p.35) afirma que:

A construção da ideia de negro, identificada à situação de escravo, articulava o processo de integração dos africanos para além de suas origens culturais. Foi com base nessa representação etnográfica que o escravismo compôs a ideia de negro e converteu o racismo na viga mestra da sociedade escravista. (VAINFAS, 1986, p. 35).

Reconhecida a complexidade desta questão, torna-se emergente não somente a compreensão da construção do racismo que perpassa a sociedade brasileira, que se reflete e se reproduz na educação, consolida o mito da democracia racial, quanto o envolvimento coletivo em de posturas antirracistas tanto na escola quanto fora dela. Entretanto, a implementação da lei, dependerá de esforços coletivos direcionados para a reflexão sobre os fatores que motivam a exclusão ou um tratamento reducionista da História da África e do afro-brasileiro nos currículos, programas e materiais didáticos.

É necessária a criação de políticas públicas que assegurem uma inserção menos subalterna dos negros no mercado de trabalho especificamente e na sociedade nacional como um todo. Para tanto, a elaboração e aplicação de políticas públicas aceleram o processo de democratização nas relações entre brancos e negros. Exemplos historicamente dados comprovam que equidade nas formas de

participação social caminha muito lentamente, portanto, torna-se necessária a criação de programas que visem eliminar o racismo, com toda a sociedade mobilizada para reparar e compensar historicamente a discriminação secular experimentada pelo segmento marginalizado. Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida. (HOLANDA, 1995, p. 4).

Ensinar com algo que deixou de ser apenas fato social, onde há apenas a constatação subjetiva da sociedade está presente e passou a ser fato histórico, aonde se comprova com registros e documentações, influenciando outros grupos, sociedades e até mesmo a história da humanidade torna-se ainda mais produtivo através deste método porque coloca os aprendizes em contato direto com a historicidade desde as origens até a contemporaneidade. Parafraseando Nelson Mandela (...). Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

Costuma-se dizer que a sociedade brasileira é mais regida por privilégios do que por direitos. No entanto, direitos existem e são mais adquiridos por um grupo de privilegiados. Tais privilégios acentuam discriminações e todo tipo de preconceitos que interferem nas relações socioculturais e ferem os princípios da dignidade, do respeito ao próximo e da justiça.

Convenhamos que muitas ações afirmativas já existisse no sentido de tentar amenizar as desigualdades sociais, para se combater as relações de discriminação; e a escola tem um papel fundamental nesse sentido. Sendo agente de formação e transformação do indivíduo, a escola deve agir para a construção de práticas e estratégias de superação do racismo e da desigualdade racial a fim de construir uma sociedade, mais justa e democrática, que repudie qualquer tipo de discriminação.

A capoeira contribui para a formação e transformação do indivíduo a partir do momento em que os alunos se agrupam para dar início à dança ou jogo. Nesse momento, o mestre, o professor ou instrutor pede que cada um se apresente e fale um pouco de suas vivências, dando lugar ao processo de interação e socialização do grupo.

Ensinar capoeira possibilita ao professor a oportunidade de conviver melhor com as crianças. Na capoeira, as improvisações na dança e no jogo darão oportunidades à criança de experimentar a plasticidade de seu corpo, de exercitar

suas potencialidades motoras e expressivas ao se relacionar com os outros. Nessa interação, poderá reconhecer semelhanças e contrastes, buscando compreender e coordenar as diversas expressões e habilidades com respeito e cooperação. As escolas devem assumir as rodas de capoeira e abrir espaços para facilitar a aprendizagem das crianças. Se as escolas não possuem espaço para a realização das rodas, convém fazer uso dos ginásios de esportes, das praças públicas, entre outros.

Romão (2001), ao discutir autoestima e sua relação com a cultura, tomando-a como produto coletivo e referencia para orientar nosso comportamento, completa:

A cultura negra é interativa e dinâmica, ou seja, para participar dela é necessário interagir com ela. Basta observar uma roda de capoeira, uma roda de samba, o pagode ou uma gira de terreiros de umbanda ou candomblé. Em todas estas manifestações culturais e religiosas os presentes ocupam papéis diferenciados, mas todos participam: cantando, batendo palmas, dançando, tocando algum instrumento. (ROMÃO, 2001, p.173).

Portanto, a capoeira ganha uma nova roupagem que abre a possibilidade de institucionalização da mesma, pois pela primeira vez a sociedade reconhece e decodifica os símbolos que fundamentam a prática de ensino da capoeira, por meio de um método sistematizado e escrito, que pode facilmente ser implantado em diversas instituições.

Ao se conceber a capoeira como luta, dança, arte, esporte, folclore, lazer, filosofia e terapia, percebe-se que ela possui valor educativo comprovado, visto que a mesma amplia a visão de mundo, ajudando no processo de socialização, contribuindo para o desenvolvimento físico, moral e intelectual dos que a praticam. A aproximação da capoeira do ambiente escolar, a possibilidade de institucionalização da mesma, firmando-a como ferramenta pedagógica no processo educativo, traz para o cotidiano da escola o estudo histórico do Continente Africano, de sua gente perseguida, escravizada, discriminada; de suas crenças, de seus usos e costumes.

Contudo, é preciso cuidado ao incluir a capoeira no espaço formal, no sentido de considerar que se trata de uma modalidade construída em espaços informais e ao ser transportada de um lugar para outro, corre-se o risco de descaracterizá-la ou banalizá-la fazendo com que ela perca os valores e as tradições que lhes são devidas.

Neste processo de vivência, valorização e preservação da capoeira, convém lembrar que esta atividade tem raízes na cultura africana e, embora seja uma

manifestação cultural brasileira, é também um símbolo de luta e resistência do africano escravizado e que muito contribui para a compreensão da formação cultural do povo brasileiro.

Nestas considerações vale lembrar os PCNs:

Significa resgatar a história mais ampla, na qual os processos de mercantilização da escravidão foram um momento, que não pode ser amplificado a ponto que se perca a rica construção histórica da África. O conhecimento desse processo pode significar o dimensionamento correto do absurdo, do ponto de vista ético, da escravidão, de sua mercantilização e das repercussões que os povos africanos enfrentam por isso. (PCN, 1997, p.40).

No entanto, percebe-se as lacunas que existem nos livros didáticos, na literatura, na mídia, quando se trata da respeitosa divulgação do negro e das tradições dos afro-brasileiros, indígenas, ciganos entre outros povos formadores da cultura brasileira.

Analisando a importância da capoeira para a formação da identidade, do conhecimento e valorização das raízes históricas e culturais dos seus praticantes e das comunidades que tem acesso as suas diversas formas de manifestação cultural percebe-se que ela apresenta uma dimensão que ultrapassa a visão de simples movimento corporal, mas que revela a História, a dor, e toda a luta de um povo que lutou pra se libertar da corrente, do tronco, da chibata e da espora.

Trata-se de uma representação do imaginário cultural, que visa não só preservar uma determinada cultura, mais que agrega muitos valores por trás dessa ginga. Fazendo dessa dança, cânticos ritmos a ginga e uma saída dos bloqueios de preconceitos já construídos e impostos pela sociedade brasileira, a capoeira pode proporcionar no sujeito o autoestima como contribuir para uma saúde saudável por meio do esporte.

A trajetória da capoeira teve por muito tempo foco de investigação, no século XX houve pessoas interessadas em conhecer a cultura de matrizes africana, a capoeira e mais do que uma dança um movimento. Nessa Perspectiva para ser um professor de capoeira passa algumas etapas de formação que vale salientar como ocorre esse conjunto de teoria e a prática, são duas face da moeda que não podemos concebê-las uma sem a outra em tudo que se faz.

Por detrás de cada gingado buscamos levantar elementos que possam explicitar essa dança também como a expressividade de um povo de uma cultura

oprimida na sociedade, a cultura negra tem na sua pele a rejeição e marcas do cruel passado, tentaremos compreender a Capoeira como um instrumento de libertação, resistência da sua própria cultura, dessa maneira a Capoeira esta ganhando espaço, deixando de ser vista não só como meios de defesa, mas uma busca pelos seus direitos e valores étnicos, uma escola da vida.

O Brasil a partir do século XVI foi palco de uma das maiores violências contra um povo. Mais de dois milhões de negros foram trazidos da África, pelos colonizadores portugueses, para se tornarem escravos nas lavouras da cana-de-açúcar. Tribos inteiras foram subjugadas e obrigadas a cruzar o oceano como animais em grandes galeotas chamadas de navios negreiros. Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro foram os portos finais da maior parte desse tráfico.

Desenvolvida para ser uma defesa, a Capoeira foi sendo ensinada aos negros ainda cativos, por aqueles que eram capturados e voltavam aos engenhos. Para não levantar suspeitas, os movimentos da luta foram sendo adaptados às cantorias e músicas africanas para que parecessem uma dança. Assim, como no Candomblé, cercada de segredos, a Capoeira pode se desenvolver como forma de resistência. A capoeira, uma forma de ataque e defesa pessoal utilizada pelos negros no período do processo de liberdade, hoje é reconhecida como agregadora de valores, representações, conceitos, categorias e recurso pedagógico utilizado usado como processo educativo que conta a verdadeira historia da formação do povo brasileiro por meio de suas cantigas, suas ladainhas , seus ritmos , gestos e expressões corporais.

Sabemos que vivemos um momento de redefinição e entendimento da identidade no Brasil, e através da capoeira podemos mostrar os diferentes eixos que podem ser trabalhados para educar, reeducar e inserir por meio de suas características que resistiram veementemente desde a escravatura.

Deve-se observar de uma ótica voltada para a relevância de que não são apenas traços de ataque e defesa pessoal, mas fatores educativos. É de suma importância conhecer a historiografia, a afro descendência através da capoeira que é um instrumento de muita força e história.

Podemos perceber que a trajetória social e histórica do negro brasileiro não deixa dúvidas sobre a existência de uma história da escolarização, a qual, embora ainda não registrada oficialmente, apresenta-se como uma área de estudos

extremamente fecunda de questões, recortes temáticos, espaços e tempos variados à disposição de pesquisadores e educadores interessados.

Esse compromisso aparentemente começa de maneira mais propositiva com alteração da LDB pela Lei 10639/2003, mas é preciso relativizar seu alcance.

Diante dessas considerações, que possamos entender a relevância do que sugere GOMES (1998, p.87) (...). “Ainda nos falta avançar muito para compreendermos que o fato de sermos diferentes uns dos outros é o que mais nos aproxima e o que nos torna mais iguais”.

1.8 Capoeira: lugar de memória e transformação de uma luta marginal a Patrimônio Cultural do Brasil

Nos últimos anos, temos percebido uma vivacidade nas discussões acerca do patrimônio cultural, quanto a perspectivas teóricas, metodológicas, políticas públicas de preservação e classificação.

No entendimento de Beneduzi (2008, p.19), a categoria patrimônio não pode ser entendida como uma criação da sociedade moderna ocidental. Entretanto, os contornos semânticos de um conceito contemporâneo de um passado encerrado em vestígios arquitetônicos e de práticas sociais vinculadas a tradição é um dos sintomas de um processo sempre mais rápido de perda de vínculos da experiência passada, daí a importância e a exigência de reestruturação, constante atualização das identidades que passam a serem marcadas pelo novo tempo, pelas novas reminiscências onde o mesmo eu será sempre um outro.

A valorização do patrimônio imaterial na atualidade advém de alterações sofridas pelas acepções do conceito de cultura e patrimônio. Está articulada às transformações das formas de convívio social e aos padrões culturais que regem a existência da humanidade. Patrimônio é conceituado a partir da perspectiva da alteridade. Para Funari e Pelegrini (2008):

A própria dinâmicos culturais expressos movimentos que deram origem à discussão sobre a necessidade de salvaguarda do patrimônio imaterial e a historicidade dos conceitos que a evoluem, afinal, o patrimônio se materializa de diversas formas e se constituiu em mais uma esfera de embates sociais. (FUNARI, 2008).

Para a autora, proposições sobre o conceito de cultura, sua aproximação com os estudos antropológicos, resultaram em documento durante a Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais em 1982, organizadas pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS).

A UNESCO, criada em 1945, sugeriu que a identificação da cultura tradicional e popular se processasse em diferentes níveis, por meio de inventários e registros nacionais e internacionais. Para isso, escreveu uma recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular:

“A cultura tradicional e popular é o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundada na tradição, expressadas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente correspondem às expectativas de comunidade como expressão de sua identidade cultural e social.” (PELEGRINI, 2008, p.1).

O IPHAN, órgão criado na segunda metade da década de 1930 ainda no governo Getúlio Vargas, é o responsável pela proteção do patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários e registros, vigilância, tombamento, desapropriação dentro outras formas de acautelamento e preservação, sustentado pela Constituição Federal (CF), artigo 215/1988.

Em consonância com debates internacionais, o IPHAN registra os bens tangíveis e intangíveis nos Livros dos Tombos de natureza material, Histórico, Arqueológico, Etnográfico, Paisagístico, Belas Artes e Artes Aplicadas.

A capoeira, de natureza imaterial, foi registrada nos livros de Registros de Saberes, das Formas de Expressão, das Celebrações e dos Lugares, assim como outras manifestações, como o frevo e a feira de caruaru em Pernambuco, o tambor de crioula no Maranhão, o samba de roda na Bahia entre outros. No Brasil, somente o Samba de Roda do Recôncavo Baiano foi reconhecido em 2005, entrando para a lista das Obras, Mestres do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade.

Deste modo, para declarar a capoeira como um Patrimônio Cultural Brasileiro, o IPHAN e de acordo com a declaração (anexo II) através de pesquisadores do Rio de Janeiro, Salvador e Recife, faz um mapeamento da maioria dos estudos, livros, relatos e filmes disponíveis sobre o tema e se descobriu que esta manifestação cultural de origem negra influenciou diversas formas de manifestações afrodescendentes como o frevo no Recife, as escolas de samba, a

dança do mestre-sala e do porta-bandeira do Rio de Janeiro e até mesmo a ginga presente no futebol, esporte mais popular do Brasil. (VIEIRA, 2004).

Segundo dados fornecidos por Sérgio Luís de Souza Vieira, presidente da Confederação Brasileira de Capoeira (CBC), a capoeira hoje é praticada oficialmente em cento e trinta e dois países, tendo como instituições para administrar a modalidade atualmente, no Brasil, oitenta e quatro Ligas Regionais e Municipais, vinte e quatro Federações Estaduais, uma Confederação Brasileira, uma Associação Brasileira de Árbitros, uma Associação Brasileira de Capoeira para Portadores de Necessidades Especiais. No âmbito internacional existe a Federação Internacional de Capoeira (FICA), que coordena trabalhos das Federações Nacionais de Capoeira existentes no Canadá, Portugal, Argentina, França, dentre outros países. (Silva 2003, p.25).

A prioridade do reconhecimento é além de registrar, salvaguardar um patrimônio que expressa de forma múltipla o jeito de ser, se divertir e lutar do afro-brasileiro na diáspora. Para o IPHAN (2008). Privilegiou-se nesse documento dois elementos sem os quais não existe capoeira: a roda e os mestres. A roda é o lugar onde a capoeira se perpetua, onde tem continuidade. Reúne todo o aspecto simbólico, ritual, histórico, musical, social, e no entorno se relaciona com outras tradições de matriz africana como a religiosidade, a culinária e a intelectualidade. A roda é também o espaço informal de aprendizagem. Quem organiza e quem transmite o saber é o mestre.

Todos esses lugares de memória dos quais participa o patrimônio cultura, articulam-se em um processo de elaboração narrativa do passado.

(...) na medida em que, mesmo (re) evocando uma experiência anterior para aqueles que a viveram, relatam uma época para “os outros”, os que não viveram em primeira pessoa o momento representado. Em certo sentido, as escolhas de preservação refletem um determinado olhar sobre o grupo por parte do poder público e das próprias associações comunitárias – que pretendem ativar um processo pedagógico da memória: a dimensão espaço-tempo faz do patrimônio cultural uma didascália do passado individual e/ ou coletivo. (BENEDUZI, 2008, p.22).

Esses sinais sensíveis do passado, vão sendo recriados e re-significados por meio do patrimônio cultural, produzem identificação entre as vivências da comunidade e principalmente criam o que mais nos importa afirmar – o sentimento

de pertença, que toma corpo no grupo em uma relação de alteridade, se torna evidente a dinâmica da autoestima e do autorreconhecimento.

A partir dessa conquista da capoeira como prática de um passado digno de ser recordado acreditamos que essa arte-luta possivelmente estará livre das ruínas do esquecimento e passará a ter maior respaldo e referência nacional assim como acontece em outros países em relação as suas expressões esportivo-culturais, como o Judô no Japão, o Kung-fu na China, os Tae-kwon-dos nas coreias e o Savaté na França.

Portanto, reconhecer significa fazer com que as manifestações de uma identidade negada, ocultada, não se percam. É o ponto alto de uma história repleta de altos e baixos. Hoje é um símbolo nacional divulgado coabitando mundo afora, entre tradição e modernidade.

CAPÍTULO 2

2.1 Arraias, entre o passado e o presente

Este capítulo procura fazer uma abordagem sobre Arraias em seus aspectos históricos, territoriais, memória, identidade étnica e cultural. Para isso, o subdividimos em quatro tempos históricos, nos quais Arraias será retratada a partir da exploração do ouro na Chapada dos Negros, passando pelas consequências da escravidão para a composição da sociedade arraiana, os quilombos, Arraias desde o início de sua constituição, incluindo a criação do estado do Tocantins e a inserção da cidade nesse novo contexto. Por fim, um olhar que relaciona seu passado e presente quanto aos aspectos sociais, econômicos, históricos, ideológicos e as relações de poder que foram estabelecidas nos espaços e temporalidades que se inter cruzam.

Intercruzamento descrito por Bhaba (1998):

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar”. Contingente que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABA, 1998, p.27)

Passado e presente se integram no cotidiano da cidade de Arraias, que ainda hoje, ao final do dia, ouve-se o sino na matriz acompanhado de canções como as do Padre Zezinho que de maneira suave, quase nostálgica, faz um chamado coletivo e desperta no imaginário popular lembranças e reflexões acerca dos valores que se perpetuam de geração em geração:

Eu vim de lá do interior/aonde a religião/ainda é importante/lá se alguém passa em frente a matriz/se benze/pensa em Deus/e não sente vergonha de ter fé/eu vim de lá do interior (...). (Padre Zezinho. Música: **DE LÁ DO INTERIOR**. Sol Nascente sol Poente, 1999, nº 03. CD-ROM).

2.2 Sob as ruínas da chapada: herança histórica, memória e a identidade étnica e cultural

Considera-se que Arraias teve seu início entre os anos de 1735 e 1740 tendo como embasamento registros da historiografia regional, a saber: APOLINÁRIO

(2007); CAVALCANTE(2003), RODRIGUES (2009), COSTA (2004), PARENTE (1999), CORDEIRO (1989), AIRES (1987) , SILVA (1997), PEREIRA (2012).

Resultado do processo de colonização do norte de Goiás, no qual se deu a socialização do homem tocantinense, é considerada uma referência histórica de ocupação. A instalação da cidade de Arraias ocorreu em meio aos ciclos históricos da economia tocantina, após a entrada das bandeiras paulistas e pelos donos de curral que encerram o ciclo do gado (sec. XVII) e adentram o sec. XVIII, em sua terceira década (1735), quando se descobrem as minas de ouro em Natividade, Arraias e Almas. (SILVA, 1997, p.25).

Temos uma Arraias inserida no século XXI com estruturas sociais, arquitetônicas e culturais do século XVIII. O processo histórico da instalação e criação do Município de Arraias ocorreu tendo como referência e marco fundamental, a região conhecida como Chapada dos Negros, que por mais de dois séculos teve seu início ligado às minas de ouro, ponto de partida da pesquisa, berço da cidade de Arraias e inspiração para o nome do grupo de capoeira estudado neste trabalho.

Século XVIII, entre os anos de 1730 e 1740, décadas em que ocorreram as descobertas auríferas no Norte de Goiás e, por causa delas, a formação dos primeiros arraiais, no território onde situa o Estado do Tocantins: Natividade e Almas (1734), Arraias e Chapada (1736) Porto Nacional (1738). Nos anos de 1740, Conceição, Canabrava e Taboca. (RODRIGUES, p. 2010, p. 83).

Sua história foi edificada sobre a exploração de seres humanos nesses garimpos durante o ciclo do ouro, ou seja, o doloroso, violento e cruel processo de escravidão. Uma missão jesuítica instalou-se, próxima ao local onde hoje é a cidade, um aldeamento com o nome de Boqueirão dos Tapuios.

Assim, vemos a riqueza da experiência que se faz nos dialogantes percursos da memória, cerne da dialética da chegada e da partida.

De acordo com Apolinário (2007, p.64) Arraias recebeu escravos de dois grandes grupos linguísticos africanos: sudaneses e bantos. Os sudaneses eram, normalmente, adquiridos na Bahia, vinham em comboios do Recôncavo Baiano, vinham do sertão de São Francisco em direção a Arraias. Os bantos, normalmente, afluíam para a região de Arraias vindos do Porto do Rio de Janeiro. Sudaneses eram os negros procedentes do Golfo de Benim, na África Ocidental: Nagô, Iorubá, Jeje, Mina, entre outros.

O grande desafio que consiste no ato de escrever sobre o processo de escravidão no garimpo que fundou Arraias, assim como em outras pesquisas territoriais referentes à diáspora africana, está no silêncio das estatísticas do tráfico e na identificação da nacionalidade dos grupos de africanos comercializados e trazidos para o Brasil e para a região norte de Goiás, hoje sudeste do Tocantins. As principais fontes de informações sobre a caracterização etnológica dos africanos e seus descendentes, são escassas e não são suficientes para consolidar afirmações. Supõem-se que os negros vindos para o trabalho escravo no garimpo tenham vindo do Quênia, Moçambique, Guiné, e tantos outros territórios já relacionados em citação anterior. Denominações que escondem a riqueza tipológica ainda não devidamente estudada, nem quantificada. Mas acreditamos que onde se instalou o colonizador português certamente estiveram diferentes povos de matriz africana.

Para continuar fundamentando a história de Arraias e sua estreita relação às vivências escravistas no Sec. XVIII, com suas múltiplas expressões para a formação da identidade arraiana, Apolinário (2007) afirma ainda que:

“(...) na sociedade escravista de um pequeno arraial do Norte de Goiás, denominado Arraias, ora minerador, ora voltado para a economia de subsistência, procurou-se identificar estratégias que revelassem a criatividade dos escravos de resistirem de múltiplas formas ao sistema escravista instalada. (...) Universo este, em que o ouro, a escravidão e a resistência faziam parte de uma mesma conjuntura histórica.” (APOLINÁRIO, 2007, p.113).

Aos outros males da escravidão, aqui vinham somar-se à dureza do trabalho, inexoravelmente exigido até a morte. Com pés metidos na água fria, durante horas e horas, dobrados sobre a cintura enquanto o sol caía implacável sobre suas costas, os escravos sustentavam-se no trabalho. Esse lugar atraiu aventureiros e também exploradores. Nele foram colonizados muito mais de mil escravos, dando origem às raízes étnicas que marcam a população da cidade.

De quilombos destroçados, negros vieram alojar-se na Chapada dos Negros, atraídos pelos bandeirantes. Braços fortes e mãos calejadas removiam grandes blocos de pedras por entre valas profundas, na pele ardente do escravo negro, estão marcas de uma saga de luta, sangue e suor. Estava fundado o Arraial da Chapada dos Negros, tendo como administrador o Capitão–mor Domingos Antônio Cardoso.

“A riqueza era tanta que o Governador da Capitania de São Paulo, D. Luís de Mascarenhas veio pessoalmente, em 1740, tomar posse dos veios auríferos da região. Ele, contando com a ajuda do Capitão Felipe Antônio Cardoso e dos escravos, transferiu a sede do Arraial da Chapada dos Negros para o local onde hoje fica a cidade de Arraias”. (CORDEIRO, 1900).

Para se estudar a quantidade de negros nas minas do norte, Salles (1992, p.228-247), citado por Parente (1999, p.75) realizou um dos mais completos levantamentos referentes à escravidão em Goiás, no período colonial.

Nos anos de 1739 e 1740, o total das matrículas foi de 7.346 e 5415, respectivamente. Novos dados vão aparecer somente a partir de 1741, perfazendo um total de 15.321 cativos- a intendência do sul contava com 8.324 matrículas. As demais estavam assim distribuídas nos julgados do Norte: São José do Tocantins, 2.666, São Félix, 432; Natividade, 730 e Arraias, com a maior quantidade, 3.169 escravos – por suas minas terem sido recentemente descobertas e ainda se acharem em fase de grande produtividade. (PARENTE, 1999, p.75 e 76).

Enquanto havia ouro a ser explorado, as atenções estavam voltadas para o garimpo nos aspectos econômicos, sobretudo políticos. Com o declínio da mineração, por volta de 1751, devido, entre outros fatores, às leis que restringiam a mão de obra escrava, até mesmo pela falta de água no território do garimpo, fizeram com que os dirigentes e habitantes, buscassem situar-se nas regiões abaixo do garimpo que eram altamente ricas em água com rios que nunca secavam. Muitos migraram-se para o campo, onde desenvolviam a pecuária e a agricultura de subsistência, situação que predominou até meados do século XIX e que ainda se mantém como prática econômica nas caatingas, nos sertões, ou em chácaras aos arredores da cidade.

Chapada dos Negros, um lugar de valor inestimável ficou esquecida em razão do descaso, da pouca visibilidade, da ausência de um política de conservação do patrimônio material e imaterial acumulada ao longo dos séculos e até hoje alvo da sanha de curiosos e depredadores. Nas andanças junto aos dirigentes do grupo de capoeira em direção ao antigo garimpo, podemos perceber que a corrida do ouro na chapada foi predatória. Restaram somente as ruínas. Ainda é possível identificar escombros de habitação, regos de captação de água e muros de pedras construídas por escravos. O portão de entrada onde ficava o feitor ou capataz que vigiava os

escravos, um espaço que possivelmente era a senzala onde os negros se reuniam a noite, uma espécie de alojamento, alicerces de um cemitério, passarelas feitas em pedra sobre pedra, e o famoso buraco do Testa, lugares que testemunham a história do município tocantinense.



Imagem 3 - Ruínas da Chapada dos Negros.
Acervo da ACCN, 2012.

A respeito disso, Rosalvo Leomeu, jornalista e escritor arraiano, escreve um enviado especial a Arraias dizendo:

“Se não forem adotadas providencias urgentes, não restará pedra sobre pedra. Os novos capitães do mato são curiosos, aventureiros em busca de mais ouro e pessoas que por qualquer razão depredam o local e arrancam pedras dos monumentos. Um exemplo disso é uma espécie de moirão onde se amarravam os escravos para serem chicoteados e que não existe mais no local. A chapada dos Negros corre o mesmo risco de desaparecer como a Igreja de Senhora do Rosário e a cadeia colonial que existiam na cidade”. (LEOMEU, Rosalvo. Jornal do Tocantins, junho de 2003. Acervo da ACCN – Anexo III).

Quanto a essa séria questão, em depoimento, o Mestre Fumaça sugere a preservação:

“(...) Preservado, o local pode se tornar um dos mais importantes pontos de visitas de estudiosos, ou um centro de simpósios temáticos e turístico internacional e ainda, uma espécie de parque ecológico capaz de atrair divisas para a região. Entretanto, é preciso que a Chapada, que é pouco conhecida pela própria comunidade seja descoberta pela mídia, receba atenção dos arraianos através de campanhas educativas esclarecedoras, que não seja palco apenas para pesquisadores, fazendeiros, e

multinacionais oportunistas que vêm a Arraias visando somente sua autopromoção a partir da exploração de Arraias quilombola. Que finalmente chegue o grande e esperado momento em que seja tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.” (MESTRE FUMAÇA, 13 Maio de 2012, em depoimento).

Apesar da maioria dos arraianos ver a ida à Chapada dos Negros como uma espécie de curiosidade jornalística, já surge interesse de professores em trazer o assunto para as escolas. Os capoeiristas sonham com a possibilidade de se tornarem guias turísticos para levar visitantes ao local e o Campus da Universidade Federal do Tocantins de Arraias trabalha com projetos acadêmicos de estudos dos monumentos e busca parcerias locais, nacionais e internacionais para a memória histórica.

Considera-se esse movimento o filão mais rico pois, o conhecimento, a valorização e a conscientização valem muito mais que as arrobas de ouro retiradas dos escombros. Para isso é preciso resistir como os seguidores do Mestre Bimba, o criador da capoeira regional e cantar com os capoeiristas: “quem não conhece a Chapada dos negros, venha pra roda que você vai conhecer”.

2.3 Resistência à escravidão: as comunidades negras rurais Lagoa da Pedra e Kalunga Mimoso

O recurso mais utilizado pelos negros escravos no Brasil para escapar às agruras do cativeiro foi sem dúvida o de fuga para o mato, que resultaram os quilombos, ajuntamento de escravos fugidos.

O movimento de fuga era, em si mesmo uma negação da sociedade oficial que oprimia os negros escravo, eliminando a sua língua, a sua religião, o seu estilo de vida. O quilombo passou a ser uma reafirmação da cultura e do estilo de vida de africanos, um tipo de organização social criado pelos quilombolas. Podemos considerá-los como um fenômeno de rebeldia contra os padrões de vida impostos pela sociedade oficial e de restauração dos valores antigos. (CARNEIRO, 2001, p. 11).

Uma das formas dessa resistência foi o quilombo; comunidades organizadas pelos negros fugitivos, em locais de difícil acesso. Geralmente em pontos altos das matas (ANJOS, 2006). O maior desses quilombos estabeleceu-se em Pernambuco no século XVII, numa região conhecida como Palmares. Um tipo de Estado africano foi formado. Distribuído em pequenas povoações chamadas mocambos e com uma

hierarquia onde no ápice encontrava-se o rei Ganga-Zumba, Palmares pode ter sido o berço das primeiras manifestações da capoeira.

É certo que os colonizadores os trouxeram em condições de escravizados porém, houve movimentos de resistência em outros lugares do mundo e o do Brasil ficou conhecido como quilombismo¹¹.

Façamos nossas as palavras de Moura (2001), quando conceitua a quilombagem como uma representação do processo de transformação social. Os quilombos no Brasil poucas vezes tratado como expressão de uma luta de classes no contexto escravagista, mas como simples manifestação de volta às instituições africanas, expressões culturais e formas atuais das quais o africano reconstruiu aqui suas diversas culturas. Com isto, o processo social restringia-se a sua dinâmica, uma série de fatos isolados no espaço físico e social e com esta fragmentação perdia-se a noção do seu sentido no processo da dinâmica social.

O quilombo reconstrói concretamente um tipo de organização territorial de origem africana no novo espaço que é o Brasil e funciona como uma válvula de escape para diluir a violência da escravidão, durante os quase quatro séculos de tensões e confrontos de classes no sistema escravista. Significava a busca por proteção e segurança, por igualdade de condições e liberdade de acesso a terra. Podemos afirmar que os quilombos reafirmam o dinamismo dos movimentos, a resistência e luta contra a opressão e à exclusão perversa. Embora saibamos das dificuldades enfrentadas pelos remanescentes quanto aos acessos aos serviços básicos e de aceitação no meio social.

Anjos e Cipriano (2006) apresenta a seguinte afirmação sobre os quilombos:

(...) As relações dos povos africanos e seus descendentes com o sistema escravista são marcadas, sistematicamente, por tensões e conflitos tanto no espaço rural, quanto nas áreas urbanas. As rebeliões em importantes cidades brasileiras constituem registros significativos que fazem parte da historiografia de grandes centros urbanos em diversas regiões do país. Um exemplo histórico é o quilombo de Palmares, Estado de Alagoas, situado entre o município de União dos Palmares e a Serra da Barriga, um dos mocambos dos quilombo, também conhecido como Angolajanga que significa Pequena Angola. Tombado pela União, sua existência tem como marco cronológico o século XVII e representa o mais populoso, o mais duradouro e o maior referência de território quilombola da historiografia do Brasil. (ANJOS, 2006, p.46).

¹¹ Quilombismo.movimento de resistência influenciado pela luta do negra pela liberdade.(GONH. Maria da Glória.Teoria dos Movimentos Sociais.Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. SP:Loyola,1997.

O Brasil é o país que por mais tempo e em maior quantidade recebeu pessoas escravizadas vindas da África e também foi o último da América Latina a abolir a escravidão.

O negro esteve presente nos campos e engenhos, enfrentando más condições de vida. Os maus tratos e a dureza do trabalho dos negros nas minas provocaram por parte deles várias formas de resistências. Ao contrário do que muitos pensam os negros não aceitaram pacificamente o cativeiro; a história brasileira está cheia de episódios onde os escravos se rebelaram contra a humilhante situação em que se encontravam.

Embora não seja o objeto da pesquisa e a sua rica história mereça um foco especial para o seu registro específico, é imprescindível que discorramos sobre os quilombos em Arraias, pois entendemos o seu significado nos apontam caminhos no sentido de estabelecer relações entre as características do povo arraiano e sua identidade étnica e cultural.

Em decorrência da exploração do ouro no garimpo, a formação da sociedade no município, perpassa pela composição de comunidades tradicionais rurais, que sucedeu entre o período de transição da garimpagem e as primeiras habitações no local que passou a ser a zona urbana do município de Arraias. Essas comunidades comprovam tanto a existência quanto a resistência à escravização.

Sendo assim, acreditamos que entre o período de exploração do garimpo e a fundação da cidade de Arraias, os quilombos foram sendo formados pelos negros fugitivos que ao descerem do alto da Chapada dos Negros, fundaram as comunidades tradicionais rurais como a Lagoa da Pedra a 35 quilômetros do atual centro de Arraias, ou se dirigiram aos Kalungas; região rica em água e em cerrados que fica há 120 km de Arraias, na divisa entre os municípios tocantinenses de Paranã e Arraias e os goianos de Monte Alegre, Cavalcante e Teresina. Essa distância representada no estratégico isolamento dos quilombos em relação à cidade é geográfica e temporal e de certa forma colaborou para preservar a cultura e tradições ao longo dos séculos, pois durante muitos anos as comunidades tradicionais eram citadas apenas quando havia referência ao período da resistência negra à escravidão.

No Tocantins, encontramos um grande número de comunidades quilombolas, muitas ainda não se autoidentificaram, algumas já possuem a certificação da Fundação Cultural Palmares, o que é necessário para acessar as

políticas públicas direcionadas as comunidades quilombolas, pois poucas possuem o seu território identificado e nenhuma o território titulado.

Diante dessa realidade, Gonçalves (2012), assegura as seguintes informações:

O Movimento Quilombola vem se organizando, em 2010 foi criado o Fórum Permanente de Acompanhamento da Questão Quilombola no Estado do Tocantins, que é um espaço de negociação entre as comunidades quilombolas e o Governo, onde se discute, principalmente, a regularização dos territórios quilombolas. O Estado possui atualmente 29 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares e com processo formalizado para regularização fundiária de seus territórios no INCRA. Existem outras 12 comunidades identificadas, mas que por não possuírem certificação, não tem processo de regularização instaurado. O número total de comunidades quilombolas existentes no Estado é desconhecido. (GONÇALVES, 2012, p.19).

De acordo com Moura (2001) na atualidade, os remanescentes de quilombos caracterizam-se por serem populações negras, majoritariamente rurais, com um relativo isolamento, o qual se traduz em um alto grau de endogamia, com um passado imaginado comum e uma valorização do espaço e do tempo:

(...) esse é construído em uma sequência iniciada com a opressão/escravidão, seguida por um tempo de liberdade/abundância no quilombo e pelo tempo atual, marcado pela desigualdade social e pelas lutas por terra. Esses grupos possuem também uma tradição cultural expressa por rezas, danças e festas tradicionais. A projeção territorial, as pautas de comunicação, as marcas raciais e as tradições contribuem para delimitá-los de forma análoga aos grupos étnicos. Os remanescentes foram afetados pelo avanço da sociedade nacional, caracterizada pela pressão no intuito da posse de territórios mais produtivos e pela expropriação dos recursos tradicionais. (MOURA, 2001, p. 36).

Tanto a Lagoa da Pedra quanto o Kalunga Mimoso são comunidades reconhecidas nacionalmente como sendo remanescentes de quilombos. Mais do que uma preservação da história, tais comunidades representam um símbolo de liberdade.

A ACCN conseguiu introduzir aulas de capoeira nas duas comunidades, embora esteja com dificuldades de manter a regularidade das aulas, as crianças, adolescentes, jovens e a comunidade em geral já podem contar com os benefícios que a capoeira oferece. Para ministrar as aulas, o grupo conta com o apoio de dirigentes governamentais, sociedade civil, quilombolas e de alunos multiplicadores.



Imagem 4 - Aulas de capoeira na Comunidade Quilombola Kalunga Mimoso. **Acervo da ACCN, 2012.**



Imagem 5 - Aulas de Capoeira na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra. **Acervo da ACCN, 2012.**

2.4 A emancipação do Município de Arraias

A cidade de Arraias possui 272 anos de emancipação política. Alguns estudiosos afirmam que 1740 teria sido o ano de fundação que se deu em 1º de agosto, tempos que a torna uma cidade com séculos de história. A origem do nome do lugarejo, além do rio que bem lhe comprova a escolha, diz a historiografia regional, que ele advém do seguinte episódio:

“(…) na fundação do arraial São João das Duas Barras, hoje Paranã, o ouvidor Teotônio Segurado remeteu por ironia a seu adversário político, Capitão Felipe Antônio Cardoso, algumas arraias, como se fossem espécie estranha e rara no rio Paranã e como sugestão do nome do Arraial que se

fundava nas imediações da Chapada dos Negros. Perdura sempre uma dúvida, se tal fato influenciou na denominação da localidade”. (CORDEIRO, 1989, p.13).

Situada a uma distância de aproximadamente 3 km da Chapada dos Negros, localizada na mesorregião ocidental do Estado de Tocantins, possui uma área de 5.234 km e um relevo repleto de colinas. Arraias é artefato moldado com manifestações e costumes seculares que reportam à saga do garimpo de ouro no Brasil colonial, sendo que o traçado das suas primeiras ruas foi definido já naquele período, quando seus primeiros moradores formaram o povoado de nome Arraial de Nossa Senhora dos Remédios, Boqueirão dos Tapuios e finalmente, Arraias. Guarda consigo uma riqueza em termos de diferenças culturais e um modo de viver que lembram as raízes africanas com um toque brasileiro, trazendo à memória, um lugar simbólico e significativo, na qual o passado se faz presente.

Tem um forte potencial turístico composto por: grutas, ruínas, cachoeiras, comunidades quilombolas, artesanatos, capoeira, boas escolas, Campus da Universidade Federal do Tocantins, eventos evangelísticos, religiões de matriz africana e cigana, festejos tradicionais como a festa católica da Padroeira Nossa Senhora dos Remédios, o Carnaval típico que se diferencia de outras regiões do país por meio do entrudo¹² que atraem muitos turistas para estes festejos.

Os aspectos geográficos de Arraias, território de planícies, próximo ao Estado da Bahia e suas tradições, revelam características únicas da cidade. A influência colonial fez traçar o arruamento de maneira sinuosa, estreita, ladeiras e as muralhas de pedra em volta das montanhas dão contorno e forma à cidade.

Palco de anos de escravidão negra trata-se de um município histórico, predominantemente negro, com aproximadamente 11 mil habitantes. E desse passado, ainda podem ser vistos traços arqueológicos que carregam séculos de histórias nas paredes em adobe das casas e casarões em estilo colonial, becos, ruas estreitas, cercas de pedras que contornam a cidade e o campo limitando e diferenciando territórios, rios de água doce, cachoeiras, mananciais, ladeiras e morros que servem de cenário à cidade.

¹² Entrudo , tradição portuguesa, que ao som de marchinhas , os foliões passam pelas ruas e residências molhando os moradores e turistas que se hospedam como se estivessem em suas próprias casas.(grifo nosso)

Seus habitantes resistiram por muitos anos à ausência de água encanada, energia elétrica, meios de comunicação, saneamento básico, emprego e também lazer.

Uma cidade que às vésperas de seus quase 300 anos de história não cresceu muito em número de habitantes, ao contrário, perdeu habitantes devido à emancipação de municípios que compunham a circunscrição territorial de Arraias. De certa forma, Arraias enfrenta dificuldades para seu desenvolvimento econômico, gerando necessidades da melhoria das condições de vida a partir da realização de atividades que promovam o bem-estar físico, social e cultural. Essa situação nos conduz a identificar e compreender os aspectos ideológicos que configuram os valores ou contra valores que foram estabelecidos como mecanismos não apenas da resistência cultural, mas também das imposições culturais.

Os rios que cruzam as proximidades da cidade e município são conhecidos por vários nomes: Dois Irmãos, Cigano, Maravilha, Barra, Bangalô, Zé Matias, Poço da Bacia, Córrego Rico, Alazão, Palmares, Rio Arraias, Riacho da Porta, Riachão, Três Riachos, Palmeirinha, Carvalho, Formoso, Machado, Água Branca, Jacinto, Espreado, Bezerra, Usina, Bom Será, Inhumas e a própria cachoeira, antes, cartão postal, localizada no centro da cidade. Quase todos serviram, por muito tempo, como requisito básico para a sobrevivência de muitas famílias que lavavam roupas, limpavam a famosa buchada e o mocotó, pratos típicos da cidade e onde tanto homens quanto mulheres, garimpavam com uso de bateias as suas margens.

Na atualidade, alguns desses rios encontram-se totalmente poluídos e sem condição de uso para lazer, turismo e o aproveitamento doméstico de suas águas. Essa situação é devido ao mau uso que se faz do rio, que com a aumento da população nas suas margens, passou a servir de escoamento, apesar da tentativa frustrante de diversos setores em prol da conscientização da população, tornando-se emergente a implantação de política pública ambiental.

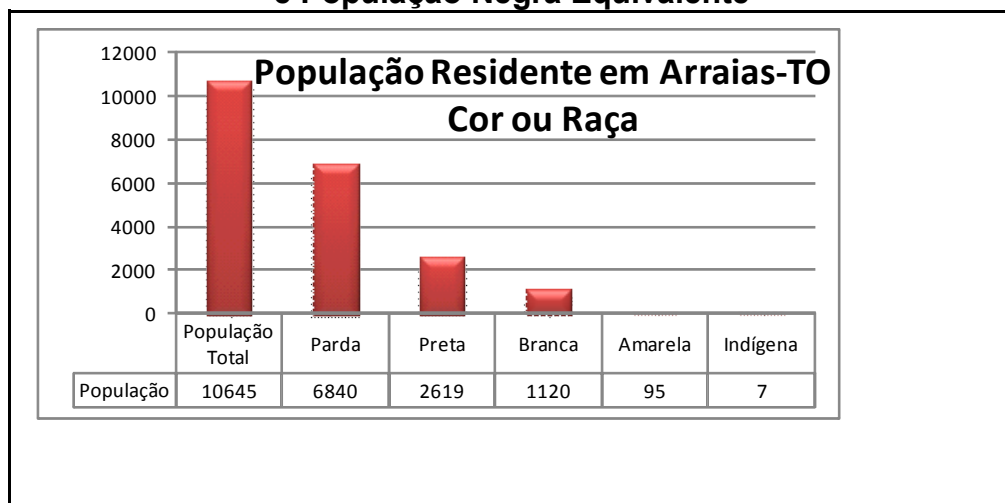
Em se tratando da questão étnica e identitária arraiana, assim como no Brasil, a negritude é invisibilizada por uma imagem de modernidade pensada como branca ou, quando muito, mestiça. A população negra se aproxima de 50% dos brasileiros. O município de Arraias e seu entorno se caracteriza pela presença de mais de 90% da população, que é composta por negros ou descendentes. Apesar dos trabalhos desenvolvidos pela sociedade civil organizada bem como algumas

ações de governo, os dados sobre o racismo no município bem como no país continuam expressivos. A maioria negra é silenciada por uma minoria branca.

Conforme podemos comprovar com os dados fornecidos pelo gráfico abaixo, as pessoas de pele escura identificam-se em diversas categorias, como preto, pardo, amarelo ou indígena, no momento de responder ao recenseamento, mas em seu dia a dia é por moreno ou outras denominações que aludem implícita e tangencialmente a questão racial, uma espécie de racismo cordial que se revela.

O branqueamento que implica a negação da negritude, ou seja, o próprio negro renega-se ao se identificar como pardo porque considera a classificação preto ofensiva. Essa atitude gera uma distorção estatística, pois estabelece uma defasagem e subestimação da população negra. Essa afirmação pode ser comprovada ao analisarmos os dados da população arraiana:

Gráfico 1: População Total da cidade de Arraias/TO e População Negra Equivalente



* Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010.
<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.

Unindo a população arraiana recenseada pelo IBGE no ano de 2010, teremos 10.645 mil habitantes, dos quais 6840, pardos, 2619 se assumem pretos, 1120 se consideram brancos e somente 07 se intitulam índios. O pardo comumente tem identidade indefinida. À moda do dito popular “à noite todos os gatos são pardos”, ou seja, difíceis de serem reconhecidos, classificados, identificados. Os habitantes que se declararam pardos, com certeza, perderam seu lugar na sociedade, dispersaram-se de sua referência ancestral e, portanto, desaparece a

sua territorialidade. Se assumirmos que a população considerada como parda nesse Censo é o de fato uma população mestiça, com graus diferenciados de ascendência africana, ficará evidente que a população afro-brasileira em Arraias é majoritária.

Basta entrar numa escola durante o recreio, na sala de aula ou em momentos de aulas coletivas, para comprovarmos diretamente que a comunidade é caracterizada pela predominância do negro. Basta participarmos da Missa de Nossa Senhora dos Remédios no dia 08 de setembro ou do carnaval em fevereiro e da exposição agropecuária ou outro evento que reúne em um mesmo ambiente e que seja aberto a população para verificar que a população em massa presente na praça da Matriz é predominantemente negra.

Torna-se conveniente dizer que a escravização marcou os destinos da sociedade arraiana em particular. De fato, a mentalidade, os valores dominantes e o comportamento social ainda se encontram arraigados a esse passado tirano, haja vista que a súbita equiparação entre negros e brancos legalizados pela República em 1888, não ter destruído imediatamente o conjunto elaborado e herdado do período colonial. Isso explica que a maioria não teve condições de assumir sua cor, quase todos evitam os temas relacionados ao seu grupo étnico, pois estavam embebidos nos complexos e estereótipos produzidos ao longo do processo de escravização e política de branqueamento.

É tanto que Arraias, nas primeiras décadas do Século XX, tinham as classes sociais separadas simbolicamente por duas ruas: a rua de baixo e a rua de cima. Uma situação explícita de segregação racial, social e econômica na qual existiam os dominantes e dominados. As famílias tradicionais de renome moravam no centro e as oriundas da zona rural, na rua de baixo, um bairro tido como inferior. Fato comum que se repete nas cidades de todo o país.

Nesse contexto era razão de vantagem ou sorte morar aqui ou acolá e nitidamente as pessoas eram divididas entre escolarizados e não escolarizados, empregados e patrões, damas da noite do Bairro Estrela e mulheres de reputação ilibada.

Contam as pessoas mais antigas que, em Arraias sempre existiram duas faces da sociedade. Uma culta e socialmente privilegiada e a outra social e economicamente inferior. Exemplo disso é a divisão de classe que se observa nos eventos sociais e religiosos da cidade.

Cabe aqui uma narrativa das lembranças do Senhor Pedro de Sena Abreu, mais conhecido como Pedro Filú, um arraiano de 83 anos, que ao nos conceder registrar partes significativas de sua vivência acerca da história da formação do município e das relações de poder que foram estabelecidas no decorrer do tempo, a faz com muita propriedade e suas lembranças nos reportam à teoria de HALBWACHS (2004, p.75), em seus estudos sobre memória, por meio da qual podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. De acordo com Halbwachs, para quem a lembrança é a sobrevivência do passado,

(...) é uma imagem engajada em outras imagens. Em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”. (HALBWACHS, 2004, p.76):

“Nasci em Arraias, membro da união de duas famílias tradicionais, que estão dentre as mais influentes para a formação da sociedade arraiana: os Abreus que vieram de Portugal e os Senas vieram da Espanha. Estudei em uma escola agrícola no Rio de Janeiro, ocupando lugar de destaque, sendo nomeado inspetor do Ministério da Agricultura. Passei a residir em Goiânia e antes de voltar para Arraias trazendo inovações na área rural, conheci vários estados. Trabalhei 30 anos servindo ao município, como vereador, prefeito municipal, delegado de polícia pelo Estado de Goiás e Tocantins, e ainda fui Juiz preparador de eleição. Ainda sobre famílias arraianas, não posso esquecer de dizer sobre os Santa Cruz, família influente no comércio, vieram de Goiás. O dinheiro usado no Séc.XVIII início do Sec.XIX era a pataca, ou patacão, uma espécie de moeda. As cercas de pedras que circulam nossa cidade são um grande exemplo da dureza do trabalho. As pedras eram conduzidas ao morro pelos escravos em ganchos com pedaços de couro. Duas coisas eles fizeram errado: destruíram a Igreja do Rosário e a cadeia de pedra, todas feitas por escravos. Construíram outra na gestão de Diomar Freire, já em meados do Sec.XIX. Mas desta vez, foi feita por homens livres. Dentre os quais eu ajudei a fazer”.

Quanto à Chapada dos Negros, seu Pedro Filú nos revela uma realidade à qual pouco gente já se indagou. Como foi mantida a sobrevivência alimentar no garimpo? Sua explicação corrobora para a formação do quilombo Lagoa da Pedra.

“(...) cerca de oito mil escravos vieram trazidos por Portugueses e Espanhóis. Destes, quase cinco mil foram trabalhar na lavoura na região das caatingas, região do coité, próxima a Lagoa da Pedra. A maior fazenda que abrigava os negros escravizados, hoje conhecida como Boa Nova, onde passei minha infância. Lá eles trabalhavam na produção de alimentos, criavam animais, cana de açúcar e o tocinho. O resultado da produção era

levado para a Chapada dos Negros onde ficavam os demais escravos (cerca de três mil) tirando o ouro que era vendido, pesado e cobrado em quintos, uma parte ia para os donos do garimpo e a maior parte era enviada a Portugal. A contagem do ouro era feita na Chácara na entrada da cidade de Arraias, por nome Contagem. Eu sabia muita coisa, mas estou ficando muito velho, estou esquecendo. Mas sinto falta de Agenor de Sena, o primeiro datilografista da cidade. Ele sabia muito mais. Filho de Hidelbrando de Sena, que foi homenageado com seu nome em minha rua. Seu Agenor de Sena e Silva foi uma memória viva de Arraias.

Ao ser indagado sobre as relações de poder que eram travadas em Arraias no período colonial, Seu Pedro relata:

“(...) antigamente, os coronéis eram quem mandavam em Arraias. Tinham as famílias que predominavam, eram tidas como mais importantes e estavam acima de tudo e de todos e eram eles quem ditavam as ordens. A justiça quem designava eram os coronéis. As coisas foram se modificando. Aos poucos o povo foi civilizando. Tinha um homem culto que morava na entrada da cidade, ele veio da Bahia, o nome dele era João Laranjeiras, um homem que ajudou muito o pobre a se livrar da taca dos ricos.

Ao questionarmos seu ponto de vista acerca das origens e causas dessas mudanças ele diz:

“(...) a mudança não veio por parte dos coronéis. Para eles não era vantagem mudar. A mudança veio do povo e das iniciativas do interventor, o senhor, Pedro Ludovico Teixeira, do Estado de Goiás, que exigiu uma mudança em tudo. Começando pela maneira de tratar as pessoas, principalmente a classe pobre. Porque tinham três classes aqui: a pobre que nada tinha, a média tinha pouco recurso e alta que tinha mais bens e prestígio. Os homens da elite andavam armados intimidando as pessoas. Ninguém podia falar nada. Na escola o sistema era a vara e a palmatória. A mudança veio pela educação. Os jovens passaram a estudar e conhecer seus direitos. Isso tudo eu alcancei”.

Conversando sobre sua maneira de ver Arraias hoje, ele nos agracia com a seguinte colocação:

“(...) Arraias hoje tem mais justiça, respeita mais os pobres. Ainda falta melhorar, mas nem se compara com a situação de antes. O rico hoje não está mais mandando tanto. Em alguns casos a gente ainda vê, mesmo assim, não é mais como foi antigamente. O pessoal está estudando mais se compararmos o ontem e o hoje. No passado o povo sofria demais, hoje o que manda em Arraias é ter conhecimento”.

A narrativa nos conduz a interpretação da teoria de Halbwachs (2004) ao estudar a memória como quadro social, onde as relações a serem determinadas não ficarão adstritas ao mundo da pessoa, mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a

família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referencia peculiares a esse indivíduo.

Involuntariamente alheios quanto ao verdadeiro processo de formação de nossa nacionalidade, varias gerações foram privadas de se reconhecerem enquanto integrantes de uma nação pluriétnica, como uma das culturas mais ricas e variadas do mundo.

Mesmo diante de toda essa imposição à população, as pessoas buscavam maneiras de se relacionarem e se divertirem, aspecto importante para a mudança de postura na qual a sociedade arraiana está tentando caminhar. Exemplo forte dessa situação foi o advento das famosas escolinhas que eram festas dançantes em casas de família, que deixa um legado de saudade entre todos que moravam em Arraias ou para seus visitantes. Ainda era possível se reunir também nas brincadeiras de rodas, bacondês¹³, brigas de galo índio e canários cantadores, paneladas e saídas para o campo em busca de frutos do cerrado como o caju, a mangaba, a marmelada e coco xodó.

Arraias é o local de convivência das relações sociais, simbólicas e de uma memória coletiva. Assim, nas últimas décadas, a população tem procurado reconhecer a sua herança histórica, por meio de movimentos sociais, educativos e culturais. A preocupação está em considerar e entender que é no convívio com as suas características naturais e culturais que os indivíduos definem seu grupo social, sua identidade territorial e que o sentimento de pertencimento se estabelece.

Nesse sentido, conhecer nossas raízes significa descobrirmos uma parte de nós que estava escondida e perpassa pela identidade cultural, vista por Bhabha (1998) como entre lugar, um construto que se reflete num processo de constante transformação, no qual as mudanças vêm associadas a trocas de referências e a novas posições em face da realidade, já que se buscam soluções para eliminar alguns estigmas e preconceitos arraigados. A identidade, além de ser pensada como “tradição”, precisa ser pensada como “tradução”.

Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que se conceituam de “Tradição”, buscam recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável

¹³ Brincadeira coletiva, que definia um território, separando um entre os demais para que encontrassem os que estavam escondidos.

que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins (Apud Hall) chama de “Tradução”. (HALL, 2006, p. 87)

Neste sentido, seu povo, sua arquitetura, suas manifestações culturais de fé, religiosidade e a capoeira, nos dão uma boa medida do importante patrimônio histórico-cultural, cuja tradição vem sendo preservada a mais de dois séculos. Trata-se de um legado político, econômico e sociocultural, espécie de inventário das ações humanas, risos e lágrimas daquilo que hoje é denominado identidade tocantinense.



Imagem 6 - Mapa do Estado do Tocantins e da cidade de Arraias/TO. **Roberto Reges, 2012.**

2.5 Arraias, da Criação do Estado do Tocantins aos dias de hoje

Arraias limita-se com o Nordeste Goiano pela Ponte do Rio Bezerra divisa entre os municípios de Arraias e Campos Belos (GO). Ao cruzar a ponte, vindo em direção ao Estado do Tocantins, o mais jovem do território brasileiro, logo na entrada de um posto de fiscalização, existe um monumento oferecido pelo governo em homenagem a passagem da Coluna Prestes, pois como relata a historia oral, Arraias serviu de percurso para os Guerrilheiros ,que embora vieram pacificamente e fossem muito bem recebidos, assustavam as pessoas , pelo medo emergente do

movimento comunista, os quais eram conhecidos pelo povo arraiano como “os revoltosos”.

Localiza-se como a primeira cidade do sudeste do Estado do Tocantins, o Estado mais jovem da Federação Brasileira. O Tocantins possui 23 anos desde a sua criação em 05 de Outubro de 1988. Foram 179 anos de luta até a sua publicação no artigo 13 do Ato das disposições transitórias da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 criando, o Estado do Tocantins, após diversas ações e manifestações que foram realizadas em prol da emancipação do Norte do estado de Goiás e da formação de uma nova Unidade Federativa na região do Paralelo 13¹⁴.

A criação do Estado do Tocantins não é uma luta recente, mas secular. Fruto da insatisfação pelo abandono político-administrativo do Norte de Goiás em relação ao Centro-Sul.

(...) a criação do Estado do Tocantins, 1988, legitimou um projeto de autonomia que expressava as necessidades econômicas e político-administrativas de seu próprio tempo, mas trazia também as falas de outras gerações e seus projetos inconclusos. Entretanto, o projeto que se viabilizou do em 1988 não pode ser reduzido ao desfecho de uma experiência vitoriosa do projeto articulado, em 1821, por Teotônio Segurado e Felipe Antônio Cardoso. As condições de 1988 são inéditas no plano das relações sociais, econômicas e político administrativas. (CAVALCANTE, 2003, p13).

O ano de 1988 foi o momento de culminância da luta separatista, conforme se comprova nas palavras de Cavalcante (2003):

(...) momento mais recente de elaboração de propostas de autonomia do Norte de Goiás. Mostram as alianças partidárias dos representantes políticos de Goiás durante o percurso de apreciação dos projetos do Estado do Tocantins na Assembleia Nacional Constituinte, instalada em 1987.

Partindo dessas considerações, e ainda segundo Cavalcante (2003, p.13):

(...) a criação do Estado do Tocantins, 1988, legitimou um projeto de autonomia que expressava as necessidades econômicas e político-administrativas de seu próprio tempo, mas trazia também as falas de outras gerações e seus projeto inconclusos. Entretanto, o projeto que se viabilizou em 1988 não pode ser reduzido ao desfecho de uma experiência vitoriosa do projeto articulado em 1821, por Teotônio Segurado e Felipe Cardoso. As

¹⁴ Período compreendido entre 1809 (data do início das lutas pela emancipação do até então norte goiano) e 1988 (ano da criação do Estado do Tocantins pela Assembleia Nacional Constituinte). (RODRIGUES, Jean Carlos. O espaço de representação tocantinense. Professor do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal do Tocantins, campus universitário de Araguaína, Tocantins, Brasil.

condições de 1988 são inéditas no plano das relações sociais, econômicas e político-administrativas. (CAVALCANTE, 2003, P.13).

Com a promulgação da Constituição de 05 de outubro de 1988, o artigo 13 das disposições transitórias criou o Estado do Tocantins.

Art. 13. É criado o Estado do Tocantins, pelo desmembramento da área descrita neste artigo, dando-se sua instalação no quadragésimo sexto dia após a eleição prevista no § 3º, mas não antes de 1º de janeiro de 1989.

§ 1º - O Estado do Tocantins integra a Região Norte e limita-se com o Estado de Goiás pelas divisas norte dos Municípios de São Miguel do Araguaia, Porangatu, Formoso, Minaçu, Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Campos Belos, conservando a leste, norte e oeste as divisas atuais de Goiás com os Estados da Bahia, Piauí, Maranhão, Pará e Mato Grosso (CF/1988).

Trata-se de uma região incluída nas rivalidades políticas e palco para trajetória da luta secular pela divisão do Estado, que provocou o movimento e a possibilidade de autonomia do Tocantins, tendo como principal argumento no manifesto, a insatisfação pelo abandono político administrativo do Norte de Goiás em relação ao Centro-Sul.

Entre as consequências desse legado histórico está uma situação de extrema exclusão da maioria negra, ainda sujeita ao desemprego e ao subemprego, à falta de melhoria dos acessos a educação, a saúde, ao lazer, enfim, das condições mínimas de afirmação da cidadania. Mudou-se a estrutura geopolítica do estado, mas a dinâmica ideológica e político e econômica continuam sendo as mesmas.

“Apesar da “escolha” pela maioria das pessoas em ficarem no Tocantins, muitos ainda permaneceram “vinculados” a Goiás, quer seja pelo emprego, quer seja pelo plano de saúde ou outra finalidade, devido também ao medo de enfrentar uma nova realidade. Ainda é perceptível nessa região o apego ao Estado de Goiás, quando muitos optam por continuar resolvendo seus assuntos burocráticos e investimentos em saúde, educação, lazer na capital goiana ao invés de ir a Palmas a capital do Tocantins. Ainda é possível relacionar na cidade de Arraias ausência, dos meios de comunicação que ligam os tocantinenses, podendo citar o rádio, a televisão, o acesso aos jornais do estado e as próprias companhias telefônicas.

Arraias em termos culturais, econômicos e sociais está segregada pois, apesar de geograficamente pertencer a Tocantins, continua integrada simbolicamente ao Estado de Goiás, não possui uma identidade comum entre tocantinenses e encontra-se muito mais relacionada com o centro-oeste e o sudeste

goiano. No entanto, esse quadro tem se modificado gradativamente, com a saída de muitos jovens e de suas famílias para Palmas, Gurupi, Araguaína e Porto Nacional, principais polos econômicos e intelectuais do Estado. Mesmo assim, ainda hoje, muitos funcionários públicos optam por serem lotados na cidade de Arraias devido a sua proximidade com a cidade de Brasília e Goiânia.

No centro da cidade, na praça da matriz, é possível compreender e apreciar por meio de um painel evolutivo, a trajetória e os ciclos econômicos e culturais de Arraias.

Trata-se de um obelisco pintado em azulejo feito pela artista plástica Maria Guilhermina no ano de 1969. O painel faz uma representação simbólica de quatro ciclos que se iniciam no ano de 1740 com a extração do ouro no período colonial e escravagista, passando pela ascensão da pecuária, seguindo para o cultivo da lavoura e se completa com a chegada das irmãs dominicanas¹⁵. (AIRES, p.14).



Imagem 7 - **Painel Histórico de Arraias (Praça da Matriz)**. Silvia Adriane Tavares, 2012.

Em frente a esse painel evolutivo que consta em página anterior, acontecem as rodas de capoeira semanais. A escolha do local é uma estratégia do grupo ACCN para dar maior visibilidade ao monumento e relacionar o significado histórico e cultural dos tempos e modos vividos e a prática da capoeira naquele espaço.

Nesse espaço de intervenção no aqui e no agora, como afirma BHABA, (2001), retornamos ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural, reinscrever nossa comunalidade humana, histórica.

¹⁵ acontecimento que possibilitou a implantação das primeiras escolas do município com a construção da primeira escola privada da região sudeste do Tocantins, o Colégio Estadual Professora Joana Batista Cordeiro.

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar “ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABA, 2001, p.27).

Conforme já afirmamos, Arraias é composta por uma população marcada pela negritude. Esse povo de certa forma procurou manter suas origens, fazendo preservar o legado cultural dos seus antepassados através das manifestações culturais que se apresentam no cotidiano. Entretanto é lamentável perceber que houve uma descaracterização dos traços coloniais, especialmente em relação ao centro da cidade, que deixou de preservar o estilo de sua arquitetura e o calçamento de pedras feito por escravos foi substituído por blocos de cimento e asfalto. Isso dificultou o processo de reconhecimento por parte do IPHAN como Patrimônio Histórico, política de salvaguarda que presenciamos acontecer em cidades vizinhas como foi o caso de Natividade.



Imagem 8 - **Roda de capoeira (Praça da Matriz).**
Sílvia Adriane Tavares, 2012.



Imagem 9 - **Grupo de Capoeira Chapada os Negros (Praça da Matriz).** Sílvia Adriane Tavares, 2012.

Ainda se presencia a relação entre o sertão e a cidade, entre o sertanejo e a cultura, expressa na música, nas danças tradicionais, no artesanato que destacam a criatividade e o talento pelas cerâmicas brancas, peças feitas em couro ou em madeira, palhas e capins. Aos poucos esses trabalhos manuais vão sendo ampliados pelo advento da modernização com a produção de peças em biscuit, origamis, materiais reciclados, E.V.A, vagonetes, crochê, tricô e patchwork¹⁶.

Na culinária, destacam-se comidas típicas como a paçoca, o bolo de arroz, a farinha sertaneja, a peta e o enroladinho, a carne de sol, os licores, a cachaça, arroz com pequi ,o feijão tropeiro e a feijoada. Ainda pode-se fazer uso do conhecimento popular do uso de plantas medicinais, como o uso de ervas, cascas e grãos nativos.

Ainda é possível verificar traços da cultura europeia e africana nas manifestações culturais e religiosas. Destacam-se a centenária e urbana romaria de Nossa Senhora dos Remédios, realizada desde 1835; as folias que acontecem na zona rural, tanto nos sertões , quanto nas caatingas; a suça¹⁷ que se manteve por meio das práticas dos foliões, o bolé, dança típica da Região do quilombo Kalunga Mimoso; e a roda de São Gonçalo, um jeito de dançar rezando ou rezar dançando, manifestação específica da comunidade quilombola Lagoa da Pedra.

“A memória pode constituir-se de elementos individuais e coletivos , fazendo parte de perspectivas de futuro, de utopias, de consciências do passado e de sofrimentos.(...) Pelo senso comum a memória está intimamente ligada às tradições familiares, grupos com suas idiossincrasias peculiares. Nesse nível , ela representa possibilidades de aprendizagem e de socialização , expressando assim continuidade e identidade daquelas tradições”. (DIEHL, 2002, p.116).

Seja em nossa árvore genealógica, seja nos costumes, na religião, na dança, no artesanato, enfim, na tradição deixada por nossos ancestrais e transmitida de geração em geração, é a nossa história, o nosso patrimônio cultural que nos faz sentir orgulho do que somos e de quem somos despertando-nos para a preservação da nossa herança cultural.

¹⁶ Nome dado ao trabalho artesanal de colchas de retalho. Em Arraias se destacam as colchas , tapetes e almofadas feitas por mulheres da comunidade ,tanto por parte daquelas que fazem informalmente em suas residências , quanto por outras que divulgam seus trabalhos em locais públicos e privados, programas sociais , expandindo sua produção para outras cidades e capitais do país .

¹⁷ A suça é uma manifestação cultural tida como uma herança de descendentes africanos que vieram trabalhar nas minas de ouro, no antigo norte da província de Goiás, hoje Tocantins. Uma manifestação contagiante que integra danças , cantos, sons de viola , tambor e percussão , mais frequentemente nos municípios do centro e sudeste do Tocantins. (documentário Suça do Tocantins, Fundação Cultural do Tocantins)

Os arraianos são conhecidos pelo seu relevante potencial, artístico, intelectual, político e profissional, sendo a educação, a peça de engrenagem e avanço para o município. Dele uma parte significativa de seus habitantes ainda conseguem superar dificuldades, galgando de graus acadêmicos e assumem os mais diversos postos, funções e áreas do conhecimento humano.

A educação arraiana é exaltada por vários escritores e jornalistas regionais dentre os quais se destaca Ramalho (2012, p. 55), afirmando em sua recente obra:

No final dos anos 50, nasceu uma grande esperança para Arraias. Era o Instituto Nossa Senhora de Lourdes, um grande educandário, fundado pelas forças políticas da região aliados as irmãs dominicanas, religiosas que muito fizeram pela educação de Arraias, tornando-a polo do nordeste goiano no que tange à educação e a formação de estudantes, graças ao trabalho de professoras que foram verdadeiras guardiãs da civilização dos arraianos. É preciso considerar as singularidades da comunidade arraiana, que se destaca pelos aspectos culturais e a relação com as suas potencialidades

Mas ainda há muito que caminhar. Por ser a maioria de sua população afrodescendente, existe a necessidade de se trabalhar com a mesma, no despertar para os seus valores, conscientizando-a a respeito da participação do negro na formação da sua história e principalmente promovendo a integração, a inclusão e a construção da identidade e da autonomia. Assim, compreender os costumes, os valores e as crenças que fundamentaram e ainda fundamentam o imaginário coletivo dessa região.

Ainda com relação aos primórdios da educação arraiana, conta a historiografia regional, que o ensino formal de Arraias iniciou-se por volta dos idos anos de 1927, com a chamada sala de aula pública do sexo masculino e feminino.

“As crianças recebiam seus primeiros ensinamentos como o Dr. José Brásilio da Silva Dourado, nome que inspirou a História da Educação de Arraias e o nome do primeiro grupo escolar, hoje conhecida como Escola Estadual Silva Dourado”. (COSTA, 2004, p.25).

A partir de então, o cotidiano da cidade foi se modificando, mas não o suficiente para alcançar a demanda e a necessidade da população que crescia e se modificava.

Nas palavras de Costa (2004):

O que se pode afirmar pela documentação pesquisada é que a escola avulsa foi germe forte que fez brotar a atual Escola Estadual Silva Dourado. Constituída e inaugurada em 1937, na Praça da Matriz, onde hoje, está o prédio do Banco do Brasil.(...) sua construção foi obra de duras penas, com o material todo carregados no lombo do burro. O nome da escola foi em homenagem ao Juiz de Direito Dr. José Brasílio da Silva Dourado, que segundo algumas memórias vivas, foi um homem que muita dedicação deu as causas da cidade e o primeiro Juiz que Arraias recebeu (COSTA, 2004, p.34).

Entretanto, para avançar nos estudos era preciso buscar em outras localidades e a cidade de Porto Nacional, por ser o polo Intelectual do Norte de Goiás mais acessível para a comunidade arraiana e que recebia os jovens nortistas que queriam dar prosseguimento nos estudos. Com exceção, dos que conseguiam se instalar nas capitais: Goiânia, Brasília entre outras.

Acerca disso, sabe-se que:

Porto Nacional foi o berço da nossa formação intelectual por meio das mãos das irmãs dominicanas. Esse colégio religioso da congregação das dominicanas. Recebia alunos das varias cidades da região com o objetivo de evangelizar e oferecer uma educação de qualidade, bem enquadrada nos moldes de uma educação tradicional ministrada como padrão no território nacional. (COSTA, 2004, p. 27).

Entre meados do Séc. XX, entre os anos de 1956 e 1957, um acontecimento marcou a história da educação arraiana: a chegada das irmãs dominicanas e a construção e a implementação do Instituto Nossa Senhora de Lourdes (I.N.S.L.), hoje, sede do Colégio Estadual Professora Joana Batista Cordeiro. Ainda de acordo com Costa (2004), os anos de 1958 a 1982, período de funcionamento do I.N.S. L em Arraias forma um marco e uma revolução no setor educacional, cultural e religioso em Arraias e, porque não dizer, no então nordeste goiano.

Com o crescimento da população a necessidade da continuidade aos estudos, houve empenho por parte das lideranças políticas e educacionais em ampliar o ensino gratuito também para as séries seguintes, pois, a única escola pública do município oferecia apenas até a 4ª série do Ensino Fundamental e em 1981, a sede do instituto passa a funcionar o Colégio Estadual Professora Joana Batista Cordeiro.

Em 1963, cria-se em Arraias a Delegacia Regional de Ensino que atualmente direciona a Educação Formal de várias cidades da região sudeste do

Estado: Arraias, Paranã, Novo Alegre, Combinado, Lavandeira e Aurora do Tocantins.

De uma certa forma, Arraias hoje já pode contar com certos avanços dos espaços educacionais em quase todos os níveis de ensino. Existe a possibilidade dos alunos estudarem na rede privada ou na rede pública. As escolas podem contar com a melhoria dos serviços do atendimento pedagógico, com o aperfeiçoamento dos profissionais em cursos de graduação e formação continuada. No tocante às escolas estaduais, os prédios bem estruturados, com quadras esportivas, bibliotecas e Projeto Político Pedagógico que fundamenta o trabalho, envolve a comunidade em uma política pública de gestão compartilhada. No âmbito municipal ainda faltam condições para melhoria da qualidade das escolas urbanas e rurais tanto em relação a infraestrutura, quanto em relação as condições de trabalho. Destaca-se, positivamente, a construção da atual sede do Centro Municipal de Educação Infantil Irmã Lucília e as escolas de segundo grau na zona rural.

Conta ainda com a existência da Universidade Federal do Tocantins, que oferece três cursos de licenciatura no campus de Arraias. Antes da sua instalação o ensino superior era oferecido pela Universidade do Estado do Tocantins, a pioneira do ensino superior em Arraias. Há também a tecnologia da educação a distância que oferece algumas outras opções de curso.

Apesar de todos esses esforços, a sua população ainda padece. Dados econômicos contribuem para um baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que leva em conta dados relacionados à educação, longevidade e renda.

Na atualidade, segunda década do século XXI, (re) aparece a possibilidade de exploração de minérios na região, esse fato, pode ser tanto uma esperança de fixação do jovem na região, como entrada de grandes quantidades de pessoas oriundas de várias regiões do país.

A preocupação está no fato de que Arraias sempre foi alvo de exploração de riquezas naturais. Inicialmente a corrida pelo ouro, depois a exploração da terra pela agricultura e pecuária e atualmente ela vive um momento delicado com o advento da chegada de mineradoras multinacionais. Empresas que prometem gerar renda e capacitação de pessoal, que ficará instalada durante anos, explorando fosfato, inclusive em territórios quilombolas. Quanto a chegada das mineradoras em Arraias Rodrigues (2012, p.77) discorre a seguinte contribuição:

É aparentemente uma boa estratégia por parte do Governo Estadual, porém pode e deve ser mais bem aproveitada em prol de um modelo de desenvolvimento que melhor reparta e proporcione que a comunidade local melhor se aproprie de um recurso natural que em última instância lhe pertence (...). Outro tema não menos importante, é associado com o planejamento urbano necessário para receber os novos fluxos migratórios e com a defesa do patrimônio histórico e cultural do município. Estratégias e, posteriormente, investimentos devem ser urgentemente realizados para melhorar as condições de moradia e ocupação do espaço urbano do município, com atenção especial para a recuperação das construções históricas que hoje se encontram em um processo constante de deterioração. A cidade com aportes investimentos na recuperação do seu patrimônio histórico e com a criação de equipamentos de memória histórica tem todas as condições de ser uma referência para o turismo religioso e etnocultural. (RODRIGUES, 2012, p.77-78).

É preciso alertar quanto aos riscos que o município corre da depredação, superfaturamento de riquezas naturais, e o que restará para o município com a saída dessas empresas é outra preocupação que se deve ter em mente. Sabe-se que essas ações repercutem tanto no âmbito econômico, ambiental, político e social quanto nos aspectos culturais. O que sobrevive, o que se mantém e o que se modifica, com esse advento, são indagações que a comunidade precisa fazer.

Arraias é o local de convivência das relações sociais, simbólicas e de uma memória coletiva. Assim, nas últimas décadas, percebe-se que parte da população tem procurado de certa forma, reconhecer a sua herança histórica, por meio de movimentos sociais, educativos e culturais. A preocupação está em considerar e entender que é no convívio com as suas características naturais e culturais que os indivíduos definem seu grupo social, sua identidade territorial e o sentimento de pertencimento que se estabelece. Reportamos a reflexão feita por Hall (2006):

Trata-se de uma concepção fechada de “tribo”, diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. É claro um mito- com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história. (HALL, 2006, p.29).

Sendo assim, tanto chegar, quanto viver em Arraias é descortinar o olhar para as matas verdes, cerrados, o morro da cruz, o sino na matriz e o Cristo Redentor, a casa do artesão, que emolduram a paisagem da cidade, relicário de história, de arte e de gente, cuja colonização imprimiu seu modelo tradicional no

cotidiano das pessoas, uma particularidade fidalga aos nascidos ou crescidos nas colinas.

Não se sabe ao certo se de fato houve a prática da capoeira nos tempos do garimpo da chapada ou até mesmo durante o processo de formação dos quilombos. Mas, é baseando-se nessa realidade que a capoeira vem sendo difundida e assume características diferenciadas.

Prova disso, é que no final do ano de 2012, tanto Arraias e Associação Cultural Chapada dos Negros, quanto o Estado do Tocantins de modo geral, puderam demonstrar a força dessa vivência com a conquista do estudante arraiano, integrante da Escola Pública Estadual Brigadeiro Felipe, Atos Gabriel Tavares de Moura, um tocantinense de 10 anos e aluno graduado pela ACCN, com a obtenção do título de Finalista Nacional nas Olimpíadas da Língua Portuguesa na categoria poema. Sob orientação da Professora do 4ºano A, Amábile Adelimar, ele externalizou a nação brasileira em sua produção literária: Arraias, identidade negra, o conhecimento que conseguiu construir acerca da história de Arraias e sua sociabilidade:

| | |
|--|--------------------------------------|
| <i>Arraias foi descoberta</i> | <i>Arraias 272 anos</i> |
| <i>Quando pessoas vieram para cá</i> | <i>Muita história pra contar</i> |
| <i>Grandes minas com preciosidade</i> | <i>Só quem mora ou conhece</i> |
| <i>Para o negro garimpar</i> | <i>Sabe bem o que é sonhar</i> |
| | |
| <i>Cidade lavada</i> | <i>Seja criança, jovem ou adulto</i> |
| <i>Pelo suor dos negros</i> | <i>Novo, velho, homem ou mulher</i> |
| <i>Que nossa cidade</i> | <i>Todos donos de uma história</i> |
| <i>Ajudaram a fundar</i> | <i>Só não enxerga quem não quer</i> |
| <i>Trabalharam o dia inteiro</i> | |
| <i>Para um espaço conquistar</i> | <i>Gente que sabe o que quer</i> |
| | <i>Arraias, cidade das colinas</i> |
| <i>Cidade cercada por pedras</i> | <i>De ruas tortuosas, casarões</i> |
| <i>Que ralaram os escravos</i> | <i>Becos e ruínas.</i> |
| <i>Ruas estreitas que eles</i> | |
| <i>Cansaram de trilhar</i> | <i>Seja filho desta terra</i> |
| <i>Belezas naturais aos nossos olhos</i> | <i>Ou por ela adotado</i> |
| <i>Chegaram a encantar</i> | <i>Sabe que viver em Arraias</i> |
| | <i>É ver seu sonho realizado!</i> |

Destarte, acreditamos que não obstante às lacunas deixadas pelo tempo, a capoeira definitivamente (re) integra às suas origens, tornando os indivíduos e a comunidade corresponsáveis por criar condições e mecanismos para sua manutenção enquanto instrumento de transformação social. Preservada como manifestação da cultura popular e identidade afro-brasileira, adentra a história do município como símbolo para o mundo que, Arraias, não somente foi no passado, mas vive em tempo presente uma Arraias quilombola.

CAPÍTULO 3

3.1 Resistência Cultural pela Capoeira em Arraias/TO: a trajetória histórica da Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN)

“Às vezes me chamam de negro pensando que vão me humilhar, mas o que eles não sabem que só me fazem lembrar, que eu venho daquela raça que lutou pra se libertar.” (Ladainha cantada pelo Mestre Fumaça e seus alunos. Cantiga de domínio público).

Este capítulo apresenta a essência da pesquisa, por se concentrar nele os esforços despendidos no decorrer dos dois anos no curso de mestrado, tendo como preocupação primordial, estabelecer relações entre os estudos acadêmicos e os 20 anos de convivência pessoal e profissional com o campo da pesquisa.

Sendo assim, não poderia esquivar-me de contribuir com a vida da instituição e da comunidade a qual sou parte, ao buscar sistematizar a trajetória existencial do grupo, enquanto propulsora e difusora da capoeira, que na cidade de Arraias se apresenta como um movimento vivo de cultura, memória, fonte histórica e território de participação social.

Como o próprio título do capítulo infere, trata-se de evidenciar a trajetória histórica do grupo, que é entendida como um recorte, pois o cotidiano, expressa muito mais do que a pretensão de retratar cientificamente as vivências, os modos de produzir e manifestar a cultura, o imaginário, a memória, e, sobretudo as motivações individuais, coletivas e institucionais, que tem permeado e sua relação com uma multiplicidade de outras experiências culturais, sociais e políticas experimentadas na cidade de Arraias no decorrer de sua história.

É nossa tarefa tentar relacionar ações e movimentos, buscando compreender e evidenciar transformações e impactos sociais, culturais e educativos causados pela prática da capoeira na região de Arraias a partir da atuação da Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN), orientados pela metodologia proposta para a realização da pesquisa.

Para chegarmos à concretização da escrita do capítulo, utilizamos da observação, da análise documental do acervo existente na ACCN e de entrevistas orais e escritas.

Vale ressaltar que, no que se refere às fontes orais:

(...) a entrevista como fonte oral (...) acredita-se a essa modalidade de fonte e enriquecimento da temática proposta e a possibilidade de se recuperar a memória de quem vivenciou experiências que podem ou não ser confrontadas com a documentação escrita, ou preencher lacunas sobre informações que esta deixa em aberto, ou ainda, indicar outras possibilidades de objetividade. Portanto, a fonte oral é útil, distinta e absolutamente necessária. (Villanova, 1994, apud Cavalcante, 2003, p.15).

Quanto às fontes escritas, verificamos, *In loco*, que apesar da simplicidade da Instituição, a sua visibilidade e divulgação é extremamente extensa, rica, diversificada, sistematizada, reunindo uma gama variada de materiais impressos, como jornais, revistas, ofícios, depoimentos, cartas, folders, convites, cartazes, que circulam em quase todo o país.

As fontes imagéticas e audiovisuais envolvem, banners, livros e documentários, cujas temáticas se relacionam a diversos aspectos da capoeira dos mestres e da cultura afro-brasileira.

Para o aprofundamento do estudo do objeto dessa pesquisa, foi fundamental a realização de observações participantes, o que se deu com a nossa presença nos diversos espaços ocupados pelo grupo, como Sede do Ponto de Cultura. É importante destacar, que nesses contatos, como os que ocorreram nos momentos-aula (treinos e roda de capoeira), a observação e a análise dos procedimentos pedagógicos eram constantes, por serem momentos privilegiados para o conhecimento da interação entre o grupo e a comunidade. A importância do papel pedagógico da capoeira fica claro no seguinte texto:

“Além de vivenciarmos situações diversas envolvendo a comunidade, como as como as apresentações do grupo, também ativemos às questões de natureza político-administrativa, tais como: as preocupações com os encaminhamentos das tomadas de decisões, as agendas de apresentações culturais e as articulações com parceiros, pais, alunos e comunidade, com objetivo de detectarmos possíveis indicadores de avanços qualitativos por parte do grupo e de seus integrantes”.

3.2 ACCN: A expressão da negritude em movimentos de capoeira

Em se tratando das relações entre negritude, etnicidade, globalização e regionalismos, a capoeira tem propiciado ao Brasil um momento ímpar que diferencia o processo de importação de comportamentos e práticas culturais

geralmente oriundas da Europa Ocidental e da América do Norte. Desta vez, a difusão da capoeira para outras regiões do país e principalmente para diversos países além do Atlântico Negro, sendo a mesma reconhecida legalmente como arte genuinamente brasileira e Patrimônio Cultural Brasileiro, ocorre um processo historicamente inverso e uma mudança no cenário cultural. São os estrangeiros que vem ao Brasil em busca de conhecimentos da capoeira, graças ao seu processo histórico de formação. Os mestres mais antigos recebem atenção merecida para ministrar cursos e transmitir seus saberes fora do país. Nesse aspecto, o Brasil ainda precisa acordar para ampliar políticas públicas de amparo e apoio aos mestres em saberes populares, especialmente os Mestres de Capoeira.

Dentro do contexto da globalização do movimento capoeirístico¹⁸ percebemos pela análise documental e depoimentos que a Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN), tem sido destaque por conseguir o mérito de ser intitulada Ponto de Cultura, formar alunos multiplicadores capazes de representar o grupo com competência em vários municípios do Sudeste do Tocantins, Nordeste de Goiás, por promover encontros estaduais e ainda por inserir Arraias no cenário nacional e internacional pela divulgação dos seus projetos e o reconhecimento dos mesmos por meio de premiações estaduais e nacionais, além de participar em eventos promovidos por grupos de outras regiões do País.

Sediada em Arraias (TO) e fundada no ano de 1984, sob a direção do policial Militar, José Reginaldo Ferreira de Moura, mais conhecido pelo seu codinome Mestre Fumaça, apelido recebido no grupo onde treinava, dizendo ele ser assim chamado pelo fato de que quando ele estava treinando muito concentrado, depois de algum tempo, começa a sair muita fumaça do seu corpo.

No Estado do Tocantins existem vários grupos de capoeira: Terreiro, Abadá, Arte Folclore, Esquiva, Abolição, Nagô, Candeias, Tambor Capoeira, Muzenza e Trib'Arte. Entretanto, Arraias sedia a ACCN que é pioneira no Estado.

Sua capacidade em resistir às dificuldades materiais, às críticas destrutivas, às dificuldades impostas pela ideologia dominante materializada em posturas de determinados segmentos da sociedade, grupos políticos, população branca e tradicionais ligadas à fundação da cidade, como também, a própria comunidade

¹⁸ Por globalização dos movimentos capoeirísticos, referimo-nos ao avanços das fronteiras da capoeira para outros Estados do Brasil e para outros países em diversos continentes do mundo inferindo as relações raciais a produção cultural que perpassam pelos saberes locais e globais do ponto de vista defendido por SANSONE, 2004, p.335.

negra, que em diversas situações, rejeitam as práticas culturais do grupo por se tratarem de uma manifestação de origem negra, a inexpressiva sensibilidade da população e a demora em entender a natureza relevante da existência da ACCN, bem como, o significado da capoeira para a cultura do município de Arraias, pode explicar a longevidade do grupo, a regularidade do seu crescimento e a sua expansão no âmbito qualitativo e quantitativo.

Os traços de personalidade forte e a coragem do Mestre Fumaça para tratar da questão étnica e da diáspora africana pela prática da capoeira, marcam sua carreira. Ao buscar, a partir de sua própria vivência, uma visão que interliga o passado, o presente e o futuro de sua comunidade, por meio da especificidade universalizante de ser negro em um país e sociedade que sempre se esquivou da aceitação de que o negro é uma peça basilar na sua formação.

O cotidiano do Mestre Fumaça sempre foi marcado pela resistência às diversas formas assumidas pelo racismo, demonstrando o seu compromisso social com a questão da negritude, com a população negra e a capoeira na cidade de Arraias. Todos esses aspectos se materializam nas suas aulas, suas ladainhas, seus versos improvisados ao cantar e tocar berimbau nas rodas de capoeira.

A ACCN tem assumido ao longo de sua existência uma posição de defesa da diversidade cultural, ao possibilitar que segmentos da sociedade comumente excluídos dos espaços culturais oficiais, vivenciem novas experiências culturais e reafirmem a sua identidade negra através de um processo de conscientização que tem na capoeira, vinda da África, o seu ponto de partida. Portanto, a atuação da ACCN, se coloca permanentemente, numa posição de defesa da memória coletiva e do respeito ao patrimônio imaterial, além de contribuir para o desenvolvimento da consciência corporal, artística e intelectual dos envolvidos na sua prática.

A capoeira é uma manifestação da cultura afro-brasileira possuindo uma grande diversidade de aspectos, perpassados pela história dos africanos/as escravizados no Brasil, bem como pelas complexas relações étnico-raciais que foram se constituindo ao longo da história brasileira e das lutas contra os preconceitos. Logo, a capoeira sempre esteve ligada à afirmação de uma identidade negra no Brasil.

O quadro descrito acima, se aplica perfeitamente a história de Arraias, onde está a maior concentração de população negra e a maioria das comunidades quilombolas do Estado do Tocantins. Assim, desde a sua fundação, a ACCN,

assumiu uma forte posição contra o preconceito racial, e de conscientização do valor da negritude para negros e negras da sociedade arraiana e regiões vizinhas.

Uma constatação importante é que o Movimento Negro do Estado ainda não possui uma ação estruturada na região sudeste, logo, a ACCN é quem assumiu o papel que originalmente lhe caberia. Desta forma, ela tem se destacado como uma entidade que atua em prol da divulgação e fortalecimento da prática da capoeira, mas ao mesmo tempo, como a principal referência da região sudeste do Estado no luta contra o racismo.

Culturalmente ligados pela capoeira, o grupo reúne características que remetem às origens comuns, expressam a etnicidade e autoconsciência do seu papel social que o identificam tanto no interior do grupo ou fora dele. Em movimentos de resistência expressam a negritude¹⁹ por iniciativas levadas a cabo, entendidas como esforços organizados em defesas de ideais comuns, que perpassam por vivências lúdicas significativas e inserção no meio social.

Gohn (2011), ao abordar a temática dos movimentos sociais, destaca a relação entre movimento social e o amplo conceito de educação que ultrapassa a formalidade:

Há um caráter educativo nas práticas que se desenrolam no ato de participar, tanto para os membros da sociedade civil, como para a sociedade mais geral, e também para os órgãos públicos envolvidos, quando há negociações, diálogos ou confrontos. Uma das premissas a respeito sociais é: são fontes de invocações e matrizes de saberes. Entretanto, não se trata de um processo isolado, mas de caráter político-social. Por isso, para analisar esses saberes deve-se buscar as redes de articulações que os movimentos estabelecem na prática cotidiana e indagar sobre a conjuntura política, econômica e sociocultural. (...) Essas redes sociais são essenciais para compreender os fatores que geram as aprendizagens e os valores da cultura que vão sendo construídas no processo interativo. (GONH. Revista Brasileira de Educação, v.16.n 47, maio-ago, 2011).

Nesse sentido, a ACCN instituição que se transformou em movimento, pode ser vista como uma tradução ou versão local desses elementos socioeducativos em Arraias, e pode ser comparada ao grupo cultural e étnico, o Ilê Aiyê na Bahia, que iniciou uma onda de movimento negro e se espalhou por todo o país.

3.3 Trajetória de um Mestre

¹⁹ Ideologia de valorização da cultura negra em países africanos ou com populações afro-descendentes que formam vítimas de opressão colonialista em reivindicação da identidade negra e sua cultura. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Negritude> acesso em 01/12/2012

Reconhecemos ser inadmissível escrever sobre a história da capoeira e do grupo em Arraias sem mencionar a biografia e a trajetória do seu mestre, tornando esse estudo de campo, um exercício do registro histórico, onde nessa construção, a história do grupo e a história do seu mestre se entrelaçam e por muitas vezes, se confundem.

Portanto, apresentamos o Mestre Fumaça como sujeito social, agente cultural e a percepção de sua realidade passa a ser teorizada pela tradução dos enfrentamentos e inovação do saber que realiza ao inserir em Arraias a capoeira, junto ao grupo e na sua comunidade. Ao mesmo tempo, ele consegue ligar esses novos conhecimentos a assuntos antigos da comunidade de Arraias. Assuntos que ele aprendeu a reconhecer e interpretar sob uma nova luz, a partir do seu contato com a capoeiragem e com os (as) capoeiras na linguagem própria da arte. Assim, os conhecimentos novos adquiridos passaram a ser um veículo para mudar o curso da história de Arraias.

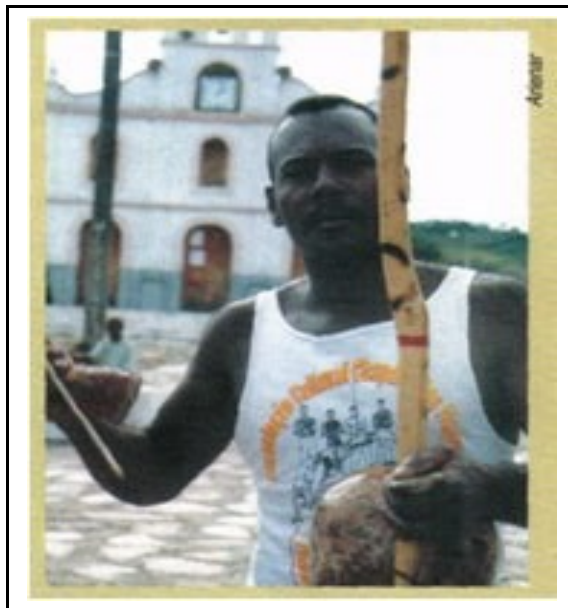


Imagem 10 - Mestre Fumaça.
Acervo ACCN, 2012.

A história da capoeira e do grupo em Arraias, inicia-se com a saída do Mestre para Brasília, ainda menino. Filho de vaqueiro e lavradora, sem muita oportunidade de compreensão de si mesmo e de sua realidade, era rotulado como atentado e não conseguia se concentrar e caminhar de acordo com o que era estabelecido pela família, pela escola e pela sociedade. Assim sendo, o Mestre foi morar com suas irmãs em Brasília, pois seus pais viviam na zona rural e não tinham

mais como mantê-lo morando sozinho ou em casa de parentes em Arraias temendo correr riscos sociais.

Nesse contexto de falta de espaço e oportunidade, que resultam em exclusão, é que o Mestre Fumaça, um negro que sentiu na pele, a existência explícita do preconceito e racismo desde sua infância, foi para Brasília onde pode encontrar com a capoeira ao ser tocado pelo som de um berimbau. Ao andar em direção ao som, olhou a imagem daquele que viria a ser seu mestre de capoeira. Era o toque do Mestre Bartolomeu, codinome Barto.

Assim conta o mestre sobre o seu primeiro encontro com a capoeira:

No dia 13 de Maio de 1977, eu estava dentro da escola no SESC, fazendo uma prova de Matemática, ao ouvir um toque diferente que vinha do salão de treinamento do SESC, rapidamente entreguei a prova às pressas e me diricionei ao local. Chegando lá, avistei um homem baixo, forte, usava uma calça de boca larga branca e uma corda vermelha na cintura, quando me dei conta, estava ao lado do Mestre Barto, meu Mestre. Na orquestra, ele Tocava São Bento Pequeno de Angola, enquanto seus alunos Corda Amarela Xicao e Kall, dominavam o jogo com mandiga e leveza no corpo, com entradas e saídas de movimentos de chão. Um verdadeiro espetáculo para mim. Lá me matriculei e não faltava aos treinamentos de terças, quintas e sábados. Foi assim, meu encontro com a capoeira.

Em Brasília, deixou a escola formal pela academia de capoeira. Conheceu muitas camadas, frequentou diversas rodas de renome como a famosa roda da torre, que naquela época (1978) era coordenada pelo Mestre Sabul de Goiânia, o Mestre Zeu vendia seus berimbaus ao lado da roda, mas de tempo em tempo, fazia seu jogo na roda, jogando muitas vezes com o Mestre Fumaça. Naquela roda jogava também mestre Tabosa, Mestre Chibata, Mestre tranqueira, Mestre Risadinha, mestre Adilson, Mestre Zulu, Mestre Pesão, Mestre Maranhão, Mestre Claudio Macaco, Mestre Pombo de Ouro, seu padrinho de Capoeira. Hoje a roda da torre é conduzida sob o comando do Mestre Kall.

Foi campeão Brasiliense no ano de 1984. Durante a 10ª Grande Roda de Capoeira promovida pelo grupo Beribazu coordenado pelo Mestre Zulu, evento realizado no Ginásio Cláudio Coutinho em Brasília DF. Título que resultou em medalha e certificação que hoje encontram-se pendurados na sede do Ponto de Cultura em Arraias/TO.

Comprovando seus ideais de resistência, “resolveu” voltar para Arraias, ao se sentir pronto para atuar de forma a transformar o cotidiano daquele pacato

município e poder evidenciar que naquele contexto as crianças, adolescentes e jovens, não precisariam mais sair da escola para aprender capoeira. Ao contrário, poderia ser algo complementar a escola, tudo iria depender da aceitação e dos encaminhamentos que seriam dados à capoeira em Arraias.

Afirmando ter sido a capoeira a grande responsável pelo seu encontro com sua verdadeira identidade, em 1985 retorna a Arraias. Trouxe em sua trajetória, o grande legado que é o conhecimento da Capoeira e junto a ela o objetivo de difundir a arte e o conhecimento da capoeira e uma nova reflexão sobre a vida, dividindo principalmente, entre as crianças e jovens que não tiveram a mesma oportunidade de conhecer e viver a arte da capoeira.

Iniciou ministrando suas aulas, Num galpão cedido pelo Senhor Efraim Costa Filho, (*In Memórian*) de sua propriedade particular, a seguir o mesmo organizou a ida do grupo para o Clube Social Arraiano, ponto central da cidade e mais adiante, passou a acontecer em um casarão antigo da Praça da Matriz onde hoje é de propriedade pública estadual e funciona sob a égide do município local reservado para a instalação do museu da cidade.

Cobrava mensalidades já que teria que desenvolver algo que pudesse se sustentar e ao mesmo tempo viver pela capoeira. Desenvolvia ginástica e capoeira também para homens e mulheres durante as madrugadas no Clube Social Arraiano.

Ao passar do tempo, ele percebeu que as pessoas que ele gostaria de atender de forma mais intensa eram exatamente aquelas que ficavam do lado de fora da academia, assistindo pela janela. Essa situação o deixava muito incomodado.

A grande preocupação era conseguir relacionar a capoeira ao negro. Começando daí pelo nome do grupo. Inicialmente, o nome Jamaica, parecia representar bem o contexto vivido na época devido às canções e influências do seu contato com o reggae²⁰ e o soul²¹. Não satisfazendo somente com esse título, foi

²⁰ Reggae é um gênero musical desenvolvido originalmente na Jamaica do fim da década de 1960. Embora por vezes seja usado num sentido mais amplo para se referir à maior parte dos tipos de música jamaicana. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Reggae>).

²¹ Soul (em inglês: alma) é um gênero musical dos Estados Unidos que nasceu do rhythm and blues e do gospel durante o final da década de 1950 e início da década de 1960 entre os negros. Durante a mesma época, o termo soul já era usado nos Estados Unidos como um adjetivo usado em referência ao afro-americano, como em "soul food" ("comida de negro"). Esse uso apareceu justamente numa época de vários movimentos de liberalismo social, tanto com a revolução dos jovens com o uso das drogas, como os movimentos anti-guerra e anti-racial. Por consequência, a "música soul" nada mais era que uma referência a música dos negros, independente de gênero. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Soul>)

substituído por Academia de Capoeira Berimbau de Ouro. Depois de muitas reflexões, e partindo da necessidade de recuperar a memória coletiva e histórica a chapada dos negros de arraias, lugar onde conheceu ainda menino que não entendia àquelas grandes ruínas, só depois que ficou sabendo que se tratava de um garimpo do período escravocrata.

Ao se fazer conhecido pelo Mestre e o grupo sobre o real significado histórico do lugar, permaneceu a ideia de passar a chamar o grupo de Chapada dos Negros, na tentativa de difundir no imaginário coletivo da comunidade esse retorno a memória e valorização do lugar para a história da cidade e de sua população.

Em 1987, consegue passar em um concurso público e torna-se Policial Militar do Estado do Tocantins. Sobre sua entrada para a polícia, um caso visível de racismo e exclusão acontece. Conta o Mestre Fumaça que, mesmo sendo uma chamada pública era preciso indicação política:, evidenciando ainda que o racismo era explícito e acima de tudo, institucionalizado:

Eu tive que buscar ajuda de políticos e padrinhos. Um deles ficou indignado em ter que chegar a esse ponto, mas foi lá no comando comigo, conversou às portas fechadas e logo depois o comandante me mandou entrar e me fez o seguinte discurso: escute negro, você sabe porque você vai fazer a inscrição na polícia hoje? Eu respondi que sim um prefeito e um vice-prefeito me apresentando aqui, acho que vão melhorar as coisas para mim. E ele me respondeu: não é por isso que você irá fazer a sua inscrição na polícia. É um presente que estou lhe dando, porque hoje é o dia 13 de maio, o dia da abolição da escravatura. Eu não lhe respondi nada, mas no meu silêncio, aquele coronel era um leigo em cultura afro-brasileira. Vi nele a menor das pessoas. Ele tentou rebaixar minha autoestima, mas o efeito foi contrario, só me encorajou mais pra luta e pra minha missão em Arraias. (Mestre Fumaça em entrevista).

Essas afirmações evidenciam a imposição do eurocentrismo pela classe dominante e mais ainda, o racismo era explícito e acima de tudo, institucionalizado. Nesta perspectiva ele continua nos apontando:

E prometi a mim mesmo: Vou mostrar a este coronel que me tornarei um dos melhores policiais do Estado, mostrando que o negro não é só a cor da pele, é raça, é potencial humano. A partir daí tive que superar todos os preconceitos e tabus relacionados a mim e a capoeira. Tudo era sempre muito mais difícil. Um dia me chegaram a me propor entre a capoeira e a polícia militar. Respondi imediatamente: - quando entrei na polícia já era um capoeirista e a capoeira fez de mim um bom combatente nas ruas e nas matas.

Com a angústia de continuar fazendo bem feito tanto o trabalho da polícia, quanto da capoeira, chegou o momento que o círculo se fechou e as imposições

continuaram, pois não existia uma polícia comunitária. Contudo, mostra da repercussão do trabalho com a capoeira está no fato de que enquanto tudo isso acontecia, o trabalho ia crescendo, alunos iam se graduando e a tentativa de um diálogo entre a corporação e a capoeira continuava se intensificando. O mestre dizia a seus alunos que a realidade opressora de Arraias só mudaria quando em cada repartição viesse a ter um líder que interpretasse e falasse a linguagem afro-brasileira.

Conta o Mestre que foi aí que algo inusitado aconteceu:

Um dos meus alunos das primeiras turmas assume o Comando da Polícia Militar de Arraias, O Major Edivan de Jesus Silva. Com sua visão ampla, inteligente e altamente capaz de transformar a história da relação entre polícia e comunidade. Lamento ter sido tarde sua vinda, pois no momento da sua chegada eu tinha sido obrigado a fazer a minha escolha. Entre a polícia e a Capoeira, eu fiquei com a Capoeira. (MESTRE FUMAÇA em entrevista, Setembro, 2012).

Esse acontecimento leva-nos a considerar que é mais fácil negar as raízes do que enfrentar o poder da classe dominante. É fácil poder comprovar esse discurso, conhecendo a ficha policial do Mestre Fumaça, que na polícia, seu nome de guerra é o seu sobrenome De Moura. Não se tratava de ser um policial a mais na corporação, mas um policial e capoeirista. Isso fazia toda a diferença.

Diz ainda mais o Mestre:

Muitas vezes fui criticado quando em minhas falas me referia às formas de exclusão e preconceito que enfrento diariamente. Acontece que negros como a mim, já chegaram a me dizer: engraçado, moro aqui a tanto tempo e nunca fui discriminado como você diz que acontece com você. E eu respondo: realmente, se você não se não se manifestar em prol da sua raça, da sua raiz, da sua origem, procurando divulgar suas culturas, e enquanto você não se assume como negro, dizendo ser moreno claro, que não é tão preto assim e se conformar com a predestinação e que tudo é natural, você nunca será discriminado. As coisas continuarão no mesmo lugar. Isso não incomoda e nem promove mudanças.

Fica claro que para enfrentar essa situação é preciso força, coragem, vontade e resistência. E isso é construção, é vivência.

No decorrer do tempo e já conseguindo sobreviver de outra maneira, vai superando gradativamente o preconceito e o racismo e começa a ministrar aulas gratuitas para crianças, adolescentes e jovens da comunidade. Foi um período fértil para a capoeira de Arraias. Era uma grande novidade para todos, pois, a maioria

sequer tinha visto a capoeira, nem mesmo pela televisão que eram poucos que tinham acesso a esse meio de comunicação.

Entretanto, grandes são os desafios encontrados. Dentre eles o fato de que nem todos os alunos daquele tempo tenham conseguido absorver a essência da capoeira, muitos quiseram bagunçar ou atrapalhar as dinâmicas das aulas, com comportamentos que contrariavam os princípios do grupo e da capoeira, exigindo do Mestre uma postura severa em relação a essa situação.

Como a capoeira é uma arte marcial desenvolvida pelos negros que fugiam da escravidão para que se pudesse enfrentar os capitães de mato ao tentarem recapturá-los, por inúmeras situações de desafio semelhante o mestre Fumaça teve que usar sua destreza, vigor físico, inteligência, agilidade e sabedoria para dominar e decidir situações de combate físico e por vezes moral.

Nesse sentido, implantar a capoeira em Arraias, significou superar preconceitos, desafiar padrões preestabelecidos, romper com ideologia imposta secularmente pela classe dominante e enfrentar uma situação de conformismo da comunidade frente ao domínio e manipulação das relações de poder, onde as heranças do coronelismo, do patriarcalismo e do sistema escravocrata ainda eram visivelmente expressivos e encarados com tamanha naturalidade. É neste cenário que a capoeira se constitui em Arraias com toda alegria, ludicidade, mandiga e vontade de fazer a diferença e transformar a realidade da cidade a partir dela mesma, da sua própria história.

No ano de 1993, realizou apresentações de capoeira na FECOARTE²² logo que se instalou a capital Palmas/TO, já com o incentivo da Prefeitura Municipal que dirigia o município na época da criação do estado. Ainda sem asfalto e ultrapassando o rio Palmas²³ em uma balsa, o grupo seguiu com empolgação e percebeu a possibilidade de ampliar a visão de mundo desses meninos e meninas que se prontificaram a fazer a capoeira.

Com ajuda de autoridades do poder público jurídico e militar, que perceberam a importância do grupo para o contexto histórico de Arraias, o Estatuto da Associação foi criado e registrado no Livro A. Nº 03. Fls.64 de Registro de Pessoas Jurídicas sob o número de ordem 019 em 22 de Janeiro de 1997, deixando

²² FECOARTE primeira feira de artesanato do Estado do Tocantins, que reunia artistas do Estado na mais nova capital do País, Palmas Tocantins.

²³ Rio Palmas é um dos principais afluentes do Rio Tocantins e localiza-se entre os Municípios de Arraias, Paranã e Conceição.

claro em seus artigos a abrangência da Associação e a necessidade em primar pelo combate ao racismo, pela valorização das raízes afro-brasileiras, pela cultura local, regional e preservar a Chapada dos Negros de Arraias.

Encontra-se registrado o Estatuto apresentando a seguinte redação:

Artigo 1º: Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN) é sociedade civil assistência, sem finalidade lucrativa, de tempo indeterminado, que congrega interessados na preservação e desenvolvimento da cultura negra, da arte e esporte.

Parágrafo Único- A ACCN tem sede em Arraias/TO e aplicará suas rendas e doações exclusivamente em território nacional.

Artigo 2º- A ACCN, no cumprimento de suas finalidades cuidará especialmente e principalmente de:

- I. Manter, desenvolver e divulgar a capoeira;*
- II. Desenvolver o esporte em geral;*
- III. Divulgar o folclore brasileiro;*
- IV. Buscar mecanismos para preservação e divulgação da Chapada dos Negros de Arraias;*
- V. Propor política de defesa de direitos e interesses da cultura negra e da instituição;*
- VI. Lutar contra toda e qualquer discriminação, em especial as de cor, credo e raça;*
- VII. Não remunerar, nem conceder vantagens ou benefícios a seus membros, instituidores ou equivalentes.*

Deste modo, o grupo passou a ser institucionalizado e a caminhar para o diálogo com as instituições municipal, estadual e federal; conselhos de direitos, comunidades negras rurais e urbanas, unidades escolares e Universidade.

Realizou viagens e excursões com o grupo, participando de eventos culturais em todo o país. Pode-se citar a participação da capoeira de Arraias nos JEB'S (Jogos Estudantis Brasileiros) em João Pessoa, Paraíba, no ano de 1998. Na época os alunos representando o grupo viajaram de avião, conheceram o mar pela primeira vez e trouxeram medalhas como vencedores na categoria.

Outra participação relevante do grupo foi na Cidade de Goiás-Go, que por vários anos representou a cultura afro-brasileira no Encontro Afro-goiano na cidade de Goiás nos anos de 20, viagens que realizou junto a Comunidade Quilombola Kalunga/GO, graças ao trabalho de capoeira que conseguiu implantar naquela comunidade.

Com a necessidade de organizar as ações que eram desenvolvidas e registrar o movimento que acontecia na cidade, o Mestre Fumaça buscou com seus camaradas em Brasília, ideias para melhorar o trabalho que vinha desenvolvendo.

Encontrou na Associação Ladainha, presidida e fundada pelo Mestre Gilvan, a inspiração para registrar seu primeiro projeto que foi chamado de Projeto Iniciar Capoeira. Nele o Mestre Fumaça recebeu título e função de Diretor Regional, passo importante para expandir a capoeira para as demais cidades do entorno de Arraias.

Isso ocorreu antes da divisão territorial que resultou na criação do Estado do Tocantins, por isso hoje em 2012 a Associação continua atuando em dois estados: Goiás e Tocantins.

Em 2007, a Associação Cultural Chapada dos Negros, insere-se nacionalmente como uma Instituição de Referência em trabalho social sustentável com a conquista do título de Vencedor Nacional no Prêmio Itaú-Unicef. Com o slogan, Todos pela Educação. O Prêmio procura dar visibilidade e valorização a organizações da sociedade civil organizada que realiza ações sustentáveis e socioeducativas com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Com a premiação, a associação conseguiu adquirir para seu patrimônio material uma área para construir sua sede própria, situada na entrada da cidade junto à praça da juventude construída recentemente de forma estratégica e ao lado da Associação para fortalecer o movimento infanto-juvenil, incentivar o esporte e o lazer aos moradores da comunidade arraiana e seus visitantes.

No decorrer do ano 2009, foi reconhecida pelo Ministério da Cultura como Ponto de Cultura, por meio de Edital vinculado ao Programa Governamental Federal Mais Cultura e Cultura Viva que contou com o apoio do Governo do Estado do Tocantins por intermédio de suas Secretarias Estaduais da Juventude e dos Esportes, Secretaria da Educação, Secretaria da Cultura e Fundação Cultural.

A proposta que norteia as ações do Ponto de Cultura Associação Cultural Chapada dos Negros utiliza a Capoeira como recurso educativo, através das músicas, cantigas, ladainhas, toques, gestos, danças e rituais, procura-se criar as condições para um verdadeiro encontro educativo, prazeroso e ético.

Criança Capoeira Esporte e Cultura é o nome do projeto piloto das demais ações desenvolvidas. Evidencia o trabalho que realiza com crianças e jovens voltado para a prática cultural e esportiva. Isso traz uma ligação histórica dos seus alunos com a Capoeira e a história do Negro na formação da sociedade brasileira, fortalecendo sua identidade cultural. Trabalha-se simultaneamente, a temática lúdica pelo fato da capoeira ser uma arte que possui a ludicidade em todos os seus movimentos e envolvimento.

Em todas as aulas, sejam elas dentro ou fora dos espaços escolares, procura-se envolver a música o canto, as danças e brincadeiras populares, leitura e escrita, transformando a realidade social de meninos e meninas por meio da arte genuinamente brasileira, fortalecida pelas outras modalidades a ela agregadas.

A ACCN busca interferir e transformar essa realidade. Quanto a essa questão o Mestre Fumaça em entrevista, afirma:

O Projeto justifica-se pela tentativa de dialogar e refletir sobre estas questões e pela necessidade de combater o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e formas correlatas de intolerância. Assim, propor ações concretas de diálogo contra o racismo é contribuir para a construção de alianças e parcerias para superar o isolamento que historicamente tem marcado as ações dos movimentos sociais e a segmentação das políticas públicas, no que se refere à imensa e injusta desigualdade racial no Brasil. Colocar em evidência a cultura afro brasileira a partir da prática da capoeira é uma forma bonita, descontraída e prazerosa de celebrar essa diversidade e divulgar a identidade e cultura negra no município e região (MESTRE FUMAÇA, setembro/2012).

Por envolver vários componentes artísticos, culturais que fazem parte do Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, trata-se de ações cotidianas que desenvolvem atividades rítmicas e artístico cultural com o intuito de evidenciar a beleza das danças e da cultura afro brasileira de modo geral.

“Capoeira é manha de preto velho foi nascida no tempo da escravidão, capoeira levou a raça negra ao caminho de sua libertação, eu vou dizer a você, do fundo do meu coração, essa arte essa luta brasileira, faz o povo vibrar de emoção“.

Ao som destes versos, entoados pelo grupo em coro, executam movimentos ritmados da capoeira regional. A associação, luta pelo tombamento, valorização preservação da Chapada que assim como a capoeira sua preservação é um ato de resistência.

A dança dos jovens capoeiristas e de seu mestre é um símbolo vivo, coreográfico e visual que são os elos que unem o passado com o presente e permite vislumbrar o futuro.

Observamos que o projeto busca desenvolver o gosto pela cultura afro-brasileira, tendo clareza da necessidade e importância de reconhecer, valorizar e acolher identidades plurais, combatendo formas de naturalização do preconceito e desrespeito à vida humana, independente de sexo, cor, gênero, credo, etnia ou nacionalidade. Seus dirigentes acreditam que a organização paulatinamente e de

maneira sustentável, vem colaborando para a superação de mecanismos discriminatórios ou silenciadores das diferenças culturais.

O mestre faz referência ao local que sedia o ponto com muita satisfação, que além de uma conquista e referencia a mais para o grupo, o prédio também faz parte da historia da cidade, por ter sido a sede da antiga cadeia pública, na qual trabalhou como policial militar, e hoje pode ver a transformação do uso do espaço que é revertido em ações sociais de prevenção dos problemas que agravam a vida social.

Na porta do espaço do Ponto de Cultura, consta um *banner* que além de divulgar os parceiros, apresenta duas frases que expressam o significado desse relato:

“Ponto de Cultura Associação Cultural Chapada dos Negros, Cultura viva em prol da identidade (...) nas Palmas da Capoeira”.

E ainda:

“(...) de antiga prisão do corpo e da mente a um espaço de libertação da memória e da palavra”.

Conta com uma equipe de servidores cedidos pelo município e estado, como forma de manter a funcionalidade de algumas ações do Ponto de Cultura. A maioria de suas metas é cumprida fora desse espaço prédio, ou seja, nas ruas, praças e nas unidades escolares.

Em 2010, foi vencedor nacional no Premio da Igualdade Racial, pelo Instituto Criar Brasil e a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial.

Na oportunidade, o grupo foi homenageado no Rio de Janeiro nos dias 05 e 06 de março de 2010, onde recebeu das mãos do ministro da época, Édson Santos e dos dirigentes do Instituto Criar Brasil, o titulo de Vencedor Nacional no Premio da Igualdade Racial passando a fazer parte dos registros impressos daquelas instituições como resistência cultural em prol da promoção da igualdade racial .

Para justificar a existência do Premio da Igualdade Racial, a SEPPIR afirma:

O movimento negro impôs à agenda nacional o tema da inclusão da população descendente de africanos escravizados, em todas as áreas da atividade humana, tendo em vista assegurar-lhe o acesso, em igualdade de oportunidades, aos bens econômicos, culturais e sociais. (REVISTA PALMARES, 2010, p.36).

Consta no caderno de registro da instituição que, no dia 10 de Dezembro de 2010 a ACCN viveu um momento histórico, tendo o seu trabalho e o da pessoa do Mestre Fumaça sendo tema para o Sarau Literário que é realizado anualmente pela Escola Estadual Silva Dourado junto aos alunos do Programa Alfabetização de Jovens e Adultos (EJA). Nele aconteceram momentos que retomam a memória dos ancestrais a partir da história do Município por meio de vídeos, debates e apresentações culturais.

Prosseguindo com o registro da História do grupo de capoeira ACCN, detalharemos um ponto crucial do cotidiano da organização.

Trata-se do momento da culminância de tudo o que é realizado pelo grupo no decorrer de todo o ano, que é a celebração do Dia Nacional da Consciência Negra.

O fato de hoje a festa ter a programação organizada a partir dos elementos da negritude e culturas locais, tem uma trajetória que avançou o nível de sua existência, juntamente com as mudanças de paradigmas estruturadas e construídas por movimentos em fazer da temática afro-brasileira. A esse respeito o Mestre conta no treinamento essa história:

A princípio, tratava-se de uma questão ideologicamente imposta pela classe dominante em que as pessoas aprendiam a comemorar a liberdade do negro no Brasil tendo como marco o dia 13 de maio de 1888, dada em que tardiamente a Princesa Izabel, tida como a redentora, libertou a escravidão. Foi assim que nos ensinaram na escola e na sociedade aproximadamente até a década de 80. O grupo de capoeira nesses tempos festejava o dia 13 de maio, realizava rodas de capoeira e reunia membros negros da comunidade para realizarem apresentações culturais.

Tal como aparece em uma matéria de jornal de circulação regional com data de 1993, vem com o título: Show de capoeira abrilhanta em comemoração ao 13 de maio:

“(…) o município tocantinense de Arraias comemorou com a Abolição da Escravatura, no ultimo dia 13 de maio de 93, dia em que a Princesa Isabel no final do século passado assinou a Lei Aurea, pondo fim à escravidão negreira no Brasil.(…)Após o culto, alguns mestres de capoeira fizeram palestras explicando que os negros escravos na época a utilizavam na verdade, como instrumento de defesa contra seus algozes. Em seguida, os capoeiristas iniciaram suas demonstrações com a dança “Maculelê, oriunda da dança do Pau e que acompanha a capoeira. Do grupo de capoeira participaram 150 pessoas entre moças e rapazes de Campos Belos e Arraias, localizada na região da Chapada dos Negros que, na época da escravidão, abrigou mais de cinco mil negros, constituindo ainda hoje um rico sitio histórico com muitos vestígios do trabalho escravo. Segundo o Mestre em capoeira, Reginaldo, a capoeira além de alimentar a mente,

ajuda a condicionar o físico e ensina aos seus participantes o respeito para com a pessoa humana, além de tirar menores da rua, dando-lhes ocupação, frisou o professor. (jornal Arte e Vida, 1ª quinzena de Maio de 93).

E os capoeiristas na roda seguiam cantando:

“Salve , salve , salve a Princesa Isabel no mundo inteiro, com uma pena em um papel, acabou-se o cativoiro”. (canção de domínio publica).

Não objetivando tirar o mérito do esforço da comunidade, o grupo reconhece que passou por um processo de esclarecimentos ao ponto de saber analisar as ideologias, enganação e jogo de poder que encontra-se explícita na letra da ladainha, que heroiciza a Princesa Isabel a torna a redentora, um mito.

Com essa concepção a cerca da história negada, a ladainha deixou de ser cantada nas rodas, a não ser em palestras como demonstração, trabalho o 13 de maio com outro enfoque e modificou a agenda das suas festividades para o 20 de novembro, por ser Zumbi, o guerreiro que de fato representa a luta dos negros no desejo de liberdade , conseguiu por decreto junto a Gestão Municipal e a Câmara Legislativa , tornar o dia 20 de novembro feriado municipal e as ladainhas cantadas nas rodas ganharam outro conteúdo:

“Dona Isabel que história é essa? De ter feito abolição, de ser princesa boazinha que libertou a escravidão. Eu tô cansado de conversa, tô cansado de ilusão. Abolição se fez com sangue, que inundou esse país. O negro transformou-se em luta, cansado de ser infeliz. Dona Isabel chegou a hora de acabar com essa maldade. De se ensinar pros nossos filhos, o quanto custa a liberdade, viva Zumbi nosso Rei Negro, foi feroz lá em Palmares, viva a cultura desse povo, a liberdade verdadeira, que já corria nos quilombos ai meu Deus já jogava a capoeira, lê viva meu Deus camarada.”

Assim sendo, vai se solidificando o discurso e as práticas socioculturais educativas e a consciência vão se formando.

Todos os anos o grupo realiza em comemoração, Encontros Estaduais de Capoeira do Sudeste do Tocantins e Nordeste de Goiás, com batizados e trocas de cordas, além de uma vasta programação junto às escolas e a comunidade que se fortalece e se consolida a cada ano.

O grupo tem plena convicção e defende a ideia de que a consciência negra tem que ser vislumbrada todos os dias .

Um jornal que circulou na região na década de 90, o sudeste, faz menção ao trabalho desenvolvido pela ACCN, no ano em que Arraias comemorou seus 253 anos, e expressa o seguinte texto:

“No dia 01 de Agosto, Arraias parou para comemorar seus 253 anos. Apesar da idade avançada, mostrou-se em grande forma: esbanjou juventude, alegria e exemplo. Na apresentação do Grupo Chapada dos Negros, formado de crianças carente, Arraias mostrou ao Rio de Janeiro e ao Mundo que é possível integrar meninos de rua à sociedade”. (Sudeste, agosto de 93).

E prossegue:

“Enquanto no Rio de Janeiro, mata-se meninos de rua, em Arraias eles são salvos, graças ao trabalho voluntário de um soldado da Polícia Militar que usa a capoeira como arma de vida. O grupo, que fez parte da programação de aniversário de Arraias, chama-se Chapada dos Negros e é uma criação do soldado da PM Reginaldo Ferreira de Moura, o Mestre Fumaça-nome de Capoeira. O soldado, dedica suas horas vagas –que aliás, são muito poucas, para ensinar a menores carentes na faixa etária de 7 a 18 anos, assim, torna-los capazes de serem úteis a sociedade. Membro do Projeto Iniciar Capoeira, do Mestre Gilvan, Reginaldo é um dos 70 Diretores Regionais espalhados pelo Brasil com a mesma finalidade: integrar meninos e meninas a sociedade através da capoeira”. (Sudeste, agosto de 1993).

A ACCN Diversificou bastante o seu trabalho, possui projetos nas escolas, atua com uma ação específica com mulheres, que é o Projeto Ginga Mulher, movimento feminino inovador em prol da saúde, bem estar e estética corporal, difunde com a melhor idade a capoterapia, uma dinâmica moderna que se iniciou pelo Mestre Gilvan em Brasília e ainda pratica coletivamente a dança Afro, bem como outras manifestações culturais afrobrasileiras.

3.4 Projetos contemporâneos e suas características

A ACCN expressa seus valores por meio de iniciativas incessantes, numa espécie de “cultura viva”, pois suas atividades estão em constante movimento. Nas palavras de Barbosa (1998, p.73), “O trabalho social é aquele que transforma o homem e o meio em que ele vive, instrumentalizando-o para ser promotor do seu e do desenvolvimento do outro”.

Tal dinâmica possibilita que os educandos se percebam como sujeitos que constroem conhecimento e acreditam nessa maneira de conhecer, participam do seu próprio processo educativo e os significados nele atribuídos.

Pela capacidade de diversificação da dinâmica do trabalho, a ACCN possui atividades nas escolas com aulas de capoeira, palestras, mostras de vídeos, oficinas, apresentações culturais e faz parte do Projeto Político Pedagógico de várias escolas.

Diante da necessidade de se atrelar as questões étnico-raciais às de gênero, a associação tem desenvolvido ações voltadas especificamente para as mulheres como o Projeto Ginga Mulher, que envolve a capoeira a outras atividades corporais, e de interação com a comunidade.

No campo das relações étnico-raciais e geracionais, a ACCN tem implementado as sessões de Capoterapia para pessoas da terceira idade, que consiste em oferecer vivências de capoeira adaptadas ao condicionamento físico do idoso, aliados aos conhecimentos acumulados pelos anos de experiências do mesmo, como cantigas, rezas, ditos populares, danças e principalmente valorizando as pessoas e melhorando sua qualidade de vida.

Nesse viés, relacionamos os projetos desenvolvidos no grupo e na comunidade arraiana e suas principais características.

Tabela 1: (Dados dos Projetos)

| Nº | Nome do Projeto | Público alvo | Número de atendidos | Local |
|-----------|------------------------------------|---|------------------------------|---|
| 01 | Criança Capoeira Esporte e Cultura | Crianças, adolescentes e jovens (05 a 18 anos) | Aproximadamente 200 | Arraias, cidades do entorno e comunidades remanescentes de quilombos, espaços públicos. |
| 02 | Capoeira Na Escola | Alunos da Rede pública Estadual e Municipal | 200 alunos (aproximadamente) | Unidades Escolares |
| 03 | Musica Toca a Gente | Alunos da Rede pública Estadual, Municipal e privada. | 30 | Ponto de Cultura |
| 04 | Ginga Mulher | Mães de alunos e mulheres da | 30 | Feira Coberta |

| | | comunidade Arraiana | | |
|----|-----------------------------------|--|--------|--------------------------|
| 05 | Capoterapia e Capoeira Laboral | Comunidade | Grupos | Programas e Instituições |
| 06 | Inclusão Digital Juventude Online | Comunidade | 20 | Ponto de Cultura |
| 07 | Dança Afro | Comunidade | 20 | Ponto de Cultura |
| 08 | Afrobetizar | Alunos da Rede pública Estadual, Municipal e privada | 20 | Ponto de Cultura |

As atividades desenvolvidas em cada um dos projetos arrolados na Tabela são as seguintes:

✓ **1- Projeto Criança Capoeira Esporte e cultura:** Atende aproximadamente 200 alunos em Arraias e região com aulas de capoeira nos espaços públicos. Atualmente as aulas em Arraias acontecem na Feira Coberta nas noites das segundas e quartas-feiras, sendo que às noites de sextas-feiras ocorrem as rodas na praça da matriz. Realiza apresentações de capoeira em escolas e instituições afins. As atividades ocorrem simultaneamente em todas as cidades que compõe o projeto com a ajuda de alunos multiplicadores formados dentro do próprio grupo e inclui as comunidades quilombolas da região. Acontece nas ruas da cidade e procura atender principalmente pessoas que de fato merecem maior atenção;

✓ **2- Projeto Capoeira Na Escola:** Desenvolve atividades com a capoeira e seus conteúdos práticos e teóricos, palestras, minicursos, oficinas e excursões com alunos da comunidade Chapada dos Negros a pontos históricos da cidade. A diferença está na conquista da confiança das escolas. Antes os alunos só jogavam capoeira fora da escola. Hoje a escola oferece apoio a sua prática, algumas incluindo no seu Projeto Político Pedagógico e outras convidando para atividades eventuais.

Ainda falta muito para que o trabalho nas escolas atinja sua qualidade ideal. Para isso é preciso valorização e incentivo aos monitores, aquisição de equipamentos, recursos materiais para as aulas e capacitação profissional, pois ainda não existe uma política pública voltada para a formalização da capoeira e nesse processo a capoeira corre riscos de ser descaracterizada das suas tradições

primitivas, principalmente da liberdade e ludicidade que fundamentam a prática da capoeira fora das academias e dos muros escolares;

✓ **3- Projeto Música Toca a Gente:** Oferece aulas gratuitas de teoria, percepção e prática musical , de violão e voz a crianças , adolescentes e jovens. É um projeto que contagiou a cidade e conseguiu comprar violões de qualidade para o bom funcionamento do projeto. Entretanto, é preciso melhorar as condições de trabalho, pois voluntariamente muitas vezes as aulas ficam comprometidas;

✓ **4- Projeto Ginga Mulher:** É uma atividade exclusiva para mulheres da comunidade arraiana. Oferece Capoeira relacionada a outras vivencias rítmicas que colaboram para a qualidade de vida das integrantes em seus aspectos: físicos, sociais e culturais. Foi criado pensando em mobilizar e ampliar a participação feminina na capoeira, envolver as mães dos alunos(as) e outras mulheres interessadas, incluindo-as no mundo e na linguagem da capoeira;

✓ **5- Projeto Capoterapia e Capoeira Laboral:** a ACCN atende as organizações parceiras e programas afins, em momentos de reunião, encontros, semanas acadêmicas, palestras, eventos culturais, oferecendo o lado lúdico da capoeira para aqueles que não têm ou não tiveram ainda a oportunidade de praticar fora desse contexto. Enfatiza a melhor idade e relembra as cantigas de rodas e outras brincadeiras de outrora relacionados a vivencia do grupo e movimentos de capoeira ao som do berimbau. É a multiplicação de uma inspiração do Mestre Gilvan do Distrito Federal, grupo Ladainha;

✓ **6- Projeto de Inclusão Digital Juventude Online:** no projeto de Inclusão digital Juventude Online, o grupo oferece acesso a cursos básicos de digitação e consulta a internet. Com ajuda de voluntários e estagiários cria e atualiza a página do blog e *facebook*;

✓ **7- Projeto de Dança Chapada-Afro:** oferece treinamentos de dança afro incluindo o maculelê , o samba de roda, a puxada de rede, a dança do fogo e o hip-

hop. Fazem parte meninas e meninos que geralmente têm grande interesse pela dança. O figurino rústico é feito pelo próprio grupo, serve também as unidades escolares em suas apresentações culturais. O grupo realiza também, oficinas junto às escolas, ensinando a fabricar saias para maculelê com uso de corda de sisal. Atualmente os ensaios estão acontecendo somente quando tem alguma apresentação prevista e as aulas de maculelê acontecem junto ao Projeto Criança Capoeira Esporte e Cultura;

✓ **8- O projeto Afrobetizar:** é uma tentativa de inserção da Literatura Afro-brasileira no cotidiano da cidade e procura adquirir bibliografias que retratam o negro sua imagem de forma positiva.

A partir dessas informações, podemos reafirmar que a capoeira como uma manifestação da cultura afro-brasileira e possuidora de uma diversidade de aspectos sociológicos que passam pela história dos africanos e africanas escravizados no Brasil, pelas relações étnico-raciais da sociedade brasileira e ainda pela luta contra o preconceito racial rumo a afirmação dos negros e negras na sociedade, possui um papel de inclusão, pela qual, os integrantes adquirem tonicidade muscular, intelectual e social, estando ligados ao esporte, a música e a dança.

A organização incentiva à formação continuada de instrutores e monitores visando a existência de multiplicadores, a continuidade das ações, a descentralização de funções e das práticas culturais e educativas. Na medida do possível, a ACCN procura estreitar o vínculo com as famílias das crianças e adolescentes, longe do caráter assistencialista, mas a partir do diálogo treino a treino, encaminhamentos circulares, preenchimento de ficha de inscrições e reunião para tomada de decisões. Tudo depende de como a família se envolve com os meninos e meninas e se preocupam com o que eles fazem, diz o mestre:

“Procuramos dialogar com os pais mantendo os informados sobre tudo o que ocorre dentro do projeto, nas escolas e nas ruas, incentivamos a ida deles aos treinos e apresentações. Essa relação é de diálogo e participação recíproca”.

Existe um constante diálogo entre ACCN e as Unidades escolares frequentadas pelas crianças, adolescentes e jovens e no relato do Mestre Fumaça é assim que acontece:

“Antes íamos as escolas como voluntários, ministrar palestras. Hoje as escolas fazem questão de serem parceiras e aparentemente , quase todas

querem o projeto acontecendo dentro dela. Mesmo que no Projeto de rua os alunos são integrantes das escolas, todas só se sentem parte se o projeto acontecer dentro das escolas. Quanto a isso enfrentamos dificuldades para conduzir pela falta de pessoas suficientemente capazes de ministrar aulas em todas as escolas ,o que dificulta para o Mestre e para seus principais alunos que são voluntários e nem sempre poder atender as escolas nos horários que elas solicitam. Precisam trabalhar exaustivamente e não tem tempo para o voluntariado. É uma pena que as unidades escolares não tenham incentivo financeiro para manter esses alunos e quanto a escola tem a oportunidade de escolher alguma modalidade , incentivada pelas políticas do governo , nem todas demonstram preocupação em apoiar a capoeira. Parece até que a capoeira é algo natural, as pessoas já se acostumaram com a presença da capoeira , só pode ser isso, pois ,acabam escolhendo outras que nem sempre estão de acordo com a realidade da cultura local. Mesmo assim, na medida do possível a gente vai fazendo as coisas, conscientes de que é preciso melhorar muito". (MESTRE FUMAÇA em entrevista oral, maio. 2012).

A ACCN, em 2010, concorreu e foi selecionada no programa do MINC (Ministério da cultura), a Bolsa Agente Escola Viva e na Bolsa Agente Cultura Viva. Embora estes programas não tenham sido finalizados devido a questões logísticas do Ministério da Cultura, a ACCN, em virtude da seleção conseguiu inserir, como bolsistas de Capoeira, 7 (sete) alunos das escolas públicas de Arraias, dentre elas a Escola Estadual Agrícola David Aires França e o Colégio Estadual Professora Joana Batista Cordeiro.

As ações acontecem também pelo apoio de parceiros diretos e indiretos de outros segmentos da comunidade, tais como, secretarias municipais, centros esportivos, espaços de atividades culturais, outras ONGs, membros da comunidade ou simpatizantes dos projetos.

Ressalta-se que o fato da instituição ter sido premiada nacionalmente no Premio Itaú Unicef 2007 e chancelados como Pontinhos de Cultura – Ludicidade pelo edital do ano de 2008 e 2010 pelo MINC, a ACCN criou condições para que pudesse estreitar relações com as Políticas Públicas do Governo Federal passando a conhecer as concepções e espaços que o Ministério da Cultura vem oferecendo às organizações.

Com a participação no I Encontro Nacional dos Pontinhos de Cultura em 2009, alguns membros da ACCN tiveram a oportunidade de interagir com outras entidades e conhecer pessoalmente a equipe do MINC.

Chamou-me a atenção o discurso do Secretário de Cultura, Célio Turino, ao parabenizar as instituições que cedem espaços das suas próprias casas para desenvolver ações sociais, pesquisa e difusão cultural. Com o Prêmio Ludicidade conseguimos nos organizar e promover momentos de lazer

entre alunos, além de nos inscrever em outros editais, ao ponto de hoje sermos reconhecidos como Ponto de Cultura". (Depoimento do MESTRE FUMAÇA, ACCN, maio, 2012).

Os projetos da ACCN tem como foco o engajamento no diálogo e reflexão, enfrentamentos no combate ao racismo, a discriminação racial, a xenofobia e formas correlatas de intolerância, a partir de ações, alianças e parcerias para superar o isolamento que historicamente tem marcado os movimentos sociais e a segmentação das políticas públicas, no que se refere à imensa e injusta desigualdade racial no Brasil. Colocar em evidência a cultura afro brasileira a partir da prática da capoeira é uma forma bonita, descontraída e prazerosa de celebrar essa diversidade e divulgar a identidade e cultura negra no município e região.

Esforços desprendidos em prol da Chapada dos Negros podem proteger a memória dos ancestrais. É por essa questão que a ACCN e outros escritores locais, se preocupam em visibilizar a história de pessoas negras, desprovidas de privilégios, alguns deles, serviram como escora para facilitar o dia a dia dos seus senhores, outros simplesmente tiveram a rua como sua casa a não ser que fossem acolhidos por alguma família. A exemplo disso temos o ex-escravo Meleta, Elesbão, muito conhecidos por todos e que permanecem vivos na lembrança da população arraiana. Outros, não tão lembrados, mas que marcaram época, como Canavieira com sua voz impactante, Zé Bidongo, Zabel Sapo, Raimundinho e Cristina, Ana Carabina, Nequinho de Béu, Filho de Cuia, Zé Macarrão, Fumo Ruim, Peba Rancoi, Nego de Zé Tavares, Joca, Malaquias, Tiatoninho saltador e Francisquinho, Cavadador, Alfredo, Maurícia, Coelho, Cula, Maria, Basila, dona Mariinha, entre outros. Além de personagens que ainda andam por Arraias como o Fernandão, Tõe do Ouro Fulô-da-jega, também conhecido por Roberto Carlos, Glorinha, Juá e tantos outros atores sociais que ficaram ou de certa forma ainda encontram-se no anonimato.

A ACCN, também, possui em sua sede o espaço denominado "CapoeiraArte" onde é disponibilizado bibliografias, quadros, certificados, medalhas, troféus, placas, banners, instrumentos da capoeira, peças artesanais, e produções dos alunos na área de Literatura Afro-brasileira.

Com os pais e a comunidade o grupo promove ações corriqueiras ou pontuais como a Capoterapia para a melhor idade, o Projeto Ginga Mulher, capoeira só para mulheres; junto às escolas acontece o Capoeira na Escola; nas comunidades quilombolas, o Projeto criança Capoeira Esporte e Cultura e na zona

urbana acontecem, impreterivelmente às sextas-feiras, rodas de rua. Anualmente acontecem oficinas que incluem festival de danças e cantigas de capoeira, a confecção de bonecas e bonecos negros, minicursos de penteados afros, unhas decorativas, desfile da beleza negra, de toques de instrumentos e ritmos da capoeira, confecção de saias para maculelê e outras ações que retratam a diáspora africana no Brasil.

Conforme consta em registros arquivados na sede, percebemos que a associação é sempre solicitada a participar ou promover ações e eventos em conjuntos com outras instituições tanto em áreas educacionais, como sociais e culturais, os quais são todos registrados e organizados em pastas e encadernações, visando a comprovação da história do grupo, assessorar pesquisas e estudos documentais.

Para desenvolver suas ações a instituição conta com a participação de entidades e indivíduos, tais como: Órgãos públicos, Organizações não governamentais, Instituições culturais, empresas privadas, comerciantes, fazendeiros, bancos, universidades, escolas estaduais, municipais e privadas, gestores públicos, comando da Polícia Militar, secretários municipais e estaduais, lideranças da comunidade, artistas locais e Conselhos.

As viagens e encontros que os integrantes participam são oportunidades que os colocam a frente das situações, por meio de trocas de experiências, tendo a responsabilidade de repassar aos colegas e professores o que vivenciaram.

Os projetos da ACCN tem como foco o engajamento na tentativa de dialogar e refletir sobre estas questões e pela necessidade de combater o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e formas correlatas de intolerância. Assim, propor ações concretas de diálogo contra o racismo é contribuir para a construção de alianças e parcerias para superar o isolamento que historicamente tem marcado as ações dos movimentos sociais e a segmentação das políticas públicas, no que se refere à imensa e injusta desigualdade racial no Brasil. Colocar em evidência a cultura afro-brasileira a partir da prática da capoeira é uma forma bonita, descontraída e prazerosa de celebrar essa diversidade e divulgar a identidade e cultura negra no município e região.

Por envolver vários componentes artísticos, culturais que fazem parte do Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, trata-se de ações cotidianas que desenvolve atividades rítmicas e artístico cultural com o intuito de evidenciar a beleza das

danças e da cultura afro-brasileira de modo geral. Assim o projeto busca desenvolver o gosto pela cultura afro brasileira, tendo clareza da necessidade e importância de se reconhecer, valorizar e acolher identidades plurais, combatendo formas de naturalização do preconceito e desrespeito à vida humana, independente de sexo, cor, gênero, credo, etnia, nacionalidade.

Acredita-se que assim, a ACCN está conseguindo mesmo que paulatinamente, mas de modo sustentável, superar mecanismos discriminatórios ou silenciadores da diversidade cultural.

Como o trabalho é lúdico e desenvolvimento informalmente, com uma certa liberdade (que não deixa de ser responsabilidade tendo em vista os papéis sociais), os alunos sentem-se atraídos. Eles estão lá porque querem e gostam de estar. Não é uma imposição dos pais ou da escola. Mas uma escolha. E isso é que faz toda a diferença. Eles aprendem a entender o outro e sua importância para a compreensão de si mesmo. Sabe que é importante colaborar, ser solidário. Não querem que o projeto se extinga.

Conhecer e difundir com significado e prazer as origens afro brasileiras e desenvolver o gosto artístico por essa cultura é um jeito comprometido de ser uma alternativa de participação social e cultural dos alunos e da comunidade em geral, assim como desenvolver uma proposta educacional interdisciplinar e interinstitucional.

Desse modo, a ACCN se solidificou, sendo que em todas as suas atividades é possível presenciar momentos de descontração e aprendizagem incríveis. Isso modifica a rotina dos alunos e de suas famílias. Ao invés de ficarem andando pelas ruas sem direção, eles vão ao ginásio, ao feirão, a praça e outros espaços trocar experiências.

Um escritor arraiano, ex-aluno do Instituto Nossa Senhora de Lourdes, jornalista do Jornal do Tocantins, Rosalvo Leomeu, demonstra seu olhar para Arraias e faz a diferença para a história da Instituição. Apesar de não residir em Arraias, sempre que possível ele a presenteia com pérolas em forma de narrativa.

Em suas páginas, dedica reportagens sobre o trabalho da associação, destacando sua importância para a formação de valores e conseguiu dar visibilidade ao trabalho na mídia.

Prova disso é o título que ele dá a um dos seus jornais, que por sinal, um dos últimos:

A força da Chapada dos Negros. A Associação Cultural Chapada dos Negros, com sede em Arraias, investe na capoeira e nas tradições arraianas, vira destaque nacional e ganha Prêmio Itaú- UNICEF. (jornal o Tocantins, de 12 a 18 de julho de 2009).

O Mestre Fumaça, ao comentar verbalmente sobre o jornal, orgulhosamente diz:

(...) “Não foi um pedido do grupo. Foi à sensibilidade e a visão do escritor. Graças ao seu trabalho a ACCN, ganhou visibilidade e passou a concorrer nacionalmente a prêmios e editais.

A frente de um grupo de alunos e alunas que simpatizam e se dedicam a capoeira, pode contar com a ajuda de uma boa parte deles no cotidiano da associação. Na medida em que vai formando mais alunos, dos quais, nem todos conseguem se manter frequentes ou dedicados ao universo abrangente da capoeira. Na linguagem do Mestre, “ser capoeirista não é mesmo uma tarefa fácil”, diz isso ao tentar entender como conseguem alunos tão competentes e já graduados, viver longe da capoeira.

Tudo indica que a organização tem como missão, beneficiar crianças adolescentes e jovens em situação de risco social, embora haja abertura para todos que desejam se integrarem ao movimento. Para isso, procura executar ações sérias, que são sistematicamente organizadas em projetos.

Para confirmar a menção acima, diz o Jornal o Tocantins:

(...) beneficiando crianças e adolescentes em risco social, com trabalho sério, dedicado e consistente há mais de uma década, a associação foi reconhecida nacionalmente em 2007 com a conquista do Premio UNICEF-Itaú na categoria micro porte. A chancela de um premio com a marca de um organismo da ONU e de um dos maiores bancos brasileiros, veio mostrar que no interior do Brasil também se desenvolvem trabalhos de alto alcance social e histórico. (LEOMEU ROSALVO. Jornal, julho, 2009 - Anexo II).

A ACCN se expandiu também outras cidades do Sudeste do Tocantins, Nordeste Goiano, incluindo comunidades negras rurais a saber: Novo Alegre, Combinado, Lavandeira, Taguatinga e Aurora do Tocantins, Campos Belos e Monte Alegre de Goiás, comunidades remanescentes de quilombos Lagoa da Pedra em Arraias, Kalunga Goiás em Monte Alegre e Kalunga Mimoso em Arraias -TO.

Tem alunos graduados que representam o grupo com responsabilidade. Dentre eles: Mestrando Testa, o Contramestre Urso Polar, o Professor Foca, o Instrutor Papa Terra e o Tranquilo, coral e o Pé-de-pato , a Professora Pena, a

Graduada Pantera, a Graduada Folha , a Graduada Muriçoca e o Professor Sucuri. Os graduados: Craúna, Ligeiro, Piloto, Neblina Gigante, Mandinga, Coral, Boca, Chaminé, Ligu, César, Zito, Danilo. Todos os apelidos estão relacionados a tradição do capoeirista se esconder das perseguições por trás do seu apelido que é dado pelo seu mestre de acordo com o jeito de ser ou agir de cada pessoa. Temos que lembrar de alguns ex-alunos que de uma maneira ou de outra também contribuíram ou ainda contribuem para com o grupo ACCN: Contra-Mestre Azul, Contra-mestre Salário Mínimo, Graduados: Sujeira, Mandioca, Saringuê, Pixain, Piadinha, Repolho, Assombrado, Quilombola, Lapiseira, Companheiro, Coalhadinha, Carlinhos, Ratim, Guariba, Biloca Grande, Rinoceronte, Vaqueiro, Feião, Estambão, Pisca-pisca, Pebinha, Sabiá, Baratinha, Ventuina, Dandara, Cristalina, Futrica, Josenaldo, Anão, Caioram, Cumbuca, Macaco, Escamoso, Dona Maria, Renata, Dayanne, Ellem e tantos outros,

A Associação conta com parcerias que contribuem tanto com apoio moral quanto logístico para o desenvolvimento dos projetos, embora garantem os dirigentes, “chegar a esse nível não foi tarefa fácil”. Foi resistência cultural. Sobretudo foi insistência, permanência, superação de preconceitos, estereótipos e enfrentamentos diários.

Como a capoeira, possui ladainhas, é assim que o Mestre compara sua luta:

“Trata-se de um lamento, uma batida de porta em porta, com suor, lágrimas, incompreensões, pressões, ameaças , desprezo, descaso, saturação , que continuo realizando os trabalhos e vendo mudar o quadro de nossa cidade e região. Mas ainda é preciso melhorar, estruturar, criar melhores condições de trabalho, garantias de direitos. Penso nos meus alunos e nas gerações futuras, hoje minha luta presente , já é pensando no futuro dos meus alunos e na sustentabilidade , ou a continuidade de toda a nossa luta e trajetória cultural.” (MESTRE FUMAÇA, 2012).

Sobre os espaços que são abertos a associação e a divulgação que hoje é tida em torno da mesma, graças as motivações e apoios ao longo de todos esses anos, o mestre Fumaça diz:

Essas posturas nos dão credibilidade para conseguirmos novas parcerias, porque nós, os capoeiristas em nossas lutas, muitas vezes, enfrentamos a indiferença dos órgãos públicos e da comunidade. Fazem algo e acham que isso é suficiente, quando não muito. Mas o reconhecimento por parte de muitas pessoas físicas ou jurídicas, governamentais ou não-governamentais, mostram a força da Chapada dos Negros , enquanto instituição e berço da cultural local , evidenciando que o nosso trabalho é sério.(Mestre Fumaça, 2012).

Analisando a realidade da instituição, percebe-se a preocupação de tornar a Associação e seus projetos uma referência para as comunidades afrodescendentes, educadores, autoridades e sociedade civil com vistas a implementação de políticas públicas de salvaguarda, a elevação da autoestima da negritude que é maioria da população arraiana e conseqüentemente, sua qualidade de vida.

Mencionando Santos, (2008, p.08):

É sempre fundamental entender os sentidos que uma realidade cultural faz para aqueles que a vivem. Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. (...) Não há superioridade ou inferioridade de culturas ou traços culturais. Existem no entanto, processos historiográficos que as relacionam e estabelecem marcas concretas entre elas. (SANTOS, 2011, p.08).

Para sintetizar as ações anuais que são desenvolvidas e como forma de evidenciar e se inserir ainda mais na proposta com a temática negra, a organização promove encontros de raça negra, remanescentes de quilombos e grupos de capoeira tanto do Estado do Tocantins quanto das demais localidades do país, sempre a cada encontro procurando valorizar os mestres mais antigos e personagens, atores vindos dos nossos ancestrais como expressão da memória e preservação das raízes afro-brasileiras.

Para sintetizar as ações anuais que são desenvolvidas e como forma de evidenciar e se inserir ainda mais na proposta com a temática negra, a organização promove encontros de raça negra, remanescentes de quilombos e grupos de capoeira tanto do Estado do Tocantins quanto das demais localidades do país, sempre a cada encontro procurando valorizar os mestres mais antigos e personagens, atores vindos dos nossos ancestrais como expressão da memória e preservação das raízes afro-brasileiras.

Com o compromisso de culminar suas ações, no ano de 2012, a ACCN, promoveu o seu XVI Encontro Estadual de Capoeira do Sudeste do Tocantins e Nordeste Goiano em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra que trouxe como tema os 35 anos de Capoeira do Mestre Fumaça, no qual ele foi reconhecido e homenageado como Mestre em Cultura Popular, mérito que conquistou por intermédio de Edital por intermédio de Edital promovido pela

Secretaria Estadual de Cultural e Fundação Cultural do Tocantins com incentivo do Fundo Estadual de Cultura, o Prêmio vem intitulado Mestre Juvenal nº 24-2011. Além desse que se trata de pessoa física, foram evidenciados outros três prêmios, sendo dois de Pessoa Jurídica e mais um de pessoa física: São eles:

- ✓ Prêmio Argemiro Pereira Assunção de Apoio a Produção de Eventos Culturais, no qual acontecerá o II Rua da Cultura e a Cultura da Rua-Encontros de Danças, Cantos e Cantigas Afrobrasileiras em Arraias Tocantins;
- ✓ Prêmio Mestre Dió de Apoio a Grupos de Cultura Popular, que fortalecerá o Projeto Criança Capoeira Esporte e Cultura em suas necessidades básicas e urgentes com vistas ao fechamento do ano com a realização do XVI Encontro Estadual de Capoeira;
- ✓ Prêmio Mestre Juvenal de Apoio a Mestres de Cultura Tradicional;
- ✓ Prêmio SECULT de Apoio a Pesquisa Científica na Área da Cultura Tocantinense, que prima pelo resultado desta pesquisa que é o registro da história da capoeira em Arraias.

Ao tentar escrever sintética e sistematicamente a história da ACCN e seus sujeitos sociais, delimitando o tempo entre os idos anos de 1984 até o ano de 2012, sentimos nossa limitação em estreitar uma realidade tão ampla em espaços finitos de palavras.

Fazendo das palavras de Beneduzi (2008):

O patrimônio cultural, instituído como lugar de memória da comunidade contribui nesse processo de reforço da identidade do grupo, criando continuidade temporal e vínculo com o passado coletivo. Nele, as múltiplas leituras de vestígios do passado são marcadas por sensibilidades de sujeitos e de temporalidades históricas e se inserem em processo de sociabilidade. Nesse sentido, as leituras a cerca do patrimônio são também uma forma historicamente construída de ler os sinais sensíveis do passado, representando experiências individuais e/ou coletivas na História. (BENEDUZI, 2008, p.25).

Podemos considerar que a ACCN vem conseguindo trabalhar a capoeira considerando e utilizando seus diversos aspectos, demonstrando assim, uma concepção bastante avançada sobre o potencial desta importante manifestação cultural brasileira. O seu trabalho contribui imensamente com a população de Arraias, e da região sudeste de forma direta, e é uma grande referência para os demais grupos de capoeira do Estado do Tocantins e do Brasil. Todos esses aspectos mostram a seriedade em preservar a história fazendo da capoeira uma

manifestação expressiva da herança cultural, pois, como um grupo de resistência negra no Tocantins e Goiás, preserva tradições e representa um movimento vivo de resgate, memória, identidade e cultura afro-brasileiras nas palmas da capoeira.

3.4 Entre memórias e identidades: as contribuições da capoeira para a Comunidade Arraiana - depoimentos de seus sujeitos.

“Ai que saudade, do tempo de antigamente , quando os mestres se encontravam pra jogar a capoeira, chapéu de palha, o terno todo alinhado, seus sapatos engraxados, que elegância meu irmão. Que tempo bom, tempo que não volta mais, hoje guardo na memória , todos nossos ancestrais , camarada, iê viva meu Deus, lê viva meu Deus camará.”
(Lembranças dos Ancestrais- Mestre Barrão).

A ladainha entoada por capoeiristas, expressam o valor, a seriedade e o respeito a arte , a pratica , aos saberes, aos mestres. Memórias e tempos, ontem e hoje, passado e presente, tradição e modernidade. São elos do campo empírico, ao transitar por diferentes espaços, narrativas de leituras pessoais e coletivas, constitutivas da trajetória biográfica e autobiográfica de cada sujeito. Intentamos estabelecer um diálogo entre saberes, sensibilidades e singularidades no que concerne à busca de formas contemporâneas de fazer educação e promover a cultura.

A afro-brasilidade se inscreve no proposto por Bhaba (1998, p.321), acerca do colonizado. Para ele o discurso do colonizado não só encerra o direito de significar como também questiona o direito de nomeação que é exigido pelo colonizador sobre o próprio colonizado e seu mundo. O autor busca redefinir o processo simbólico através do qual o imaginário social, cultural ou comunitário se torna sujeito do discurso e o objeto da identificação social.

Neste sentido, partimos do princípio de que as discussões e esforços em torno da capoeira, sejam eles quais forem, devem ser realizados em conjunto com os envolvidos diretamente ou com os indivíduos que testemunham sobre a prática em questão.

A capoeira é contra voz à autoridade hegemônica. Ao ser apontada como instrumento de educação para as relações étnico-raciais a proposta de conscientização e valorização da cultura negra local, a partir da capoeira, consolida-se cada vez mais, como se percebe nas afirmação dos sujeitos sociais em

entrevistas semi estruturadas. Algumas delas foram respondidas por escrito, mas prevaleceram as entrevistas orais. Na transcrição do conteúdo procuramos permanecer fiéis à fala original dos atores, extraindo das mesmas os elementos considerados fundamentais para a análise da questão central.

A coleta dos depoimentos foi realizada por intermédio de entrevistas orais e escritas, procurando com esta técnica preservar a maneira própria de cada entrevistando se expressar. Ao longo de todo o processo de análise, as informações empíricas foram interpretadas procurando articulá-las ao conjunto de produções científicas, identificadas para categorizar informações pelo perfil e papel social dos depoentes e suas narrativas foram tomadas como fonte de conhecimento da realidade e das teorias explicativas.

O diálogo com cada depoente tinha como ponto de partida, questões ligadas ao conhecimento ou a ausência dele sobre a capoeira, a história de Arraias e o significado da ACCN para a comunidade,

Nessa perspectiva, cada narrativa exprime envolvimento e respeito pela arte da capoeira. Ideias se convergem para o campo da conscientização, difusão da valorização da cultura negra e da cidadania.

Percebemos nas narrativas de alunos, a motivação em praticar a capoeira. Esse sentimento contagia e transcende barreiras do preconceito. A linguagem da dança transforma-se em instrumento de libertação, o valor da cultura negra abre caminhos para a construção da identidade pessoal e os conhecimentos se revertem em preparação para a vida, isto é, fazer diferente nas diferenças.

Marco Aurélio Martins da Costa (...) mais conhecido pelo seu codinome Urso Polar, é o segundo aluno mais graduado que continua praticando no grupo ACCN, carrega na sua cintura uma corda de contramestre:

Comecei a treinar capoeira em 91 no grupo Chapada dos Negros em Arraias com Mestre Fumaça. Antes eu não tinha nenhum esporte em mente, Graças a Deus a capoeira apareceu na minha vida pra ocupar esse espaço vazio em um momento que eu poderia seguir outra direção de me perdido. É por isso que até hoje faço parte da capoeira neste mesmo grupo que me acolheu, como professor e Contramestre. Junto com o Mestre Fumaça e todo o grupo, seguimos nesse trabalho, mostrando que a capoeira faz a diferença na vida de quem busca o melhor dela. (Contramestre URSO POLAR, 14/10/2012).

Percebemos no discurso do Contramestre, a profundidade de suas palavras que tem na valorização da capoeira e do seu Mestre uma forma séria e prazerosa de crescimento pessoal e inclusão social.

Assim diz Adenil, aluno Multiplicador da capoeira:

“Passei toda minha infância na comunidade Kalunga Mimoso ao lado da Serra do Bom Despacho. Comecei meus estudos. Mas estudar no sertão é desse jeito, sempre o professor tem uma desculpa para que o aluno continue na mesma escola. Depois de ter repetido um ano, meu pai me trouxe para a cidade de Arraias TO para dar continuidade nos estudos mas logo antes de eu me deslocar da casa dos meus pais eu já sabia que tinha um negão falado em toda a região que sua identidade era a capoeira. Ao chegar na cidade logo, logo eu fui visitar o grupo. Que para mim foi mais do que um tesouro e ainda é. Porque hoje tenho 18 anos. Todo capricho, coragem ,responsabilidade, amizade e conhecimento, foram adquiridos nesse grupo que luta muito para colocar tudo isso em prática. Hoje temos uma Associação Cultural Chapada dos Negros, representada pela professora Pena e o Mestre Fumaça que tem um bom exemplo de vida. Eu não sei como agradecer essa equipe de ouro”. (ADENIL, 22/ 07/2012).

A participação do aluno Adenil é vista como uma oportunidade de aprender a lidar com a questão racial e territorial como pessoa.

(...) entendendo que os processos identitários do educador contemporâneo (dentro e fora da escola) incluem a necessidade de aprender a conviver com o diferente, de conhecer as possibilidades atuais, de ser sensível aos contextos, lutas dos saberes e dos variados textos que circulam a sociedade. (ALBUQUERQUE, 2010, p.45).

Romário Xavier Torres, aluno graduado, multiplicador nas escolas e na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra:

“Nasci na comunidade Kalunga Mimoso, tenho 18 anos e aos meus nove anos, vim para a cidade (Arraias) em busca de um estudo melhor porque onde eu morava não tinha. Ao chegar na cidade me deparei com uma roda de capoeira cujo mestre Fumaça me convenceu a ser um capoeirista e com o incentivo total dos meus pais , conheci a partir daí, a magia da capoeira. Desde então comecei a participar da Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN). Através dessa mistura de cultura , dança e arte , conheci várias cidades como Fortaleza (CE), Barreiras(BA), Dianópolis (GO), Palmas (To) e etc. Não só esses tipos de conhecimentos mas sim a história da capoeira que é de suma importância para quem faz parte dela . Atualmente sou somador dessa arte. Entretanto , devo muito ao Mestre Fumaça por segurar esse trabalho tão importante que com certeza sem a capoeira eu não seria essa pessoa que sou hoje”. (ROMÁRIO em entrevista, 22/07/2012).

A militância conforme podemos comprovar no depoimento acima, se dá no envolvimento e comprometimento do educando na absolvição do saber oferecido no ambiente coletivo.

A memória individual não está isolada. Frequentemente toma como referência pontos externo ao sujeito. O suporte em que se apoia a memória individual encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica (HALBWACHS, 2004: pp. 57-9). A vivência em vários grupos desde a infância estaria na base da formação de uma memória autobiográfica, pessoal.

Lucas Rodrigues Santiago, aluno Graduado, multiplicador e estudante universitário do Curso de Pedagogia UFT.

(...) Entrei na capoeira há 15 anos através do meu tio que era aluno do Mestre Fumaça e Instrutor de capoeira na época, conhecido como Pebinha. Eu, no entanto, enxergava a capoeira como diversão e às vezes como obrigação por meu tio me levar todos os dias para os treinos. Passados alguns anos, a capoeira e suas histórias começaram a fazer parte da minha vida, já não era só diversão, tornou-se responsabilidade. E através da capoeira, percebi que tinha habilidades para dançar, cantar e ensinar. Percebi também que a capoeira nos prepara para a vida, mostrando-me os perigos de cada caminho e qual caminho seguir, qual grupo social estou inserido e a quem devo me relacionar como um sujeito social. A capoeira hoje tem uma grande importância na minha vida, pois em todos esses anos, me preparou fisicamente e pessoalmente, a minha personalidade e o meu caráter é fruto de cada treino por mim presenciado. Eu vejo que tenho uma identidade formada, tenho conhecimentos importantíssimos acumulados, não no sentido de guardados, pois sou um multiplicador do que aprendi, hoje sou um professor de capoeira. A Associação Cultural Chapada dos Negros é a responsável por inserir esse conhecimento em minha vida, a sua ferramenta foi e sempre será a capoeira que formará ainda personalidade de muitos nesta sociedade a qual também está inserida.

Observamos que, a relação de Lucas com o movimento social, resultou entre outras conquistas, no seu engajamento como multiplicador da temática afro-brasileira, artística e educacional.

Na voz do aluno multiplicador da Comunidade Quilombola kalunga Mimoso-Kasemy Xavier Torres, conta-nos a sua história de vida e encontro com a arte da seguinte maneira:

(...) nasci na comunidade Mimoso no Município de Arraias/TO. Logo fui para a cidade em busca dos estudos. Desde então, segundo o incentivo do Mestre Fumaça e da professora Silvia (pena), foi aí que comecei a praticar a capoeira e conhecer melhor o valor que ela tem. A partir daí comecei a ver a capoeira de forma diferente e descobri que ela não é só um esporte ou uma luta e sim um meio para converter pessoas, para que não entre no mundo das drogas. Arraias por ter atravessado séculos, hoje a capoeira faz um papel de suma importância na sua história que através da Associação Cultural Chapada dos Negros ela vem ganhando uma forma mais concreta de ser reconhecida como uma cidade histórica. E por isso eu agradeço a

Deus, ao Mestre Fumaça e a Sílvia por ter me incentivado a praticar esse esporte que eu gosto muito que é a capoeira. (KASEMY, 07/07/2012).

Refletindo sobre a história de Kasemy (Coral), percebemos que os caminhos que a capoeira indica para desenvolver a alteridade entre negros e não negros remonta a um passado histórico.

Para além da formação da memória, Halbwachs (2004) aponta que as lembranças podem ser reconstruídas ou simuladas a partir desta vivência em grupo, Isso se comprova nas palavras do Aluno multiplicador nas escolas: César Batista da Costa:

Desde menino, minha vontade era praticar um esporte, que me ajudasse na vida particular, foi então que surgiu um projeto de capoeira dentro da escola estadual, foi aí que eu me identifiquei, comecei a praticar e gostar do que fazia a capoeira. Assim, com um bom desempenho acabei melhorando nos estudos e também no comportamento, as pessoas passaram a me ver como exemplo de uma criança dedicada e que sabia o que queria da vida. Muitos lugares quando viam uma criança como eu, negra, vestida de capoeira logo criticavam já outras aplaudiam o bellissimo trabalho de esporte cultural onde não existe tamanho, cor, raça ou muito menos qualquer outra diferença, um exemplo de combate ao preconceito. Portanto, em uma cidade como Arraias, um movimento como a capoeira é essencial para não deixar uma cultura como a da cidade de Arraias, histórica, antiga, com muitos descendentes quilombolas morrer. Assim, com um grande entendimento temos uma associação privilegiada que ajuda na divulgação de um trabalho artístico como a capoeira. Assim sou eu um capoeirista negro e um cara que sabe fazer a diferença. (CÉSAR, 10/10/2012).

Aluno iniciante Getúlio Ferreira Lopes Barreto e Melo. Estudante da Escola Estadual Professora Joana Batista Cordeiro.

A capoeira em Arraias é uma grande alegria, tem muitos amigos e além de tudo isso tem as grandes viagens que fazem para outras cidades. Muitas pessoas que entram para ela são respeitadas em muitas cidades. Também não é uma pessoa mal falada. Muitos alunos da capoeira sabem tocar vários tipos de instrumentos como o pandeiro, o atabaque, o berimbau. Outros dizem que em Arraias não tem nada. Mas se prestassem atenção, a capoeira em Arraias é a alegria para a comunidade. (Getúlio, 20/06/2012).

Analisando as narrativas dos alunos em relação ao seu encontro com a capoeira, percebemos que os mesmos, trazem em seus relatos, o significado da sua inserção no mundo da capoeira.

Como uma das alternativas para garantia da qualidade de vida da comunidade quilombola, encontra-se a capoeira que é praticada por crianças, adolescentes, jovens e adultos. A esse respeito, o que pensa a comunidade sobre

essa interação, está escrito a partir das contribuições do Presidente da comunidade quilombola Lagoa da Pedra em exercício, Ruimar Farias:

Como quilombola, sabendo da nossa cultura e tradições, da resistência que ainda existe em nossa comunidade, a capoeira é mais um dos pontos de cultura, que preserva e integra toda sociedade. Os que jogam capoeira e os que param para prestigiar o jogo da capoeira. Ainda é cedo para ver o desempenho na comunidade, mas tudo tem que ser trabalhado num período de curto, médio e longo prazo. Vemos também o esforço do Mestre em mandar o substituto para atender os alunos, que todo domingo as 16:00 horas, já sabem do compromisso. Isso faz com que nossos jovens, crianças mantêm e preservem a nossa cultura. Porque se não praticarmos tudo isso que temos de bonito, as nossas culturas podem cair no esquecimento. Com o mundo globalizado, que vivemos hoje corremos o risco de desaparecer, não nó, mas a cultura e ou nossa identidade. Além da saúde é o bem precioso que herdamos dos nossos ancestrais. (RUIMAR DE FARIAS, em 23/09/2012).

Laurentina Santos Sou, nascida na Comunidade Quilombola Kalunga Mimoso, na qual foi uma das suas professoras, hoje é acadêmica no curso de Pedagogia - UFT, Arraias/TO e Estagiária na ACCN em 2012.

Assim descreve o seu modo de pensar a Associação e a Capoeira em Arraias.

O Ponto de Cultura ACCN é um espaço onde podemos crescer moral, pessoal, intelectual e politicamente. Nele, visa-se a interação entre sociedade, crianças, professores, com a participação de alguns voluntários. Mas nem toda a sociedade participa dos projetos oferecidos pela associação cultural, perdendo a oportunidade de conhecer os projetos, participar assiduamente dessa relação entre teoria e prática, e ainda tornar-se um sujeito ativo dentro e diante da sociedade. No quilombo, um dos projetos desenvolvidos com as crianças é a capoeira e com toda dificuldade de se manter, vai resistindo como pode ao longo do tempo.

Vemos no depoimento da acadêmica que a capoeira contagia e interage, transcende barreiras do preconceito, a linguagem transforma-se em instrumento de libertação e abre caminhos pra a construção da identidade pessoal.

Para ampliar as fontes da pesquisa, buscamos conhecer o posicionamento de outros grupos que praticam a capoeira no Estado do Tocantins. Assim a capoeira é retratada na voz e vez de Raphael Alves Vieira da Silva – (Cego) da Academia Terreiro - Palmas/TO:

“A Associação Cultural Chapada dos Negros é pioneira na divulgação da Capoeira e afirmação da cultura negra no estado do Tocantins. O Sr. José Reginaldo Ferreira de Moura, Mestre Fumaça, idealizador e fundador da instituição, é um batalhador incansável pela valorização da cultura afro, trazendo em seu peito depoimentos, palestras e discursos no qual já sentiu

na pele o preconceito de ser negro e através de toda essa discriminação, o mesmo criou sua ação afirmativa para a contribuição a fim de reverter essa imagem social criada para todas as manifestações oriundas dos povos africanos no Brasil.

Através disso o Mestre Fumaça tornou-se referência na capoeira do estado do Tocantins, sendo um dos primeiros a ensinar a capoeira em solo tocantinense, onde desde meados da década de 80 fundou sua escola de capoeira em Arraias e posteriormente em toda região sudeste. Realizou diversos eventos nessa região de extrema grandiosidade, nos quais vieram capoeiristas de todas as partes do Brasil”.

O grupo Terreiro enfatiza ainda a capoeira como agregadora e o trabalho da Instituição um símbolo da resistência, continuidade da cultura negra no estado e confirma a vertente da pesquisa:

(...) Todo esse conjunto produzido pela ACCN colabora de forma muito significativa para a valorização das manifestações afros no Tocantins, e no Brasil, visto que participam pessoas das mais variadas localidades deste nosso país. Muitos grupos de capoeira e pessoas comuns se identificam e desenvolvem atividades baseadas neste aprendizado que a ACCN promove, fazendo com que a instituição e a pessoa do Mestre Fumaça seja considerado um símbolo de resistência, luta, divulgação e perpetuação da cultura negra no Estado do Tocantins. (CEGO, 25/09/2012).

Neste sentido, o Mestre Fumaça conta que, ao receber em Arraias, o Mestre Lobão de São Paulo para ministrar oficinas de capoeira regional durante o XV Encontro Estadual em 2011, ele inicia sua palestra com crianças em uma escola municipal dizendo que “o mal da capoeira foi ter nascido no Brasil”. Ao impactar o grupo e a escola com essa visão, passamos a refletir sobre as imposições culturais e os desafios do capoeirista em persistir na luta iniciada por Zumbi nos quilombos, diz o mestre.

Essa difícil realidade se confirma no depoimento do grupo Terreiro:

(...) No Brasil existe a cultura de elite, e através das mídias é pregado o fator do embranquecimento cultural, ou seja, dar uma maior valorização do que vem de fora, de culturas europeias, reprimindo e dando até um caráter pejorativo para quem pratica manifestações culturais afro-brasileiras. E infelizmente esse poder ataca a todos, inclusive negros que se esquecem de suas raízes culturais e passam a valorizar aquilo que é imposto pela sociedade. A ACCN vem em contraposição a esse embranquecimento cultural, afirmando a valorização da cultura afro na cidade de Arraias e região sudeste do Tocantins, onde nota-se claramente que os alunos e alunas arraianas da ACCN possuem ações e discursos afirmativos do valor da cultura afro, sentindo-se mais orgulhosos de suas raízes, e comprometendo-se a manter esse legado cultural vivo e cada vez mais fortalecido. (CEGO, 2012).

Mestre Geleia – Associação Cultural de Dianópolis/TO, Setembro 2012:

Conheci o Mestre Fumaça em setembro 1992, na cidade de Arraias/TO, onde naquela época ele desenvolvia o Projeto Iniciar Capoeira em parceria com o Mestre Gilvan do Distrito Federal. A Associação cultural Chapada dos Negros, na cidade de Arraias e região é uma entidade de classe que tem como meta principal através de seus projetos socializar e desenvolver a arte da capoeira aos jovens e adultos desta comunidade. A prática de oficinas de capoeira, maculelê, samba de roda, teatro e outras atividades vêm ao encontro do misticismo impregnado ao ambiente mágico que é Arraias, tendo em vista que a mesma foi reduto de escravos que trabalhavam na mineração e pecuária. São várias crianças, jovens e adultos que tem a oportunidade de estarem engajados em uma prática cultural genuinamente brasileira sobre orientação do Mestre Fumaça. O Mestre Fumaça é um grande exemplo de vida para todos nós capoeiristas, pois mesmo tendo passado por problemas sérios de saúde e se não fosse o seu amor pela capoeira, já teria desistido de praticá-la, mas não. Continua firme e solene aos rituais da nossa arte. Parabéns a todos que fazem parte deste grupo do qual também tive a satisfação de ter sido professor por alguns dias, momentos mágicos de minha vida, que ao som dos berimbaus, atabaques, cânticos e ladainhas me fez subir e descer as ladeiras de Arraias sem se quer percebê-las pela tamanha ansiedade de estar nas rodas. (MESTRE GELEIA, 2012).

Para além das instituições democráticas, a existência da ACCN como movimento social é de fundamental importância para a sociedade civil enquanto meio de manifestação e reivindicação. Assim, ex-alunos demonstram marcas deixadas pelas experiências, sobretudo, a persistência e resistência da iniciativa que prioriza o valor da arte e supera limites do próprio tempo:

Oscar de Souza Alves Neto, ex-aluno, professor de Educação Física e pai de aluno:

“Mencionar a capoeira e a ACCN para mim significa começar dizendo que o trabalho da Associação Cultural Chapada dos Negros em Arraias inicia-se com o seguinte fato: O mestre, muito cedo saiu de sua cidade natal, Arraias quando ainda era nordeste do estado de Goiás buscando novos rumos, fixou-se em Brasília. Lá serviu a Pátria e paralelamente a sua atividade militar praticava a capoeira. Pois então, na sua essência está o orgulho de servi sua cidade natal, voltou. Iniciou o trabalho voluntário com a capoeira em 1984, fiz parte da sua primeira turma de capoeira como aluno. E ai iniciou uma grande amizade, em 1989 tive que deixar a pratica da capoeira, mas não a admiração. Passado tantos anos, agora 2012, eu na condição de pai, matriculei um dos meus filhos no projeto de capoeira que o Mestre Fumaça desenvolve há mais de 20 anos. Atuo como professor de Educação Física e preparador físico na Rede Publica Estadual. Hoje somos parceiros”.(OSCAR ,outubro de 2012).

Para Carlos Antônio Alencar Silva (Repolho):

“Entre para a capoeira quando tinha aproximadamente 12 anos. Naquela época era novidade em Arraias e toda criança queria ser capoeirista. Antes

era particular e eu não tinha condições de pagar. Lembro-me que assim que foi aberta a capoeira gratuitamente eram muitos alunos. O meu sentimento pela capoeira é algo que vem de dentro. Não é imposto, mas original. Sinto-me atraído por todas as formas de manifestações culturais ligadas a negritude. Apesar de não ter tanta tinta na pele sei que minha raiz é africana. Às vezes me distraio da capoeira, mas basta ver uma criança usando uniforme ou ouvir um toque de berimbau que me acende novamente a chama do amor pela arte. Me afastei da prática por não conseguir conciliar entre estudo , trabalho , família . Penso que deveria existir um meio do capoeirista ou artista viver pela própria arte. Quando somos crianças podemos tudo. Quando nos tornamos adultos resta-nos poucas opções de lazer e muito menos arte. O que queremos é formar para continuar. Por isso, estou certo que a capoeira é uma forma de resistência. Não é pra qualquer um não. O que achei mais importante na capoeira foram as oportunidades que ela me deu de apresentar no meio das pessoas , me fazendo sentir importante e com orgulho de ser quem eu era apesar de pertencer a classe subalterna. Era quando me sentia mais gente e menos inferior. Não me vejo como um ex capoeirista, pois a capoeira me ajudou e me ensinou a ser quem sou hoje , juntamente com a criação que tive por parte de minha família. A capoeira para mim deve ser aplaudida como um esporte do futuro.

Rubens Soares de Oliveira:

“Fui procurado para participar da pesquisa como ex-aluno da capoeira, mas não é nessa condição que me sinto. Mesmo não estando jogando mais, a capoeira continua fazendo parte de mim e eu ainda me sinto um aluno da capoeira. Continuo aprendendo com o mestre e com o trabalho que é desenvolvido na comunidade. Lutei capoeira com o Mestre Fumaça aluno da 1ª turma, junto com os outros jovens da época entre 1983 a 1985. Conheci a capoeira pessoalmente com o Mestre Fumaça , anterior a isso , já tinha tido contato pelos livros didáticos se não me engano na 6ª série. Pratiquei antes de ir embora para Goiânia. Antes de todos esses anos não tinha capoeira em Arraias e mesmo depois disso , outros grupos que passaram por aqui não persistiram. Em Goiânia não participei mais pois o tempo era escasso. Voltando para Arraias , vejo que essa ideia do Mestre permanece e a ACCN leva a serio tanto que resistiu até hoje. A capoeira em Arraias leva as pessoas a se identificarem e com esse movimento colado na praça para todo mundo ver. Aos poucos as pessoas tem se visto como negras , embora não seja tarefa fácil. É processo sofrido. Ate a pessoa conseguir se olhar de fato como realmente ela é. E a capoeira em Arraias contribui para os jovens terem essa confiança e os que não são negros , os que são mas não afirmam que são e os que não são negros, passaram a respeitar. Vejo a empolgação dos alunos que vestem o seu abadá , pegam seu berimbau e passam em nossa porta indo para o treino tocando , cantando e contando suas experiências com a capoeira. É o meu pensamento”.(RUBENS,09/2012).

Nos momentos de entrevistas com os ex-alunos, vemos a afetividade despertada, junto às lembranças de quando treinavam e as contribuições que a capoeira deixou para sua vivencia após a sua prática. Percebemos ainda, o lamento por tê-la deixado e a esperança de um dia ainda voltar a treinar, ou colaborar de algum modo para sua continuidade.

A capoeira e a ACCN na visão da comunidade, conduz a compreensão do sujeito com toda sua trajetória de busca pessoal e profissional, analisando o que foi significativo para sua formação.

Josimeire da Costa Rodrigues:

(...) Parabenizo aos dirigentes da ACCN pelo trabalho que vem desenvolvendo ao longo desses anos com as crianças, adolescentes, jovens e adultos arraianos. Lembro-me quando eu e minha família chegamos a esta cidade em 1990. Eu e meus irmãos ainda pequenos Onivon, Domingos Flávia e Josenaldo. Conhecemos vocês já preocupados como o futuro dessas crianças. Recordo-me ainda, quando meu irmão Josenaldo, ainda criança pediu minha mãe que o deixasse jogar capoeira. Ela conhecendo o trabalho feito na cidade e aproveitando esse projeto aceitou orgulhosa que seu filho participasse dessa roda do futuro. Levando seus irmãos e também primos. Era um grupo pequeno mas com grande responsabilidade, onde faziam lindas rodas nas ruas da cidade e apresentações em datas comemorativas. O que fez com essas crianças saíssem das ruas e aprendessem mais sobre o respeito ao próximo, conhecendo e se aprimorando da nossa cultura. Também dando oportunidade dessas crianças conhecerem novas cidades e estados e mostrarem seu lindo trabalho. Antes era um grupo pequeno de jovens capoeiristas, hoje sendo uma grande Associação Cultural Chapada dos Negros. Este lugar maravilhoso que estou tendo oportunidade de conhecer que é o Ponto de Cultura da nossa região onde se encontram vários projetos envolvendo a capoeira e outras culturas. (JOSEMEIRE, 09/10/2012).

Joana Balbina Serafim dos Reis:

Acho importante a capoeira para os jovens e adultos. É uma forma de interação. Percebo que as pessoas gostam ,os meninos se envolvem aprendem mais sobre as pessoas negras , que muitas vezes estando fora de tudo elas não conseguem aprender sobre seus direitos e deveres. Assim elas passam, a saber, mais sobre sua cultura e sobre a nação negra. Não tenho filhos na capoeira mas ouço muitos pais falarem que é muito melhor que seus filhos façam sabendo que eles estão com a mente ocupada. (JOANA, 2012).

Celina D" Abadia Rodrigues de Araújo:

Eu morava na zona rural toda a vida. Na fazenda eu ajudava a criar crianças que não tinham como estudar na rua. Então via os meninos comentarem que na cidade tinha capoeira e eu fiquei com aquela curiosidade de como seria, como faziam porque eles gostavam. Então passei a conhecer quando vim para a rua assistindo de vez em quando as apresentações. Vejo na capoeira uma forma de educação, uma correção para as crianças. Torço pela continuidade. É uma forma de educar que Arraias dispõe. Ela reúne várias pessoas em torno de um único objetivo, atende várias idades e tanto homens quanto mulheres podem participar. (JOANA, 2012).

Na avaliação da ACCN feita por educadores e parceiros: acreditam que a capoeira sendo uma atividade coletiva, estimula o diálogo, a disciplina e a solidariedade. Há necessidade de preservar tradições transmitindo conhecimentos de geração em geração pela valorização das práticas:

Celcy Cantoria dos Santos, pedagoga e servidora da educação municipal:

A capoeira é uma forma de lazer e muitos pais não deixam seus filhos fazer ou tirar como castigo. Dizem que a capoeira é violência, com medo dos seus filhos estarem indo pra marginalização. A meu ver ela transforma para melhor a realidade, envolve as pessoas de diversos segmentos, homens e mulheres e os eventos da capoeira trazem turistas e geram serviços para as famílias. (CELCY, 10/2012).

Doracy da Cunha e Silva, acadêmica da UFT Pedagogia e servidora da Educação Municipal:

A capoeira é uma cultura da nossa região. Muitas coisas que o grupo faz que são coisas que nos lembram os nossos antepassados e que até hoje ainda se mantém. Essas tradições que são nossas. Preocupo-me porque vejo muitas de nossas culturas se acabando em varias regiões e aqui graças a Capoeira e outras manifestações, muitas coisas ainda se mantém. Em Arraias ela ainda permanece porque tem alguém que se preocupa em ensinar de geração em geração. Porque se deixar por nossa conta não colocou em prática. Sempre tem que ter um líder, alguém que se dedica aquilo, tem que ter alguém incentivando. A comunidade tem que participar e incentivar pra não deixar perder a originalidade da tradição participando coletivamente. (DORA, 10/2012).

Professor Rodrigo de Almeida Aires - Pedagogo e Biólogo, Professor de humanas na Escola Estadual Agrícola David Aires França:

“Nunca pratiquei capoeira, mas desde muitos anos pude conhecê-la e me tornei um observador da arte por intermédio do Mestre Fumaça. Ele ministrava suas aulas em um galpão cedido aos arredores da minha casa. Pude perceber que inicialmente, o pessoal de Arraias tinha uma visão preconceituosa da capoeira. Mesmo assim, o mestre veio trazendo o trabalho e aos poucos as pessoas puderam ver a importância da capoeira que além de uma atividade física tinha a formação cultural e intelectual dos alunos. Depois com o passar do tempo as pessoas foram percebendo e se matriculando. Mesmo porque Arraias é uma cidade pequena com pouca opção de lazer e a capoeira gerou oportunidades e ajudou muito na formação dos alunos e tirou muitos jovens da condição de risco social e do uso indevido de drogas lícitas e ilícitas. Como educador, vejo a diferença entre o aluno que participa e o que não se envolve com esse tipo de atividade. Penso ainda que o governo e demais parceiros devem apoiar mais essas iniciativas e abraçarem essa causa que beneficia tanto a comunidade quanto da continuidade às tradições afrodescendentes”.

Professor Historiador e Diretor da Escola Estadual Brigadeiro Felipe Jonathas Alencar Marques.

“(...) como educador vejo com bons olhos a existência da ACCN em Arraias, tendo em vista seu trabalho social de grande abrangência em nossa cidade. O Ponto de Cultura e o projeto da capoeira que há anos vem sendo desenvolvido em parceria com as escolas e com a comunidade de maneira geral. Faz com que nossas crianças e jovens desfrutem de horas diárias de lazer aprendendo a arte da capoeira, que ajuda no desenvolvimento dos nossos alunos em vários aspectos, tais como: disciplina, saúde, e cidadania. É visível e notório que a maioria da população em Arraias é negra, visto que somos descendentes diretos de escravos trazidos para nossa cidade para trabalhar em minas de ouro(minas e ruínas que ainda hoje podem ser observadas e estudadas e que levam o mesmo nome da Associação em questão). E é nesse sentido que o trabalho desenvolvido pela Associação Cultural Chapada dos Negros e seus projetos ajudam a população arraiana , em especial a mais carente, a resgatar esta identidade negra que com o tempo é pouco lembrada. A Lei 10639/03 já prevê a inclusão da história da África nos currículos escolares que por diversos motivos ainda não vem sendo trabalha a contento nas escolas, nesse sentido as escolas de Arraias e sua população só tem a ganhar com a capoeira e outros projetos desenvolvidos pela referida Associação. (Arraias, 12 de Setembro/2012).

Izabella Costa Almeida, secretária de cultura e turismo em exercício:

Tenho a compreensão excelente trabalho social e cultural da ACCN para a formação da identidade cultural da comunidade arraiana a partir da capoeira. Essa valorização demonstra o verdadeiro compromisso com história da cidade com relação a arte da capoeira, importam-se fundamentalmente com os valores que buscam transmitir determinação, humildade e respeito, mais do que os benefícios físicos dela decorrentes. No âmbito dos trabalhos da ACCN, ela assume feições educativas, buscando a inclusão das pessoas menos favorecidas através do desenvolvimento de uma expressão cultural que vincula ética, luta, dança e música. Com foco na formação do cidadão, as atividades promovidas pelo grupo e as aulas, integram pessoas de diferentes setores sociais, buscam contribuir no combate ao preconceito de classe e à discriminação racial. (IZABELLA, 27/09/2012).

A concepção que fundamenta o relato da Instituição que representa a cultura no município, nos faz entender a cultura como um conceito antropológico elaborado por Bossi (2010), um processo de construção da realidade que permite que as pessoas vislumbrem eventos, ações, objetos e expressões particulares de modos distintos, dando ainda significados aos comportamentos.

O ponto de vista de mães:

Ao analisarmos o discurso de mães de alunos, percebemos a relação entre os seus pensamentos e a visão de Halbwachs (2004) acerca da memória individual quando o mesmo a refere à existência de uma “intuição sensível”. Lembranças são

constituídas no interior de um grupo. A origem de várias idéias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo.

Conceição, mãe do aluno Lucas Rodrigues Santiago e Servidora da Educação Municipal acompanha seu filho e garante:

Antes eu não dava muita bola pra esse negocio de capoeira não. Mas meu filho entrou desde pequenininho e até hoje já fazendo faculdade ele nunca abandonou a capoeira. Pelo contrario, depois que ele entrou na capoeira ele pode participar de varias apresentações e oportunidades não faltam. Ele faz de tudo, hip-hop, teatro, igreja, é voluntario nas escolas enfim mas sempre a partir da capoeira, com respeito pelos outros e ao mestre. Hoje eu procuro retribuir a capoeira participando de eventos, ajudo a cozinhar para os capoeiristas que vem de fora. É como eu posso retribuir aquilo que a capoeira fez e continua fazendo na vida do meu filho.

Neide Pereira de Moraes, Mãe da Aluna Grasiela, acompanha os benefícios em relação a conduta social da filha , a saúde física ,mental, o desenvolvimento cognoscitivo e a socialização dela com outras pessoas:

“Tive a iniciativa de matricular minha filha na capoeira por vários motivos. O principal deles é que acredito que a capoeira por ser um esporte e atividade física, vai fazer com ela melhore suas dificuldades porque ela tem problemas na sua coordenação motora. A capoeira vai ajudar a minha filha até na escola. Outra coisa é que ela vai aprender a ter compromisso com os treinos, os ensaios e as apresentações na praça. Vai ocupar mais o tempo, pois já passo por problemas depressivos e não quero que minha filha fique triste por minha causa. A capoeira vai ajudar a Grasiela a gostar mais dela mesma. Vejo que o mestre ensina nas aulas não só os golpes, mas ensina também a ter respeito pelos outros. Gosto também das musicas , sempre vejo na praça , acho lindo, o berimbau, é muito bonita essa arte que vem dos negros. Além do mais em Arraias quase não tem nada pra colocar os meninos. Então a capoeira pra mim é uma oportunidade de encaminhar minhas filhas porque tenho outra também que já fez e sofreu porque não pode participar do batizado no ano passado. Sei que a capoeira enfrenta preconceitos e criticas maldosas. mas acho que está mais do que na hora de acabar com isso. As pessoas já sabem que é bom. Eu confio no projeto da Associação, além do mais já estamos no século XXI”. (NEIDE, 05/10/2012).

Para a mãe Vanda Alves Lopes, mãe do aluno Giovani Lopes de Souza Alves:

Matriculamos nosso filho na capoeira porque o esporte ajuda na formação do caráter e para que ele possa fazer uma atividade física. Por recomendação médica ele precisa alongar os tendões. Juntamos os dois lados e encontramos na capoeira a medida certa. É a escola que ele mais gosta e tudo o que ele faz é pra continuar participando das aulas e muito mais das rodas que acontecem na praça. Sou novata em Arraias e vejo

existe uma resistência e um certo descaso por ser o trabalho gratuito. Percebemos que as pessoas que participam são alunos muito carentes e não há muita procura por parte de pessoas em melhor situação econômica. Vemos a dificuldade do Mestre em manter o grupo ativo e pelo que percebemos há uma constante entrada e saída de alunos. Arraias é uma cidade que tem dificuldades em desenvolver certas atitudes e valores. O que me chamou atenção, é que a capoeira por ser algo vinda dos negros, o próprio negro não se apropria. Vejo que o grupo trilha por caminhos de resistência para continuar existindo. É um fenômeno difícil de explicar. Vejo ainda que associação é uma instituição importante e a permanência dela muito mais. Arraias tem raízes africanas e precisa valorizar e interiorizar, assumir que ela tem essas características, para que a partir desse autorreconhecimento, os outros de fora, os governantes a reconheçam como tal. Hoje é mais comum as pessoas dizerem que tem orgulho em ser negro. Não sabemos se é porque realmente se assumem ou se é por interesse nos benefícios que hoje o negro passa a ter por assumir sua etnia. (VANDA, 11/10/2012).

Percebemos na fala da mãe que é a partir do autorreconhecimento individual e coletivo da comunidade que a identidade da cidade vai ser consolidada. Inicialmente partindo dela mesma para que os outros possam ver arraias como uma cidade afrodescendente não apenas pelos registros históricos, mas principalmente pela atitude das pessoas que a habitam. Conhece as dificuldades e barreiras enfrentadas pela instituição e reconhece a sua relevância para a identidade arraiana.

Neste espaço, estão presentes a manifestação dos mais experientes, mestres do ofício que conhecem o mister que a eles e elas foram dados a abranger uma vida inteira. Seus talentos de narrar lhes vem da experiência; sua lição, extraída da dor; sua dignidade é a de contá-la sem medo.

Dona Valeriana, conhecida mais conhecida como Dona Valú, é uma mulher de 92 anos construídos a partir da realidade dura que é a vida nos lugares de difícil acesso como os quilombos. A região do Kalunga Mimoso onde a Dona Valú integra, é próxima a divisa entre o kalunga Mimoso em Arraias e o Kalunga do Monte Alegre de Goiás a aproximadamente 120km da cidade. Ela conta do sofrimento da vida de antigamente e diz que Arraias mudou muito, principalmente depois que a capoeira veio para cá.

“(...) a capoeira me lembra meus pais e minha gente do passado é uma pena que meu povo não a alcançou.”

Ao ser indagada sobre como a capoeira a faz lembrar da sua ancestralidade sem mesmo tê-la conhecido ela responde:

“o que a capoeira me faz lembrar meu povo é a reunião e a alegria que ela tem quando reúne as pessoas fazendo as rodas e cantando ritmos, batuques e as letras das musicas da capoeira me lembra os cantos daquela época.

Seu Domingos Alves da Silva:

Nascido e criado em Arraias, na região do Sapé, é artesão com especialidade em madeira, que além de móveis, consegue transformar qualquer pedaço de madeira em uma obra de arte.

Sua visão sobre Arraias, cultura e a capoeira nos reporta ao pensamento de Bossi (1994) quando ao afirmar que uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente:

“(...) em nossa vida, não temos condições de atravessar muitas gerações. Esse pessoal não tem como achar o saber de quem se passou se nós passarmos o que sabemos e o que nós passamos e Arraias é de origem escrava que negociava montada em lombos de cavalos com cargas indo e vindo da Bahia. A capoeira para nós significa uma reconquista. Ela é antiga no Brasil mas não a tínhamos. Agora com conseguimos essa coisa gostosa que a juventude pode conhecer o que era a antiguidade. É através da capoeira, suça, folia, tambores que vamos conhecer essa origem.

Seu Lindolfo Dias Pereira:

Artesão e folião, confecciona instrumentos para a ACCN. A conversa evocou experiências profundas, repassada de nostalgia e potencialidade do homem que cria cultura e procura transmiti-la para outras gerações:

“Sou nascido no Paraná, na fazenda Imburuçu, mas moro em Arraias a mais de quarenta anos. Aqui era tudo muito parado, sem divertimento. Não tínhamos força pra muita coisa, não tinha papo que gente mais entendida e nem sabíamos que o fazíamos tinha tanta importância assim, a não ser pra nós mesmos. Depois que conheci a capoeira ,quando ela veio pra cá , vi que Arraias foi mudando e muitas coisas diferentes aconteceram por aqui. Pra mim capoeira era roça depois que a gente colhia e largava ela virava capoeira. Dentro da minha casa mesmo vi a mudança quando meu filho passou a fazer capoeira. Depois disso, o Mestre conhecendo meu trabalho com couro e palha, pediu que eu fizesse os pandeiros, as caixas e ou outras peças como o tapiti e o quibano. A capoeira me ajudou a ficar mais entendido e conhecido. A capoeira me leva pros lugares pra falar do que eu sei ou traz pessoas pra aprender comigo. Sempre que alguém visita a nossa cidade , eles vem aqui em casa pra fotografar e mostrar em outros lugares. Arraias ficou mais alegre e hoje temos a quem recorrer. Até pra Palmas já fomos apresentar, eu e meus amigos foliões .Saímos também no livro que fala da Suça do Tocantins. Mudou nosso jeito de ver as coisas e de participar na comunidade acho ela bonita , mas hoje não faço porque já estou velho e não aguento mais”.

Seu Pedro Filu, quando menciona sobre o seu conhecimento a cerca do trabalho social desenvolvido pela capoeira, colabora com a seguinte informação:

A chegada da capoeira em Arraias pode perguntar aquele menino, o Reginaldo. Ele é quem entende mais que eu, foi um divertimento para a população. Vejo a dificuldade que ele enfrenta porque os jovens hoje não estão muito interessados nessas coisas dos mais antigos. Querem é só computador e facilidade. Tenho prazer em assistir aquele gingado, Hoje não vou mais a praça assistir, Mas já fui muito. Hoje só estou lendo. Leio semanalmente, sobre outras coisas, mas sobre isso também quero ler.

Mesmo não tendo aprofundado em tantos outros aspectos que poderíamos ter levantado no momento das entrevistas com os mais vividos, percebemos que suas histórias de vida também trazem marcas dos contextos e uma profunda nostalgia, quando se referiram a prática da capoeira. É como se pedissem desculpas pelo tempo que não viveram, que não alcançaram.

A título de conclusão do capítulo, buscamos percorrer historicamente às origens, a trajetória, e o olhar de sujeitos sociais envolvidos no contexto da formação do grupo. Evidente que essa busca se apresentou de forma limitada, tendo ouvido uma quantidade ínfima de pessoas, registrado informações relevantes, mas conscientes de termos deixado outras vivências e conhecimentos para traz. Essa certeza é que nos motiva a continuarmos pesquisando e incentivando outras iniciativas que possam corroborar para a continuidade da memória histórica e cultural tanto do grupo quanto de outras formas de manifestações de saberes e memórias.

Sabemos que a memória coletiva é pautada na continuidade, e deve ser vista sempre no plural (memórias coletivas), Halbwachs (2004, p.89). Ora, justamente porque a memória de um indivíduo ou de uma nação está na base da formulação de uma identidade, na qual, a continuidade é vista como característica marcante, detalhe.

As entrevistas, as observações, as reflexões que fizemos individual e em grupo, todo o labor da construção da pesquisa, corroboraram para a eficiência da História Oral como instrumento de conhecimento da realidade e das histórias de vida a elas relacionadas. Os sujeitos da pesquisa, seus saberes e ações, foram essenciais para que pudéssemos conhecer a realidade do cotidiano com relação às contribuições das aulas, dos projetos, do envolvimento comunitário, da história do município e da própria trajetória da instituição.

A princípio o que tínhamos sobre o campo pesquisado, eram pressupostos e suposições, com exceção do conhecimento prático e o envolvimento como militante social, Mas a vontade de fazer a diferença nos impulsionou a buscar uma maneira de escrever sobre a realidade descrita nas páginas que antecedem esse parágrafo. Após a experiência da pesquisa, tivemos a possibilidade de agregar outros valores, outras motivações enfrentar os desafios da busca pelo conhecimento. Assim como foi crescendo o número de páginas ao presente texto, de igual modo, também crescia a vontade de concluir o estudo, desta vez, já podendo enxergar lacunas deixadas por este e ao mesmo tempo, um horizonte para o começo de outras iniciativas.

E assim, chegamos ao momento de podermos afirmar que o Ponto de Cultura ACCN é uma prática alternativa, originária da experiência educacional e cultural como entidade negra. São experiências que promovem história, cultura e conscientização da comunidade sobre modos e veículos de produção e reprodução do preconceito e exclusão racial, apontando caminhos para sua superação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer, interpretar e refletir sobre os valores e contravalores que permeiam a prática da capoeira em Arraias, a partir das vivências do grupo de capoeira Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN) e do contexto sócio, histórico e cultural da cidade de Arraias, na nossa perspectiva, contribuiu pra melhor

compreendermos, analisarmos e contextualizarmos nossas leituras e ações a cerca das contribuições da África, do negro e de sua resistência frente ao tratamento sub-humano sofrido durante o período colonial e que ainda sofre, sob outro viés, no período pós-colonial.

Poucos africanos e afrodescendentes conseguiram ascender socialmente, tornando-se conveniente dizer que a escravização marcou os destinos da sociedade brasileira. De fato, a conduta e a mentalidade, os valores dominantes e o comportamento social aqui apresentado, só podem ser entendidos mediante a reflexão sobre a díade escravidão-abolição, haja vista que a súbita equiparação entre negros e brancos legalizada pela República em 1888, não ter destruído imediatamente o conjunto de valores elaborados e herdados do período colonial.

Presenciamos nos dias de hoje, de modo explícito ou subtendido, situações de silêncio e submissão que povoam, cristalizam, formam redes de poderes, cujas implicações podem servir tanto para emergirem vozes, quanto para silenciar, inviabilizar, neutralizar lutas e poderes que possam ter como fundante a equidade étnico-racial e social ao longo do processo histórico.

A capoeira foi tomada como referência, procurando entender as maneiras que a dinâmica dessa manifestação representa efetivamente uma ação educativa aos negros, negras e não negros que dela participam. Nisso consistiu o impulso da pesquisa. Sobretudo pela necessidade do registro e reconhecimento da materialização de elementos identitários nos capoeiristas por meio da alteridade, numa interação entre o universal e o particular, que é muito importante para nos dizer quem somos e como nos apropriamos do saber historicamente produzido.

Meus escritos ganharam outros fluxos. Busquei revelar um pouco mais de mim e dos outros que me cercam, a partir do exercício da escrita de si e do outro. Nas palavras da minha orientadora, Doutora Maria do Espírito Santo, escrever é um ato solitário, tive a sensação do sabor e dissabor, que permeiam a responsabilidade do ato de escrever. Não é tarefa fácil fazer essa leitura que envolve fatores subjetivos e objetivos em determinada realidade social. Mesmo assim, procuramos mergulhar nos arquivos, nas imagens, nas histórias de vida, nos depoimentos e relatos, que foram sendo modelados, procurando preservar a expressão e a vivência de quem os produziram.

Não deixando de relatar que a fundamentação teórica utilizada foi a fonte principal para a realização desta, pela bibliografia disponível, pelos sites

pesquisados, pelas observações feitas na capoeira, nas entrevistas com alunos, comunidade e o mestre, somados a tantos outros adjetivos que poderíamos acrescentar e que contribuiriam de forma somática para esse trabalho.

Em análise, os dados demonstram resultados dos projetos para a comunidade, observados na vida das crianças e adolescentes e suas famílias, pois, constroem capacidades de aprendizagens e habilidades nos diversos campos do conhecimento e repercutem em seus comportamentos em relação a valores e atitudes.

A legitimidade das narrativas, sua concretude, densidade foram suficientes para fornecer subsídios e base para questionarmos, refletirmos a cerca de ideias pré-concebidas e comprovarmos pressupostos, dando espaço para emergir o novo, o que justifica a realização da pesquisa e a torna tão fascinante e necessária a um contexto um tanto enrijecido e repetitivo, em que vem sendo realizada boa parte dos estudos. Evidente que não se trata de um modelo ideal, mas uma dentre muitas possibilidades de lidar com a temática no campo das Ciências Sociais e Humanas.

Os alunos aprendem sobre coisas nos projetos que se diferem do que aprendem em casa, na rua, na escola ou em qualquer outro lugar, evidenciando que não precisam de um só lugar para aprender, mas de vários.

Pais, educadores e comunidade, além de aprenderem a prática da capoeira, suas danças e ritmos, toques de instrumentos, as pessoas que a praticam, são mais ajustadas, participam melhor da vida escolar e social. Os pais veem nos projetos apoio e oportunidade para complementar a educação de seus filhos.

A capoeira é um dispositivo formativo e auto formativo, tanto do ponto de vista intelectual como do ponto de vista pessoal, por meio da qual, as aprendizagens individuais passam pela experiência do outro. Aos poucos, ela foi agregando valores educativos, por existir a partir de práticas coletivamente construídas, ao reconstruir memória e o respeito pelos ancestrais e ainda por fortalecer saberes produzidos pela negritude ao ponto de transformar a realidade individual, social, histórica e cultural da comunidade e nação.

Parafraseando Caldas (1999, p.61), a memória é um desdobramento contínuo e singular que gera vários tipos de identidades. A aprendizagem passa pela experiência e posteriormente se torna narrativa, memória, teoria, no ir e vir das lembranças. Conforme acreditamos, ao realizar os questionamentos mediante as motivações para a realização da pesquisa, a capoeira no Brasil e a capoeira na

cidade de Arraias, tem importante contributo para a construção da identidade das gerações, a valorização das raízes afro-brasileiras e afro-arraianas, para a retomada da memória individual e coletiva, sobretudo para o desenvolvimento social, corporal, cognitivo e cultural do grupo e da comunidade.

Ainda é preciso ressaltar que tecer, entrelaçar vida e profissão é perceber-se num processo único de construção. É se olhar numa dimensão profissional que sofre interferências das demais dimensões e que influenciam o sujeito como pessoa. É permitir-se pela utopia, reviver histórias para inquietar-se na busca por preencher lacunas, transpor limites e superar dificuldades. Quem sabe assim, possamos construir um futuro sólido, consistente e mais qualificado? É nessa dinâmica que os sujeitos vão se percebendo como capazes de continuar tecendo suas histórias quer como pessoa ou profissional.

É certo que vivemos um momento de redefinição e entendimento da identidade no Brasil e através da capoeira podemos mostrar os diferentes eixos que podem ser trabalhados para educar, incluir, reeducar por meio de suas características que resistiram veementemente desde a escravatura.

Deve-se observar por uma ótica voltada para a relevância de que não são apenas traços de ataque e defesa pessoal, mas fatores educativos. É de suma importância conhecer a historiografia, a afro descendência através da capoeira que é um instrumento de muita força e resistência, com todo um contexto histórico.

Ensinar história com história, a cada momento essa importância se ressalta. Utilizar a capoeira como método educativo é quesito chave para aproximação dos conteúdos a realidade do educando.

Vimos também que as tendências de abordagem históricas emergentes possibilitaram uma abertura para estudos sobre diversas categorias e conceitos ao ampliarem áreas de investigação, renovação das metodologias e os marcos conceituais tradicionais apontando para um caráter dinâmico das relações sociais e modificando os paradigmas históricos .

É possível questionar as transformações da sociedade, o significado dos fatos, lutas e gestos cotidianos. Assim, pode-se afirmar que houve um deslocamento do campo do poder e do saber, contribuindo para o desaparecimento progressivo do acontecimento histórico, do fato como foco central de análise.

É pertinente refletirmos sobre determinadas posturas frente práticas culturais arraianas e a capoeira, pensando em reconstruir e rever conceitos equivocados,

desconstruir impressões cristalizadas, preconceitos e julgamentos sem justa causa. Para isso, é preciso conhecer, reconhecer, aproximar-se, engajar-se. Só a partir daí poderemos lançar mão da crítica, da sugestão e do elogio. Valorizar a cultura local e o que ela contém. Isto ou aquilo são práticas culturais, sociais que não devem ser atribuídas somente a uma questão pessoal de seus dirigentes e seguidores, mas como uma oportunidade ímpar, uma riqueza simbólica coletiva da qual todos e todas os/as arraianas podem se orgulhar e dizer: isso lembra a minha terra e a minha terra também sou eu. É uma questão de identidade, raiz, memória e perpetuação de nossa espécie de geração em geração.

Temos a nossa frente, um país que viveu cerca de 388 anos de escravidão e servidão de seres humanos à serviço dos privilegiados, contra apenas 124 anos de abolição que ainda não foi concluída, apenas com uma pena e um papel. Como a expressão do movimento negro. "A princesa Isabel assinou a Lei Áurea, mas esqueceu-se de assinar a carteira de trabalho". É preciso unir esforços pra quebrar as amarras e os elos dessa cruel e bárbara corrente.

Temos ainda mais próxima a nós, uma Arraias com 272 anos de História, que em pouco se diferencia da história vivida por muitos lugares do Brasil em se tratando de igualdade de oportunidade. Temos a Associação Cultural Chapada dos Negros, com 28 anos de história (1984-2012), período difícil de ser cronometrado, pois acreditamos que onde iniciou uma história, já existia dentro dela uma pré-história. Aprendemos que a história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ao lado de uma história escrita, há sempre uma história que se perpetua ou se renova através do tempo.

Acreditamos ainda que Arraias quilombola faz parte da história da associação, assim como faz parte da história de Arraias a associação, que segue insistentemente, tocando seu berimbau, derramando seu suor e esperança, revelando o passado, inovando o presente, projetando o futuro e deixando seu legado para as próximas gerações.

É certo que, após o processo do término da escrita, o ponto nunca é final, as histórias continuam a serem escritas.

Para isso é preciso resistir como os seguidores do Mestre Pastinha, do Mestre Bimba, do Mestre Zumbi e cantar com os capoeiristas: "quem não conhece o grupo e a Chapada dos Negros, venha pra Arraias que você vai conhecer".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, P.R.J. **Capoeira Angola: cultura popular e os jogos dos saberes na roda**. Campinas, SP: UNICAMP/ CMU; Salvador: EDFUB, 2005.

ABREU, Marlene Aparecida Viana. **A Capoeira da Escola: uma abordagem crítica acerca da Cultura afro-brasileira**. Trabalho Escolar (Ensino Médio). Cipotânea-MG, 2007.

ADORNO, Camille. **A arte da capoeira**. 6. ed. Goiânia/Go: Kelps, 1999.

AIRES, Antonio. **Sombras da Liberdade**. 1990.

_____. **Faces de um sonho**. 1991.

ALBUQUERQUE, Ana Paula Trindade. *In*: **Memoriais, Literatura e praticas culturais de leitura**. CORDEIRO, Verbena Maria Rocha, et.al, Salvador: EDUFBA, 2010. 45 p.

ALVAREZ, Gabriel O; SANTOS, Luiz. **Tradições Negras, Políticas Brancas: Previdência Social e População Afro-brasileira**. Brasília: Ministério da Previdência Social – MPS, 2006.

ANJOS, R.S.A.; CYPRIANO A. **Quilombolas: tradições e cultura da resistência**. São Paulo: Aori Comunicação, 2006. 240 p.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Escravidão Negra no Tocantins Colonial: vivências escravistas em Arraias (1739-1800)**. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2007.

BARBOSA, Joaquim G. **A formação em profundidade do educador**. São Carlos: FRCAR, 1998. p.73-87.

BENEDUZI, Luíz Fernando. Patrimônio Cultural, Memória e Identidade: uma leitura de sinais sensíveis do passado. *In*: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). et. al. **Sensibilidades e sociabilidades: perspectivas de pesquisa**. Goiânia: Ed. UCG, 2008. p. 19-27.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. **Ideologia e contraideologia: temas e variações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.157-182.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Vozes, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998. (Art. 13 ADCT).

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual: Temas Transversais**. Vol. 10. Brasília: MEC, 1997.

BRUNES, René. **A arte da inclusão**. Goiânia: Kelps, 2012.

BUENO, Cleyson Raphael Alves. **A lei 10.639/03 no cotidiano da Escola Estadual Silva Dourado**. 2007.

Cadernos de Pesquisa, n. 117, 2002, p. 219.

CALDAS, Alberto. **Linguagens, oralidade, texto e história: para ler a História Oral**. São Paulo: Loyola, 1999.

CARNEIRO, Edson. Singularidades dos quilombos. *In*: MOURA, Clovis. **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001. 378 p.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. **Discurso Autonomista do Tocantins**. 2003.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. **O discurso Autonomista do Tocantins**. São Paulo: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo: São Paulo: 2003.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001, 141 p.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro/RJ: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A operação histórica** *In*: GOFF. Jacques; NORA, Pierre. História (volume I). Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

CORDEIRO, Rosolinda Batista de Abreu. **Arraias suas raízes e sua gente**. 1990.

CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. et.al. **Literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, 2010. 45 p.

COSTA, Magda Suely Pereira. **Educação e cultura de Arraias**. Secretaria de comunicação. Palmas, 2004.

CUNHA JR. Henrique. **África e Diáspora Africana**. Apostila do Curso de Redações Raciais e Sociedade Brasileira. ABREVIDA e Prefeitura de Município de São Paulo, 1991. (Mimeógrafo).

_____. **A História africana na formação de educadores**. Cadernos de apoio ao Ensino. Mariné. 1999, nº6, p.61-77.

DIAS, A. A. **Mandinga, Manha e Malícia**. Salvador, Bahia: EDUFBA, 2006.

DIEHL, Astor Antonio. Cultura **Historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru/SP: EDUSC, 2002. 116 p.

DOURIVAL, Pereira Silva. **O resgate histórico cultural de Arraias nas práticas educativas da Escola Estadual Aopenan de Abreu Teixeira**. Universidade Federal do Tocantins – UFT. CURSO DE PEDAGOGIA, 2011. (Trabalho de Conclusão de Curso).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Grande e Senzala**. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

FUNARI, Pedro Paulo & PELEGRINI, Sandra C.A. **O que é patrimônio cultural imaterial**. Ed. Brasiliense; São Paulo, 2008. (Coleção Primeiros Passos).

GARCIA, Januário. **25 anos 1980-2005: Movimento Negro no Brasil**. 2. Ed. Brasília/DF: Fundação Cultural Palmares, 2008.

GOMES, Nilma Lino. A contribuição dos Negros para o pensamento educacional brasileiro: *In*: SILVA PBG, BARBOSA LMGGA (Orgs). **O pensamento negro em educação: expressões do Movimento Negro**. São Carlos: UFSCAR, 1997.

_____. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. *In*: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001, 87 p.

GONÇALVES, Paulo Rogério. **O território da comunidade quilombola Kalunga do Mimoso**. Palmas/TO: FORDFOUNDATION, APA-TO, 2012.

GONH, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**. Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. SP: Loyola, 1997.

GONH. Revista Brasileira de Educação, v.16.n 47, mai-ago, 2011).

GUIMARÃES, A. S. A. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

_____. **A Memória Coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

_____. **Da Diáspora: identidades e Mediações Culturais**. Sovic, Liv (Org.). Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG Editora, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acessado em: 25 de agosto de 2012.

JACCOUD, Luciana. **A construção de uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos 20 anos/organizadora**. Brasília: IPEA, 2009.

JUNIOR, Euripedes Luiz Ramos. **Identidades, entrevistas e imagens no Jornal “Na polícia e Nas Ruas” do Distrito Federal**. UEG/Formosa/GO, 2009. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. Editora Atlas, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LIMA, Mano; Simão, de Miranda (Org.). **Eu, você e a capoeira**. 1. ed. Brasília: Conhecimento, 2006.

LIMA, Adelmo Pereira. **Capoeira Um Universo de Inspiração**. São Paulo, 2013.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. (Org.) **Pluralidade cultural e Educação**. Ed. Sociedade da Cultura Negra no Brasil. Salvador: SECNEB, 1996.

MACHADO, Luiz Carlos. **Jornal o POPULAR**. Goiânia/GO, 16 de Junho de 2002.

MARQUES, Gabriel. **Da Senzala à Unidade Racial: Uma abordagem da realidade racial no Brasil**. Ed. Planeta, 1996.

MATOS, Maria Izilda de. Estudos de Gênero na Históriografia contemporânea. Cadernos Pagu, Campinas. *In: Memoriais, Literatura e Práticas Culturais de Leitura*. 1998. p. 82-114.

Mestre Gajé, Mestre Valú cz. Música: **Bimba Creador da Regional**. Capoeira Mercado Modelo -. II. (CD-ROM).

MOURA, Clovis. **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió. EDUFAL, 2001. 378 p.

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, 1996.

MUNANGA, Kabenguele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. Ação Educativa; São Paulo: Global, 2006. (Coleção Para Entender).

MUNANGA. Kabenguelle. **Redescutindo a mestiçagem no Brasil: iden-ti-da-de Nacional versus Identidade Negra**. Petrópolis: vozes, 1999.

OLIVEIRA, Iolanda de. (Org.). Et.al. **Negro e Educação**. Escola, Identidades, Cultura e Políticas Públicas. São Paulo: Ação Educativa, ANPEd, 2005.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios**. Campinas, São Paulo. Pontes, 2005.

Padre Zezinho. Música: **DE LÁ DO INTERIOR**. Sol Nascente sol Poente, 1999, nº 03. (CD-ROM).

PARENTE, T. G. **Fundamentos históricos do estado do Tocantins colonial**. Goiânia: Editora da UFG, 1999, p.75-76.

PELEGRINI, Sandra C. A; FUNANI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio imaterial**: Editora brasiliense,2008. (Coleção Primeiros Passos).

PEREIRA ZEZUCA, et.al. **O Tocantins e a UFT em Foco**. Goiânia: Ed. PUC-Goiás, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) et.al. **Sensibilidades e sociabilidades: perspectivas de pesquisa**. Goiânia: Ed. UCG, 2008. p. 19-27.

PINTO, Elisabete Aparecida. **O Serviço Social e a questão étnico-racial (um estudo de sua relação com usuários negros)**. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá. **Três personagens da capoeira baiana**. Núcleo de estudos Afro-brasileiros do Tocantins. Goiânia: NEAB, 2002.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

PRADO Jr. C. **Evolução Política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

QUEIROZ, M.I.P.de Relatos orais: do indizível ao dizível. *In*: VON, Simson (Org.). **Experimentos com Histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vertice, Editora Revista das tribunas, 1988. (Enciclopédia Aberta).

RAMALHO, Anita. **Relembrando**. 2012, p.55.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola-Ensaio Sócio-Etnografico**. Salvador: Itapoan,1968.

REIMER, Ivone Richter. **Trabalhos acadêmicos, normas e conteúdos**. São Leopoldo: Uivos, 2012.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

Revista Palmares, Cultura Afro-brasileira. Ano VI Numero 06 – Março, 2010, p.36.

RODRIGUES, Jean Carlos. **O espaço de representação tocantinense**. Professor do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Araguaína, Tocantins, Brasil.

RODRIGUES, Tatiane Consentino. (2005. p.251). *In: Negro e educação: escola, identidades, cultura e políticas públicas*. Organizado por: Iolanda Oliveira. et. al. São Paulo: Ação educativa ANPED, 2005.

ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção e uma autoestima positiva no educando negro. *In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.)*. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001,161 p.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína*. **Usos e Abusos da História Oral**. RJ: FGV, 2002, p. 95.

SANSONE, Livio. **O local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Rio de Janeiro/Salvador: Palhas/EDUFBA, 2004, p. 7-36.

SANTOS, José Luiz Dos. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. 08 p. (Coleção Primeiros Passos).

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas Atuais. *In: BRESCINI, Stella; NAXARA, Marcia (Orgs.)*. **Memória e (Res) Sentimento: Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Unicamp, 2004.

SILVA, Elivânia Ferreira da. **A capoeira como processo educativo**. Universidade Federal do Tocantins – UFT. Curso de Pedagogia, 2010. (Trabalho de Conclusão de Curso).

SILVA, Jean Adriano Barros da. **Importância da capoeira no desenvolvimento da cultura corporal na Educação Infantil**. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino da Educação Física Escolar) – Universidade do Estado da Bahia. Salvador – BA, 2003. Disponível em: <http://portaldacapoeira.com/wiki/>. Acessado em: 12 de setembro de 2012.

SILVA, Otávio Barros da. **Breve História do Tocantins e de sua gente – Uma luta secular**. 2. ed. Solo Editores, 1997.

SILVÉRIO, V. R. **Ação Afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil**. Cadernos de Pesquisa, n. 117, Nov.2002, p. 219-246.

SOARES, Carlos Eugênio Líbanêo. **A capoeira e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo; Unicamp, 2004.

VAINFAS, Ronaldo. **Ideologia e Escravidão – os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial**. Petrópolis: Vozes, 1986, 35 p. (História Brasileira).

VEILTON, G. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1986.

VIEIRA, Sérgio Luiz de Souza. **Da capoeira: Como matriz cultural**. PUC-SP, 2004. (tese de doutorado).

WEIL, Simone. **O enraizamento**. Bauru, SP: EDUSC, 2001. Trad. Maria Leonor Loureiro. 274 p. (coleção Mulher). Cultura e desenraizamento. Ecleia Bosi. *In*: Bosi, Alfredo Cultura brasileira.

Links acessados:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Zumbi_dos_Palmares. (Acessado em: 18 de agosto de 2012).

<http://www.bolsadearte.com>. (Acessado em: 06 de setembro de 2012).

APÊNDICES

Apêndice A – **Jornal do Tocantins/História Viva/junho 2003**

Historia Viva

cor hece mais dados sobre Theotônio Segurado

Mãos em



Mãos facha e Visão de Alto examinam o inventário do brigadeiro

Registro de Manoel Theotônio Segurado, o político que viveu em Arraias nos anos 20 do século passado, e contato com a família dele, Maria Barreto, de 84 anos, são as mais recentes informações sobre o Ovidor na cidade

Procurando novos dados para o projeto *Visão de Alto*, a comissão pesquisou pela primeira vez em Arraias o Arquivo do Estado no último sábado. Sob o olhar de Joaquim Theotônio Segurado, emérito no conselho local, registros de Manoel Theotônio Segurado, que viveu na cidade entre os anos 20 da década passada. Desde então, vive na cidade a avó de Manoel, Maria Barreto, 84 anos, próxima descendente do Ovidor. Para os membros do conselho, as informações são importantes e a pesquisa a começar a seguir.

Sobre a diversificação da capital de Cavaloense para Arraias, entre dados pesquisados, foi o primeiro nos arquivos da cidade. A respeito do brigadeiro Felipe Antônio Cardoso, o jornalista Luis Tapaludo de Cavaloense e historiadora Vagner Amorim responderam pelo levantamento político, responderam quem o livro.

Além de várias descendentes vivas, o brigadeiro é referência em Arraias e entre os descendentes, está o pastor local Joaquim de São Batista (77), Felipe em Arraias. Certo dado importante encontrado, foi em relação a quantidade de filhos do brigadeiro. Em três quartos e meio cinco anos, alguns historiadores já publicaram.

Caporita mostra habilidade em arrebato



Arraias

Com 20 anos, Arraias tem uma população de 11 mil habitantes. Candeia pela São Geral, o município surgiu no ciclo da ouro. Canoeiros e mais atividades passaram caracterizadas do período colonial. A cultura mantém esse e esse da cultura negra, um dos pilares da formação local.

A Associação Cultural de Cavaloense de Arraias, entidade sem fins lucrativos, realiza um trabalho e resistência cultural, publicando crianças e adolescentes por meio da atividade de teatro de expressão, com aulas gratuitas. Parceria com José Reginaldo Ferreira de Moura, o mestre Jimena, e associação de em trabalho e doutrina para 120 alunos, a banda de Arraias, a cultura local, dita na capoeira e higiene pessoal.

HISTÓRIA

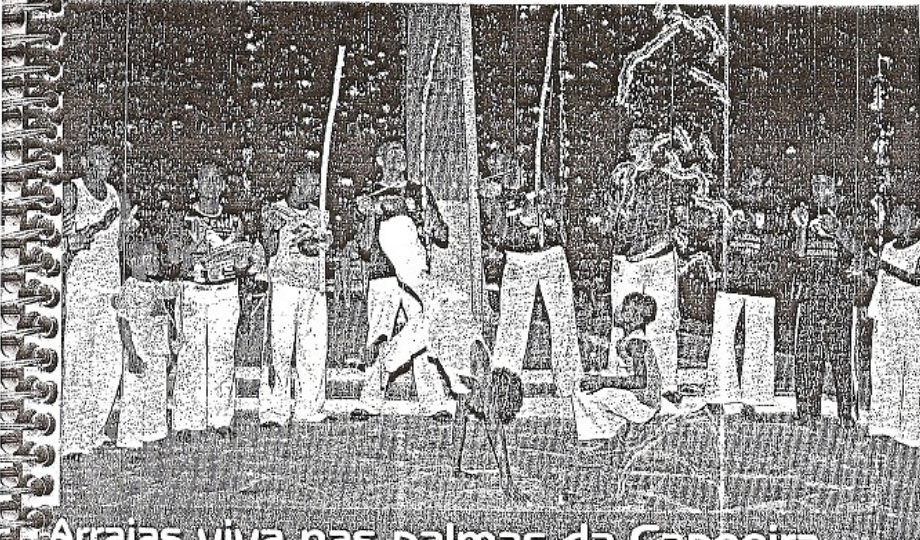
Considerado precursor da independência político-cultural, Felipe Antônio Cardoso participou ativamente do movimento para depois o capitão geral Manoel Sampaio da Capitania de Goiás, em 1821, juntamente com o padre Luís Rodrigues Marques. O plano foi desafiado e por ordem da Coroa Portuguesa os filhos deviam ser presos. Felipe Antônio Cardoso teve se refugiado em sua fazenda de nome São João em Arraias, hoje Monte Alegre (GO), vivendo por lá até por volta de 1823.

Nome: Theotônio Segurado
Idade: 84 anos
Vida: 1903-1988
Quanto: 85 anos

Jornal de Tocantins - 2008 3
 Junho 103

ANO VII - Nº 32
Julho/Agosto de 2008
ISSN 1982-5129

EDUCAÇÃO



Arraias viva nas palmas da Capoeira

Resgate é valorização da cultura, força e história de um povo

"Quem olha para Arraias (TO), sabe que a cidade foi palco de anos de escravidão negra", conta Sílvia Adriane, coordenadora da Associação Cultural Chapada dos Negros, uma das ONGs vencedoras do Prêmio Itaú-Unicef 2007. O município histórico de pouco mais de 15 mil habitantes, além dos traços arqueológicos, das casas coloniais e dos quilombos, é predominantemente negro. "Por muito tempo, os habitantes daqui negavam sua cor e sua origem. Não assumiam-se negros por conta da escravidão", explica Sílvia.

Foi neste contexto que Mestre Fumaça, depois de encantar-se e aprender a capoeira em Brasília, decidiu levar a arte afro-brasileira para Arraias, sua cidade. "Em 1985, quando começou a ensinar o que sabia, ninguém tinha sequer ouvido falar em capoeira por aqui. No início, Mestre Fumaça enfrentou resistência da população".

Sem desistir e militando pela causa, ele, junto com outros capoeiristas, ensinaram que a arte está para além do toque do berimbau e do gingado. Em Arraias, no meio da praça, a capoeira mantém a cultura e a cidade viva. Nos fins-de-semana de roda, as pessoas se juntam, conversam, batem palma, cantam, comem pipoca. "A capoeira é agregadora, movimenta o comércio, é o lazer de nosso município. Quando não há roda no meio da praça, tudo fica mais pacato", comenta Sílvia.

Mais de 400 crianças e outras centenas de adolescentes e jovens frequentam a Associação e aprendem a ser capoeiristas, tocar e fabricar os instrumentos e a valorizar sua origem. "Eu mesma só fui aprender sobre a escravidão e a resistência negra depois que Mestre Fumaça trouxe para cá a capoeira, com meus 18 anos", garante Sílvia. Hoje, quem nasce em Arraias tem a oportunidade de cons-

truir uma história diferente desde os primeiros anos de vida. "As crianças começam com dois anos a gingar a capoeira."

A capoeira foi reconhecida e registrada como patrimônio cultural brasileiro pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – em julho deste ano. O registro, além da valorização dessa importante manifestação cultural afro-descendente e do reconhecimento aos mestres da capoeira, é o instrumento legal que assegura a preservação do patrimônio cultural imaterial no Brasil. Após o registro, é possível elaborar projetos e políticas públicas para a preservação e continuidade da manifestação. O IPHAN reconhece que a divulgação e prática dessa atividade em mais de 150 países se deve à habilidade educadora dos mestres da capoeira.

Foto: Roda de capoeira na praça de Arraias reúne homens, mulheres e crianças de idades, cores, crianças e etnias diversas.

PARTICIPACÃO

Iniciativa:

Itaú Social

unicef

Coordenação:

CENPEC

SE DUC - TO 26/02/08 (ACCN)

Projeto preserva cultura quilombola em Arraias
Projeto preserva cultura quilombola em Arraias

Por João Lino Cavalcante

26 de fevereiro de 2008



Os quilombolas são descendentes de escravos negros cujos antepassados no período da escravidão fugiram dos engenhos de cana-de-açúcar para formar os agrupamentos de refugiados e de resistência chamados de quilombos. Hoje em dia as sociedades quilombolas têm encontrado dificuldades para manter vivas sua cultura e suas tradições, que muitas vezes esbarram nas relações econômicas praticadas atualmente. No Tocantins são reconhecidas, oficialmente, 15 comunidades quilombolas espalhadas pelo território estadual.

Na luta para manter e valorizar a cultura afro-brasileira, em Arraias funciona o Projeto Criança Capoeira Esporte e Cultura, desenvolvido pela Associação Cultural Chapada dos Negros em parceria com a Seduc - Secretaria da Educação e Cultura. O projeto atende a 295 crianças e adolescentes da região, numa área onde vivem populações afro-descendentes que trabalhavam na exploração do ouro. As atividades se desenvolvem em municípios pequenos cuja população tem baixa escolaridade.

Seu objetivo é promover a conscientização, mobilização, o resgate cultural, a preservação do patrimônio histórico imaterial e a integração de crianças e jovens em situação de risco social, por meio da prática da capoeira. Pretende-se com esse projeto ser referência para as comunidades afro-descendentes, elevando sua auto-estima e a qualidade de vida.

A Associação Cultural Chapada dos Negros foi criada em Arraias, cidade histórica do estado de Tocantins, onde vivem duas comunidades quilombolas - Lagoa da Pedra e Kalunga Mimoso. A partir da constatação da importância de crianças e adolescentes valorizarem sua origem negra e pela história de seu povo, a organização criou o Projeto Criança Capoeira Esporte e Cultura.

Reconhecimento

O projeto foi vencedor do Prêmio Itaú-Unicef 2007 na categoria Micro, Pequeno e Médio Empreendimento Nacional de todo o país. O Prêmio Itaú-Unicef foi criado pela Fundação Itaú Social e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) para reconhecer e estimular o trabalho de organizações que contribuam para a educação integral de crianças e adolescentes brasileiros de 6 a 18 anos em condições de vulnerabilidade socioeconômica, estimulando seu ingresso, regresso, permanência, aprendizagem e participação na escola.

< Anterior [Voltar] Próximo >

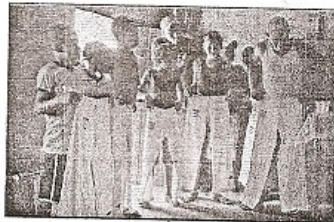
Últimas Notícias

- Capes abre inscrições para cooperação França-América do Sul
- Educadoras serão homenageadas nesta quinta-feira
- Blog incentiva o debate sobre educação
- Seduc lança "Prêmio Escola Conunitária do Tocantins"
- Servidores da Seduc conhecem programas em Goiânia
- Técnicos da Seduc ministram curso em Porto Alegre
- Seduc estimula reciclagem de papel
- Programa Gestar capacita professoras em Palmas
- Escola Estadual São José recebe visita de diretor britânico
- Abertas as inscrições para a Olimpíada de Língua Portuguesa
- Seduc destina 30 mil Kits do Projeto Viver de Cara Limpa para as escolas
- Diretor britânico visita escola de Palmas nesta sexta-feira
- Professora Dorinha se reúne com Diretores Regionais de Ensino
- Concurso de Redação é lançado em Palmas
- Profissional realiza encontro de socialização em Palmas
- Pré-selecionados do ProUni têm até hoje para comprovar dados
- Capes abre inscrição para Programa de Intercâmbio Brasil-França
- Escola Estadual Costa e Silva recebe visita de diretor britânico
- Caldeirão do Huck - Estudante tocantinense ocorre neste sábado
- Projeto Viver de Cara Limpa terá lançamento nacional no Tocantins

Projeto Criança Capoeira Esporte e Cultura

Associação Cultural Chapada dos Negros: Resgate histórico, saúde e cultura nas gingas da capoeira

Quando Sílvia Adriane, uma das coordenadoras da Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN), afirma que na sua família "a capoeira é tudo", ela não está utilizando mera força de expressão. Desde 1985, quando seu marido, José Reginaldo – por todos conhecido por Mestre Fumaça – criou a entidade, a família Moura vive dia e noite, no corpo e na alma, a força dessa tradição esportiva e cultural trazida com os negros da África. A ACCN está localizada em Arraias, interior de Tocantins, uma cidade histórica de quase 270 anos, construída pelas mãos fortes e sofridas dos escravos africanos. Por isso, a capoeira significa para a população da cidade e entorno o resgate de um relato corporal ancestral, representativo da cultura de seu povo. As canções sobre a dura vida de escravo são entoadas ao som do berimbau e embalam as gingas dos capoeiristas, sejam eles homens ou mulheres, estudantes ou aposentados, crianças ou idosos.



relaxamento que utiliza os movimentos da capoeira para manter corpo e mente saudáveis; em uma quadra pública de Arraias acontecem os encontros semanais do projeto "Ginga Mulher", que reúne mulheres de todas as faixas etárias em torno da prática dos movimentos da capoeira e da discussão das questões de gênero.

Além disso, a iniciativa participa ativamente das festividades da cidade e das datas comemorativas da cultura negra, mais oportunidades para a Associação ser reconhecida publicamente como representante da resistência negra e do resgate de sua história. A ACCN recentemente se tornou um Ponto de Cultura (Ministério da Cultura), ampliando suas ações para a área da inclusão digital, cursos de dança afro, apresentações artísticas, entre outras.

As diversas atividades da Associação ultrapassam as fronteiras de Arraias, atingindo outros dez municípios de Tocantins e norte de Goiás, incluindo três comunidades quilombolas rurais. Nesses locais se comprova o potencial de multiplicação do projeto: lá os alunos se ocupam em dar continuidade às ações iniciadas pelo Mestre, vivendo e convivendo com os remanescentes de quilombos. O projeto possui várias vertentes: para as crianças, adolescentes e jovens, a ACCN desenvolve a prática da capoeira em parceria com escolas públicas, inclusive rurais, despertando a musicalidade, expressividade, espacialidade, domínio corporal, disciplina e a coletividade; para a "melhor idade", o projeto desenvolve a chamada "Capoterapia", uma técnica esportiva e de

Replicação do projeto

A capoeira é hoje reconhecida como patrimônio histórico e artístico nacional, capaz de agregar pessoas, incentivar o turismo, gerar sustentabilidade e conscientização. É uma prática difundida e conhecida no Brasil, mas pouco explorada em suas capacidades. O exemplo da ACCN demonstra que, com criatividade e disposição, é possível utilizar a capoeira para uma multiplicidade de atividades, abrangendo todas as faixas etárias e grupos sociais. Destacam-se também as técnicas de multiplicação e de continuidade do projeto, baseadas no estímulo ao protagonismo dos alunos, possíveis futuros replicadores das ações. ✱

Almanaque Cultural - To

Coisas da Terra



João Portelinha - angolano, membro da Academia Palmense de Letras, é professor de Direito da Uniltins

Sentir a Terra nas Vozes Populares

... Aos meus colegas, meus compatriotas...

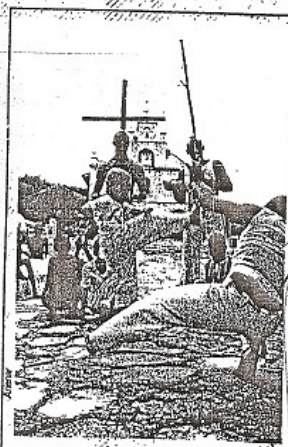
Esta coisa de as mesmas palavras terem significados diferentes acontece em muitos lugares e muitos idiomas.

Por exemplo, o *chopê* do Brasil, em alguns lugares de Portugal é o *finô*, noutros, *imperial* ou simplesmente *cerveja a copo*. Em Angola, a cerveja grande, em garrafa, chama-se *tubiacanga*. Não me admira também termos duas praças em Luanda (no Brasil existe também uma cidade chamada Loanda) com o nome de *Trapalhões*, *Benjo*, *Salu* e *Roque Santeiro* - esta última a maior de África, segundo alguns...

Um dado interessante é que os *calungas* (Goiás e Tocantins) que formaram um *quilombo*: remanescentes de negros alforriados e foragidos falam um dialeto parecido com algumas línguas de Angola. A palavra *Kalunga* (é assim em Angola) que quer dizer em algumas línguas vernáculas angolanas, *Deus*, significa também *mar*, em outras regiões. Em alguns lugares do Brasil é boneca de brinquedo ou *vudu*, boneco-personagem de dança (maracatu), ou nome que os pilotos dão a um mapa de orientação. A palavra *quilombo* em Angola significa *albino*.

A palavra *desbundar*, que em alguns lugares da Angola significa *levantar-se da cadeira ou dançar*, noutros como, por exemplo, no *Huambo* (ângola), significa *yubar*. No Brasil, já

encontrei a palavra com o significado de *deslumbrar*. Também a palavra angolana *muamba*, que é o nome de um prato tradicional angolano e baiano, em alguns lugares do Brasil,



A Associação Cultural Chapada dos Negros, de Arraias (foto), trabalha a consciência negra e a tradição de uma das danças mais cultuadas no Brasil: a *capoeira*, que veio de Angola



João Portelinha é professor de Direito da Uniltins

como, por exemplo, no Tocantins, tem o sentido de *contrabando*. Para os angolanos, contrabando é *Candonga*. E *candonga*, no Brasil, pode significar *mexericô*, *intriça* e também *carinho* ou *adulação*... dependendo da região.

Interessante é que ainda hoje me engano quanto peço uma *lapiseira* ou *esferográfica* (a mesma coisa em Angola). No Brasil, *esferográfica* é um tipo de caneta (sem pena). Caneta para nós só a que leva tinta do tinteiro. *Lapiseira* significa o nosso porta-minas.

Em tempo, levar tinta, em linguagem escolar brasileira, significa ser reprovado. O inarredável *quingombó* é o *quiabo*, a teimosa *jinguba* é o amendoim. A *batata rena*, que é deste continente sul-americano - estranhamente o brasileiro chama de *batata inglesa*! Mas, como gosto muito de batata, pouco me importa sua origem...

O nosso infalível *semba*, com outro requinte, no Brasil metamorfoseou-se para *samba*. O *fado*, que dizem ser dos lusos, já se discute se a sua origem não é brasileira... Não sei o que sobra para os nossos avôcos doutro lado do mar. Alguns estudiosos afirmam de fato ter o *fado* nascido no Brasil. Em compensação, acrescentam, o *frevô* teria nascido em Portugal.

A *capoeira* de Angola chama-se *angola N'golo* que quer dizer *zebra*. Os *calungas* praticam muito bem o *N'golo*. Também a palavra *m'burubumba*, talvez de difícil pronúncia para os brasileiros, ao meu ver deu origem à palavra *berimbau* no Brasil.

O livro *Mangaratiba*, do meu amigo Juarez Moreira Filho, oferece-nos alguns subsídios valiosos do linguajar sertanejo, no realismo tocantinense. Como: "*matutagem de vaca*", *Buguelos de cabeceira*", "*ficava a cuspalhar*"... Coincidentemente, temos as mesmas expressões em alguns lugares de Angola com o mesmo significado. E por fim... *Ohi* - planta-chiclete dos baianos, para eterna mastigação, é a nossa cola e: "*Quem come cola, fica em Angola*"... (*Eu não comi...*)

OSTO/93

SUDESTE

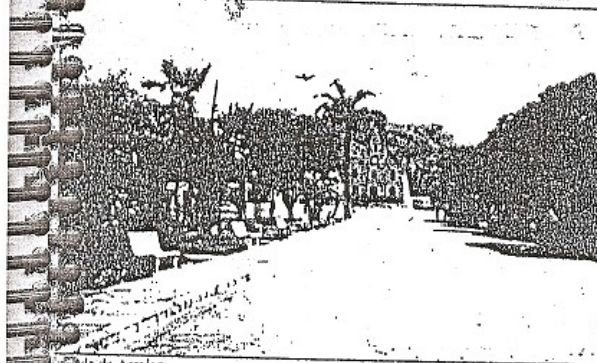
Arraias comemora 253 anos

No dia 1º de agosto, Arraias parou para comemorar seus 253 anos. Apesar da idade avançada, mostrou-se em grande forma: esbanjou juventude, alegria e exemplo. Na apresentação do Grupo Chapada dos Negros, formado de crianças carentes, Arraias mostrou ao Rio de Janeiro e ao mundo que é possível integrar meninos de rua à sociedade.

As comemorações pelos 253 anos de Arraias coítharam com uma série de atividades e um grande desfile de arraiaunos, muitos retornando à cidade natal apenas para a festa. Mesmo o prefeito, nem aqueles nascidos em Arraias, esteve presente às comemorações de aniversário.

futebol de salão, mirim e adultos - torneio de vólei e passeio ciclístico.

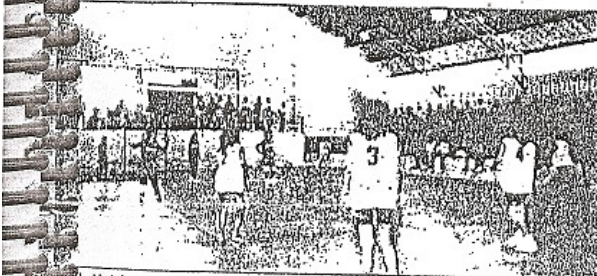
A última rodada do torneio de futebol, disputada entre os times da Polícia Militar e Jarec, foi extremamente competitiva. Em seguida, os vencedores receberam os troféus.



de Arraias.

O dia começou cedo. Já às 5 da madrugada, os arraiaunos tiram da cana com o toque da Alameda pela Banda da Polícia Militar. Depois cumpriu-se uma programação esportiva, que contou com torneio de

O final da noite reservou a cantora Márcia Ferreira que, num grande show ao ar livre, fechou a programação de aniversário de Arraias.



de Vólei, parte das comemorações pelo aniversário da cidade.

Chapada dos Negros

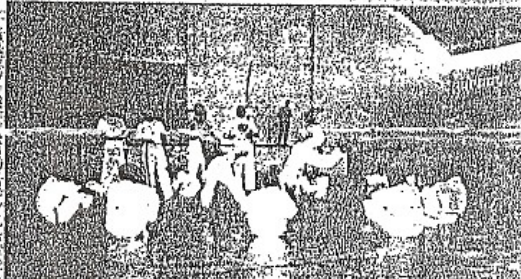
Enquanto no Rio de Janeiro, mata-se menino de rua, em Arraias eles são salvos graças ao trabalho voluntário de um soldado da Polícia Militar que usa a capoeira como arma de vida.

O grupo, que fez parte da programação de aniversário de Arraias, chama-se Chapada dos negros e é uma criação do soldado da PM Reginaldo Ferreira de Moura, o Mestre Fumaça - nome de capoeira.

O soldado dedica suas horas vagas - que, aliás são muito poucas -

tempo escasso, ele se esforça a multiplicar o trabalho social, através da formação de Diretores Zonais, primeiro deles assumirá Camp Belos.

Mestre Fumaça realiza o trabalho com poucos recursos. maior impedimento é a situação grande carência de seus meninos que têm no uniforme doado, a melhor roupa. Falta, também, orientação pedagógica e psicológica a meninos, apesar do enorme esforço que faz para suprir pessoalmente essas deficiências.



Grupo Chapada dos Negros se apresentando.

para ensinar capoeira a 100 menores carentes na faixa de 7 a 18 anos e assim, torná-los capazes de serem úteis à sociedade. Membro do Projeto Iniciar-Capoeira, do Mestre Gilvan, Reginaldo é um dos 70 Diretores Regionais espalhados pelo Brasil com a mesma finalidade: integrar meninos de rua à sociedade, através das oficinas de capoeira.

No Tocantins, Mestre Fumaça é o único, mas, apesar do

Com o objetivo de viabilizar um trabalho mais amplo, nesse ano o Prefeito Luis França convidou o soldado Reginaldo para assumir função de Chefe de Disciplina Colégio Agrícola. O Comando Polícia Militar de Arraias ajudará a aquisição do soldado, assim, poderá dedicar mais tempo Chapada dos Negros e desenvolver o mesmo trabalho com outros grupos.

Agosto 93

a história

Capoeira busca formar valores

Arraias - O grupo de capoeira que dança na Chapada dos Negros é integrado por Mestre Fumaça (José Reginaldo Ferreira de Moura), Aranha (Gilson Soares de Jesus), Zumbia (Otaviano Rodrigues), Beija-Flor (Jurafides Alves de Araújo), Pebinha (Sérgio Batista Barbosa), Piloto (Átala Régis Alves de Moura), Amazona (Leila Nunes Martins) e Ferrugem (Sabino de Alencar) e por mais 40 alunos em Arraias. A dança na senzala é a ponta de um projeto de grande alcance social que visa além de resgatar os monumentos históricos da Chapada dos Negros, apontar para a grande contribuição da raça negra na formação da cidade, uma contribuição moldada no suor, no sacrifício e no sangue dos elementos da etnia africana que extraiu o ouro sob o chicote dos feitores ao lado dos índios tapuios, habitantes originais do País.

A Associação Cultural Chapada dos Negros, uma entidade reconhecida por lei como de utilidade pública, atua com o Projeto Criança Capoeira e Cultura buscando a preparação física, mental e ética dos garotos tentando afastá-los dos caminhos da marginalidade e das drogas. A Associação já atua em Arraias, Novo Alegre, Taquatinga e Ponte Alta e usando a capoeira como suporte prático procura a integração social de cerca de 200 jovens nas quatro cidades. De cada capoeirista é exigido uma presença ativa nas escolas e a aprovação no currículo escolar. Em síntese, a brincadeira é séria porque para ser um capoeirista é exigido muita dedicação e empenho nos treinamentos. Mestre Fumaça adverte que o capoeirista não pode nem beber e nem fumar porque isso compromete o desempenho do atleta e dos seus valores morais. (R.L.)



São vários os regos de captação de água

Jornal do Tocantins junho 2003

RTE & Vida

Jornal do
Tocantins

João Freyde@jornaldotocantins.com.br
Palmas, terça-feira,
24 de junho de 2003

O Brasil está girando em torno de Lula? Este é o absurdo do presidencialismo: todos dependentes de um homem e de sua saúde física e mental. FHC posava de Rui Barbosa e esperávamos dele um presente do mundo do saber, um presente do alto. Lula pode nos dar um presente de baixo, com sua "ignorância" (fica em ver o óbvio), realizando a social-democracia que FHC formulou. **ARNALDO JABOR - PÁGINA 2**

Arraianos e simpatizantes querem

reservar a história

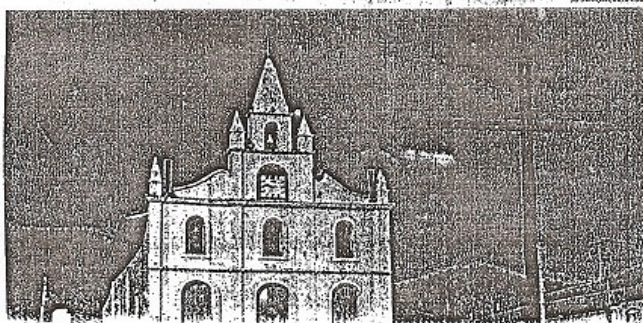
EDUARDO LEMIEU
Coluna Cultural

DESTRUIDORES OU
EXPECTADORES,
SEMOS TODOS
RESPONSÁVEIS PELO
PATRIMÔNIO
ARRAIANO E A PERDA
DE CADA
MONUMENTO NOS
EMBORECE
CULTURALMENTE, FAZ
QUE SEJAMOS
CIVILIZADOS.
O ALERTA VEM
COM O MOVIMENTO VIVA
ARRAIAS



Capoeira na Chapada dos Negros, no município de Arraias, manifestação expressiva da herança cultural

to podemos e nem devemos
ficar insensíveis à destruição
de uma cidade que por sua
beleza e papel histórico mere-
ceu melhor sorte. "Com este
impulso, o movimento *Viva
Arraias!* (Encontro dos Ar-
raianos e Amigos de Arraias)
pretende reunir em Arraias,
no Sudeste do Estado, distan-
te 446 km de Palmas. A exa-
ta 30 dias, começa o encon-
tro que vai reunir arraianos de
Palmas, Brasília, Goiânia e da
própria cidade, com o objeti-
vo de resgatar o papel históri-
co de Arraias como uma das



para perpetuar", com um apelo forte, responsável, mas marcado pelo dramatismo que as circunstâncias exigem, o movimento *Viva Arraias!* que pode, inclusive, se tornar uma ONG (Organização Não-Governamental) está enviando a seguinte mensagem aos arraianos da própria cidade, de Palmas, Brasília, Goiânia e alhures: "Destruídos ou expectadores, somos todos responsáveis pelo patrimônio arraiano e a perda de cada monumento nos emboresce culturalmente, faz com que sejamos menos e menos

Apêndice J – A Associação Cultural da Chapada dos Negros de Arraias é um dos grupos de resistência negra do Estado do Tocantins-Jornal do Tocantins/1998.

Gruonto

O Grupo de Consciência Negra do Tocantins – Gruonto, surgiu em 1995, nas comemorações dos 300 anos de morte de Zumbi, quando algumas pessoas, em Palmas e cidades vizinhas, interessadas em discutir questões como discriminação racial resolveram formar um movimento organizado. Segundo o diretor do Grupo, José Iramar, um dos primeiros passos foi reunir os integrantes e visitar a comunidade negra de Barra da Aroeira, no município de Santa Teresa, remanescente de quilombos.

Quilombos e Mucambos

Ligado à organização não-governamental Comsaúde, de Porto Nacional, o grupo tem uma coordenação estadual que é chamada de Quilombo e possui núcleos municipais denominados Mucambos. Existem Mucambos nas cidades de Miracema, Tocantínia, Porto Nacional, Palmas e Chapada da Natividade. Em Palmas, o Gruonto se reúne na sede da Comunidade Ecumênica Kolping, localizada na ARNO 32. A coordenação reúne-se mensalmente e realiza mobilizações nas datas comemorativas e alusivas à história do negro, como 13 de maio (Abolição da Escravidão), 20 de novembro (Consciência Negra) e outras.

Atualmente, 25 pessoas integram oficialmente o grupo e fazem um trabalho direcionado às escolas na área de teatro, música e capoeira. O Gruonto realiza exposições sobre cultura negra, oficinas de arte, organiza palestras, participa de seminários, entre outras atividades.



Foto: Mari Azeite

Antônio Liberack, coordenador do Projeto de Mapeamento. A equipe do Neab/TO já ganhou dois concursos: um do CNPq e outro da Fundação Ford. As pesquisas premiadas objetivam diminuir a desigualdade entre grupos no Brasil



A Associação Cultural da Chapada dos Negros, de Arraias, é um dos grupos de resistência negra no Tocantins. Comandada pelo Mestre Fumaça (foto), o grupo preserva as tradições, pesquisando e divulgando a origem do patrimônio histórico que é a Chapada dos Negros, no Sudeste do Estado

Segundo Iramar, quando são convidados a desenvolver um trabalho fora destas cidades, o Grupo apresenta um projeto e sai em busca de recursos. Durante dois anos ficaram em cartaz com a peça Arena Canta Zumbi, de Gianfrancesco Guarnieri, que tinha por subtítulo Rei Zumbi.

Mapeamento das Comunidades Negras

O Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros - Neab/TO está desenvolvendo o trabalho de mapeamento das Comunidades Negras Rurais do Estado do Tocantins. A partir do estudo da comunidade negra de Sucavão, em Santa Rosa, o Neab/TO começou a organizar algo mais elaborado e que pudesse criar uma linha de pesquisa e estudos sobre o negro no Brasil. "A linha que estudamos é a do negro no espaço rural porque a maioria da população negra está trabalhando nas fazendas", explica Antônio Liberack, coordenador do Projeto de Mapeamento. A pesquisa, enviada ao CNPq, é um projeto dirigido pelo Neab/TO, com apoio da Fundação Cultural e da Unitins. Além disso, tem

CARTA DE RECOMENDAÇÃO

A cidade de Arraias localiza-se a 446 Km de Palmas, a capital do Estado do Tocantins e apresenta uma população de aproximadamente 11.774 habitantes (*Anuário do Tocantins, 2000*). No século XVIII pertencia ao Estado de Goiás e localizava-se na região nordeste desse Estado. A sua origem está vinculada à organização das atividades de extração aurífera no lugar que hoje é conhecido como Arraial da Chapada dos Negros. Alguns estudiosos afirmam que 1740 teria sido o ano de fundação do Arraial de Nossa Senhora dos Remédios, Buqueirão dos Tapuios e, finalmente, Arraias.

Seu povo, seus arruados, seus casarões, a capoeira, as manifestações de fé e religiosidade, nos dão uma boa medida do importante patrimônio histórico – cultural que ali a tradição vem preservando há mais de dois séculos. Trata-se de um legado político, econômico e sócio-cultural, espécie de inventário das ações humanas, risos e lágrimas daquilo que hoje é denominado identidade tocantinense.

Entre as permanências desse legado histórico está uma situação de extrema exclusão da maioria negra, ainda sujeita ao desemprego, a falta de educação, saúde, lazer, enfim, das condições mínimas de afirmação da cidadania.

Traço recorrente da cultura local, a capoeira é praticada cotidianamente entre grupos de crianças, jovens e adultos, graças ao trabalho persistente de dois líderes comunitários: o policial José Reginaldo Ferreira Moura, Mestre Puntal, e a professora e educadora Sônia Adriane Tavares Moura. O trabalho desenvolvido por este casal é digno de registro não apenas por sustentar a cultura dos escravos da Chapada dos Negros e dos remanescentes. Isto por si só mereceria todo o nosso respeito e apoio.

Ocorre que o trabalho por eles desenvolvido vai muito além, pois aborda a questão da cidadania e da inclusão social através da *Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN)*. Esta associação não tem fins lucrativos e atualmente é responsável pela execução do projeto *Criança, capoeira, esporte e cultura*.


Este projeto trabalha com crianças e jovens da região do sudeste tocantinense e atual norte de Goiás. São nove cidades envolvidas com atendimento de 150 alunos na sede Arraias e uma média

de 350 na região em um trabalho que conta com pouco apoio institucional e considerável parceria com pais dos alunos e escolas da região.

O projeto objetiva promover a valorização da capoeira enquanto manifestação cultural, instrumento de inclusão social, prática educativa e meio de desenvolvimento físico-cognitivo e afetivo.

Recomendo a adesão e o apoio a este trabalho pioneiro na região e no Estado do Tocantins por sua relevância social, por seu alcance educacional, por suas propostas concretas de afirmação da identidade quando o lugar comum é o esquecimento, por possibilitar às crianças e aos jovens arraianos e da região um espaço livre, aberto e democrático para o exercício de suas potencialidades como cidadãos.

Arraias, TO, 2 de fevereiro de 2005


MARCOS EDILSON DE ARAUJO CLEMENTE
HISTORIADOR

Apêndice M – Declaração de Funcionamento da ACCN pela Promotoria de
Justiça de Arraias em 23/12/2004

MINISTÉRIO PÚBLICO
ESTADO DO TOCANTINS

**PROMOTORIA DE JUSTIÇA DE ARRAIAS
GABINETE DO PROMOTOR**

*O Bel. João Alves de Araújo, Promotor
de Justiça desta Comarca, no uso de
suas atribuições legais, etc., e,*

DECLARAÇÃO

*Atendendo a requerimento dos representantes
legais da Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN), inscrita no
CNPJ nº 01.856.585/0001-09, situada na Avenida Costa e Silva, nº 11,
Centro, nesta cidade de Arraias/TO, declaro para os fins que se fizerem
necessários, que a referida Associação é reconhecida pela Lei Municipal
nº 518/97, de 10 de novembro de 1997, como Entidade Filantrópica, sem
fins lucrativos, tem por finalidade e objetivos, manter, desenvolver e
divulgar a capoeira; divulgar o esporte em geral; divulgar o folclore
brasileiro; buscar mecanismos para a preservação e divulgação da
política de defesa de direitos e interesses da cultura negra; e ainda, lutar
contra toda e qualquer discriminação, em especial as de cor, credo e raça.*

*Declaro ainda, que a referida Entidade, desde a
sua criação, vem promovendo e desenvolvendo suas atividades atinentes a
prática do esporte, capoeira, buscando cada dia mais a mobilização,
integração, socialização, maior divulgação e difusão das práticas
esportivas, artística e cultural, cuja área de atuação é integralizada por
crianças, adolescentes e jovens, humildes e carentes, que compõem a
mesma, além do mais goza da confiança e respeito da comunidade,
especialmente do Representante Legal do Ministério Público desta
Comarca, pela desenvoltura, criatividade e pela forma como tem
desenvolvido as suas atividades no sentido de levar aos jovens que
participam do programa, mais esperança nos seus corações e que vê não
somente na Entidade, mas também pelos seus dirigentes, um grande
esforço para resgatar a cultura negra e a sua transformação social.*

*Por ser verdade, firmo a presente em duas vias,
de igual teor.*

Arraias, 23 de dezembro de 2004.

*João Alves de Araújo
Promotor de Justiça*

Apêndice N – Declaração emitida por instituição parceira da ACCN - Polícia Militar do Estado do Tocantins em 04/10/2007



POLÍCIA MILITAR DO TOCANTINS
1ª COMPANHIA INDEPENDENTE DE POLÍCIA MILITAR
GABINETE DO COMANDO – 1ª CIPM

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins de direito que a **ASSOCIAÇÃO CULTURAL CHAPADA DOS NEGROS**, por meio do Projeto “**Criança, Capoeira, Esporte e Cultura**”, desenvolve ações complementares à escola por meio da prática da capoeira, com crianças e jovens em situação de risco social.

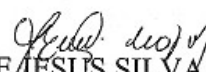
Outrossim, vejo no referido trabalho uma iniciativa louvável e de grande importância social, não apenas para os jovens que o integram, mas, sobretudo, para os pais, professores e sociedade em geral, que se espelham na iniciativa para, juntos, unirem forças para o desenvolvimento e educação da juventude Arraiana.

Declaro ainda, que quando jovem, fui aluno do referido projeto, entendendo que as lições ali repassadas foram de importância fundamental para meu aprimoramento físico, intelectual e, sobretudo moral.

Desta forma, afirmo ser a 1ª Companhia Independente da Polícia Militar (1ª CIPM), parceira, colaboradora e, sobretudo incentivadora do referido projeto por entender ser um dos poucos e maiores projetos que o município dispõe para o engrandecimento e formação de seus jovens.

Por ser verdade, firmo o presente documento.

Arraias-TO, 04 de outubro de 2007.


EDVAN DE JESUS SILVA – MAJ QOPM
Comandante da 1ª CIPM

Apêndice O - Feriado Municipal - Dia 20 de Novembro



PREFEITURA MUNICIPAL DE ARRAIAS – TO
A gente sabe que faz!
Adm. 2005 / 2008
CNPJ – 01.125.780/0001 – 69

LEI Nº767/2007, DE 11 DE DEZEMBRO DE 2007.

"Institui Feriado Municipal e dá outras providências."

A PREFEITA MUNICIPAL DE ARRAIAS

Faço saber que a Câmara Municipal de Arraias, Estado do Tocantins, **aprovou** e eu, no uso das atribuições que me são conferidas pelo art. 70 inciso IV da Lei Orgânica do Município, **sanciono** a seguinte Lei:

Art. 1º. – Fica instituído o feriado municipal do Dia da Consciência Negra, a ser comemorado todos os dias 20 do mês de novembro.

Art. 2º. - Fica a data incluída no Calendário Oficial de Datas e Eventos do Município de Arraias.

Art. 3º. - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete da Prefeita Municipal de Arraias – TO, aos 11 (onze) dias do mês de dezembro de 2007.


Mariseth Batista Almeida Vasconcelos
Prefeita Municipal

Rua Cal. Otávio Magalhães, 01 – 1º andar – Centro
CEP: 77330-000
ARRAIAS – TOCANTINS

Fone: (63) 3653 1370
Fax: (63) 3653 1451
e-mail: administracao.arraias@hotmail.com

ANEXOS

Anexo I – O Jornal - A força da Chapada dos Negros

JORNAL TOCANTINS, GOIÁS, BRASÍLIA 3 DE 12 A 18 DE JULHO DE 2009

CULTURA

A força da Chapada dos Negros

ROSALVO LEOMEU

A Associação Cultural Chapada dos Negros, com sede em Arraias, investe na capoeira e nas tradições arraianas, vira destaque nacional e ganha prêmio da UNICEF-Itaú.

Dentro do contexto da globalização do movimento capoeirístico, uma das associações que mais têm crescido é a Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN), sediada em Arraias (TO), que atua no Sudeste do Tocantins e Nordeste de Goiás, sob a direção do policial militar Mestre Fumaça e de sua esposa, a professora Sílvia Adriane.

Beneficiando crianças e adolescentes em risco social, com um trabalho sério, dedicado e consistente há mais de uma década, a associação foi reconhecida nacionalmente em 2007 com a conquista do Prêmio UNICEF-Itaú na categoria de Microporte. A chance de um prêmio com a marca de um organismo da ONU e de um dos maiores bancos brasileiros veio mostrar que no interior do Brasil também se desenvolvem trabalhos de alto alcance social e histórico.

A partir da conscientização de que é importante crianças e adolescentes valorizarem sua origem negra, raízes e tradições, a Associação Cultural Chapada dos Negros criou o projeto Criança, Capoeira, Esporte e Cultura cujo desenvolvimento lhe valeu o Prêmio UNICEF-Itaú. Seu objetivo é "promover a conscientização, a mobilização, o resgate cultural, a preservação do patrimônio histórico imaterial e integração de crianças e jovens em situação de risco social, por meio da prática da capoeira". Mestre Fumaça e Sílvia Adriane destacam o seguinte: Pretende-se com este projeto ser referência

para as comunidades afro-descendentes, elevando-se sua auto-estima e sua qualidade de vida".

O projeto vem se desenvolvendo não só em Arraias, mas também em outras cidades do Sudeste do Tocantins, inclusive, comunidades rurais. Inserida nessa proposta a ACCN tem promovido encontros de capoeira e encontros de raça negra e remanescente de quilombos. A equipe de Mestre Fumaça e Sílvia Adriane trabalha com cerca de 300 crianças e luta pelo tombamento da Chapada dos Negros, local de garimpo onde a cidade de Arraias começou. A Associação tem parcerias com a Universidade Federal do Tocantins (UFT), com as prefeituras de Arraias (TO), de Novo Alegre (TO), de Monte Alegre (GO), com o Projeto Gênia Mulher e com as comunidades quilombolas de Lagoa da Pedra e de Kahunga Mimosa. Sobre a importância do prêmio concedido pela UNICEF e Itaú, Mestre Fumaça tem esta opinião: "Esse prêmio nos dá credibilidade para conseguir novas parcerias porque os capoeiristas em suas lutas, muitas vezes, enfrentamos a indiferença dos poderes públicos. O prêmio nos dá credibilidade e mostra que nosso trabalho é sério".

O alemão Johann Moritz Rugendas pinta ancestralidade da capoeira em Arraias com a Associação Cultural Chapada dos Negros e ganha prêmio do UNICEF-Itaú.






Anexo II – Declaração da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil



Serviço Público Federal
Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

CERTIDÃO

CERTIFICO que no Livro de Registro das Formas de Expressão, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, instituído pelo Decreto número 3.551, de 4 de agosto de 2000, consta à folha 9, verso, o seguinte: “Registro número 7. Bem cultural: **Roda de Capoeira**. Descrição: A capoeira é uma manifestação cultural presente hoje em todo o território brasileiro e em mais de 150 países, com variações regionais e locais criadas a partir de suas “modalidades” mais conhecidas: as chamadas “capoeira angola” e “capoeira regional”. O conhecimento produzido para a instrução do processo permitiu identificar os principais aspectos que constituem a capoeira como prática cultural desenvolvida no Brasil: o saber transmitido pelos mestres formados na tradição da capoeira e como tal reconhecidos por seus pares; e a roda onde a capoeira reúne todos os seus elementos e se realiza de modo pleno. A **Roda de Capoeira** é um elemento estruturante desta manifestação, espaço e tempo onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana – capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira se batizam os iniciantes, se formam e se consagram os grandes mestres, se transmitem e se reiteram práticas e valores afro-brasileiros. Esta descrição corresponde à síntese do conteúdo do processo administrativo nº 01450.002863/2006-80 e Anexos, no qual se encontra reunido um amplo conhecimento sobre esta Forma de Expressão, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. O presente Registro está de acordo com a decisão proferida na 57ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 15 de julho de 2008. Data do Registro: 21 de outubro de 2008”. E por ser verdade, eu, Marcia Genésia de Sant’Anna, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, lavrei a presente certidão que vai por mim datada e assinada. Brasília, Distrito Federal, 20 de novembro de 2008.

Marcia Genésia de Sant’Anna



Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Mestrado em História

Termo de autorização para o uso de imagens e depoimentos para fins de pesquisa acadêmica.

Nós, abaixo relacionados, na qualidade de participante/entrevistado(a), autorizamos que fotos, filmagens e depoimentos que nos incluam, possam ser divulgados sob a responsabilidade da pesquisadora Sílvia Adriane Tavares Moura, Acadêmica do Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Assumimos a nossa participação voluntária, a partir de nossas histórias de vida, na Dissertação de Mestrado intitulada "Nas palmas da Capoeira: Resistência Cultural na Chapada dos Negros – o caso da cidade de Arraias/TO (1984 - 2012)".

Temos ciência de que a divulgação será utilizada em atividade vinculada ao curso e a difusão do conhecimento produzido na pesquisa explicitada. A guarda e demais procedimentos de segurança com relação aos dados e informações, são de responsabilidade total da pesquisadora responsável.

1. Raphael Alves Vieira da Silva (Cego), Albores Terrero - Palmas-TO
2. Celina de Gbadia R. Araújo
3. Doracy da Cunha e Silva
4. Francinaldo
5. João de Lima Silva Neto

6. Quirino Antonio de Freitas
7. Pelay Cantoria dos Santos
8. Joana Balbina Serapim dos Reis
9. Conceição de Jesus Francisco Costa
10. Simão Dias Pereira
11. Neureci de Queiroz Teloso.
12. Romário de Almeida Aires
13. Estelão Ferreira Lopes Borreto
14. Penelope Francisco da Cunha.
15. Luca Santiago Rodrigues Costa
16. João Aurélio de Jesus de Costa
17. Isabella Costa de Almeida
18. Rubens S de Oliveira
19. Carlos Antonio A. Silva
20. Thijm de Jesus Amor Sobrinho.
21. Valeriano Rodrigues Farias
22. Admiral Martins Silva
23. Romário Xavier Torres
24. Sérgio Margaritães
25. Atos Gabriel O. Moura
26. Kajemy Xavier Torres
27. José Reginaldo Ferreira Moura
28. Gonathas Alencar Marques